

Evolução física (v.II) (revisto para datilografar)

PREFEITURA DA CIDADE DO SALVADOR
OCEPLAN - ORGÃO CENTRAL DE PLANEJAMENTO
PLANDURB - PLANO DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO URBANO

EVOLUÇÃO FÍSICA DA CIDADE DO SALVADOR

PLANDURB
Série de Estudos Informativos, nº 2

Salvador - 1979

PLANO DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO URBANO - PLANDURB

CONSULTORIA GERAL

ISP - Centro de Estudos Interdisciplinares para o Setor
Público da Universidade Federal da Bahia.

Margarida Maria Costa Batista - Diretora

EQUIPE DE COORDENAÇÃO TÉCNICA

Antônio Heliódório Lima Sampaio

Deloy Haynau Becker

José Antônio Gomes de Pinho

Paulo de Arruda Penteado Filho

COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA

Nildenor Ourives de Souza

EQUIPE TÉCNICA RESPONSÁVEL PELO ESTUDO

COORDENAÇÃO

Américo Simas Filho - Arquiteto

SUPLENTE

Maria do Socorro Targinó Martinez - Arquiteto

ASSESOR

Diógenes Rebouças - Arquiteto

TÉCNICOS

Guivaldo D'Alexandria Baptista - Arquiteto

Nadir Gomes Franco Lima - Arquiteto

Jeda Robbato Idasi - Arquiteta

Maria Vidal de Negreiros Camargo - Historiador

Ledna Macedo Nandin - Historiador

ESTAGIÁRIOS

Ana Maria Cavalheiro de Lacerda

Maria de Fátima Fontainha de Souza

Maria Yacê Carleial Feijó de Sá

Eliana de Souza Cunha

Maria Célia Pedreira de Cerqueira e Coelho

Ana Tereza de Freitas Sampaio

Noeme de Carvalho

Denise Fraga Andrade

José Vieira Vasconcelos Neto

Rancisco José Martins Moysés

Este trabalho foi realizado com a col
aboração da FINEP - Financiadora de Es
tudos e Projetos e do DESENBANCO - Ban
co de Desenvolvimento do Estado da Ba-
hia S/A.

E V O L U Ç Ã O U R B A N A D E S A L V A D O R

2º VOLUME

2. SEGUNDO PERIODO (1651 - 1800)

2.1 - INTRODUÇÃO

2.2 - 1ª FASE (1651 - 1730)

2.2.1 - O Depoimento dos Viajantes Estrangeiros

2.2.1.1 - Francisco Coréal - 1685

2.2.1.2 - O Engenheiro Froger - 1696

2.2.1.3 - William Dampier - 1699

2.2.1.4 - Amadeu Francisco Frezier, Engenheiro Militar - 1714

2.2.1.5 - La Barbinais - 1717

2.2.2 - A PLANTA DE SALVADOR DO BRIGADEIRO JEAN (JOÃO) MASSÉ

2.2.3 - A PRECIOSA CONTRIBUIÇÃO DE SEBASTIÃO DA ROCHA PITA

2.2.4 - A CIDADE DO SALVADOR EM 1730

2.2.4.1 - Bairro da Praia - Cidade Baixa

2.2.4.2 - Mancha Matriz - Cidade Alta

2.2.4.3 - Fora das Portas, na Direção Sul

2.2.4.4 - Fora das Portas, na Direção Norte

2.3 - 2ª FASE (1730 - 1800)

2.3.1 - FONTES

2.3.1.1 - Iconográficas

2.3.1.2 - Escritas

2.3.2 - Metodologia

2.3.3 - O que contém a Notícia Geral desta Capitania na Bahia sobre a Cidade do Salvador

2.3.4 - Ultimo Quartel do Século XVIII

2.3.4.1 - Os Governantes

2.3.4.2 - Luis dos Santos Vilhena e suas "Cartas Soteropolitanas".

2 - SEGUNDO PERÍODO - 1651 a 1800

2.1 - INTRODUÇÃO

Na esquematização dos períodos em que se devia proceder ao estudo da Evolução Urbana de Salvador, levamos em conta a existência de Fontes Bibliográficas, Iconográficas, Arquivísticas e outras, que permitissem uma imprescindível margem de segurança, sobretudo nos mapeamentos periódicos, indicadores do desenvolvimento físico da cidade pesquisada.

Nestas condições, e tendo-se em vista que o II Período do projeto deveria referir-se à chamada "Idade de Ouro da Salvador Colonial", fixamos como tal etapa, o espaço de tempo transcorrido entre o fim das lutas com os flamengos e o término do século XVIII, 1800.

Estabelecido este critério, consideramos que o extenso espaço de um século e meio, poderia ser dividido em duas etapas, à vista da disponibilidade de dados - escritos e gráficos - que possibilitassem a apresentação de Plantas e Vistas da Cidade do Salvador, com apreciável grau de certeza, a saber:

1a. Etapa - De 1651 a 1730;

2a. Etapa - De 1731 a 1800.

Feitas estas breves, mas indispensáveis considerações,

passemos ao estudo da Evolução Física de Salvador entre 1651 a 1730.

2.2 - I^a FASE - 1651 a 1730

A partir da segunda metade do século XVII, inicia-se um período de suma importância para a Cidade do Salvador, que vai até a Independência.

Foram mais de 100 (cem) anos de desenvolvimento, constituindo-se no que se costuma chamar de século de ouro da Bahia Colonial, quando a maioria dos edifícios religiosos que hoje constituem o patrimônio monumental de maior significado na Cidade do Salvador, e, em muitos aspectos, em todo o Brasil, foram construídos, terminados ou iniciados e também os solares nobres, ao tempo em que a cidade se expandia por várias novas áreas.

Desde o século XVI que o açúcar constituía uma grande riqueza para a Bahia, estando os principais e mais importantes engenhos localizados no Recôncavo, de que era a Cidade do Salvador escoadouro natural. Dessa forma a riqueza agrícola, baseada no açúcar, a que veio se juntar século seguinte o fumo, outra das bases econômicas da colônia, a mineração e, também, o desenvolvimento da pecuária no nordeste, tornaram possível, na segunda metade do século XVII e primeira do século XVIII, a construção dos edifícios mais importantes e nobres legados pela Colônia, recordando-nos o fausto da época, aqueles que ainda perderam. São do período as seguintes obras entre outras: a ampliação final

da Casa da Câmara; o novo Palácio dos Governadores; a atual igreja dos Jesuítas e suas dependências inclusive o Colégio e o Convento e Igreja de Santa Tereza; o Convento do Desterro; o Convento e Igreja de São Francisco; as igrejas da Palma, São Pedro Velho, Lapa, N.S. do Rosário, Ordem 3a. de São Francisco, Carmo e São Domingos; S. Miguel, Boa Viagem, Penha, Conceição do Boqueirão; matrizes do Paço, Pilar, Saúde, Santana, Santo Antonio da Mouraria, Barroquinha e S. Casa de Misericórdia, em muitas das quais ainda se trabalhou no fim do século e no início do XIX. Grandes casas senhoriais são deste tempo, como o Paço do Saldanha, a Casa dos Sete Candeeiros, e Palácio do Arcebispo, Solar Ferrão, a casa de repouso do Arcebispo na Penha e muitas outras. Foi, inegavelmente, o período áureo da cidade, na época colonial, dando-lhe o aspecto imponente, que chegou a ter. A Cidade do Salvador era magnífica nesse tempo, pouco ficando a dever às melhores cidades portuguesas.

Como é sabido, Salvador "de há muito ultrapassara a "Goa Dourada" e tornara-se a segunda cidade do império português, tendo a sua frente em população e importância, apenas Lisboa". (1)

Como capital do Brasil, era a sede do Governo Geral e, a partir de 1714, do Vice-Reinado e Único Arcebispado da América Portuguesa, desde 1675.

"Mostrava-se entreposto próspero de comércio com Portugal e a África do Norte, o principal posto baleeiro do Atlântico, ga-

bando-se de possuir um estaleiro de certa importância. Era, igualmente, sede da Relação, ou Supremo Tribunal, e só não possuía uma Universidade, como acontecia a várias cidades da América Espanhola, porque as solicitações dos moradores, no sentido de que o Colégio dos Jesuitas fosse elevado àquela categoria, tinham sido rejeitados pela Coroa, a conselho da Universidade de Coimbra". (2)

A partir do instante em que Portugal substituiu o sistema de governadores gerais pelo de vice-reis, tentando modificar sua política em relação ao Brasil, evidenciou ter plena consciência de que esta era, a sua colônia mais importante, a que lhe rendia mais e, por isso mesmo, merecia maior cuidado; a situação modificou-se em muitos aspectos.

Ao criar o Vice-Reinado, também sediado em Salvador, Portugal fez aquilo que a Espanha fizera desde o princípio: designa para governar o Brasil administradores hábeis, políticos, homens de experiência administrativa e não mais capitães, generais, militares, como tinha acontecido no período anterior. Foi uma decisão adequada, tendo-se em vista a descoberta das minas, o grande desenvolvimento da indústria da cana de açúcar e, na Bahia, o importante incremento da cultura do fumo, cuja plantação e exportação, segundo Pierre Verger, se constituiu, realmente, numa das maiores riquezas da Bahia durante todo este período, tornando possível, por exemplo, o progresso de Cachoeira, que veio a ser a 2a. cidade da Bahia, comparável mesmo à cidades européias, no fim do século XVIII e princípios do século XIX.

Estabelecidas essas breves premissas, que justificam considerar-se o Período em estudo como a Idade de Ouro da Soterópolis colonial, fixamos a nossa atenção em um tipo de informantes da maior importância para o conhecimento da Cidade do Salvador de 1651 a 1730, ou seja o relato dos Viajantes estrangeiros que nos visitaram na época em exame.

2.2.1 - O DEPOIMENTO DOS VIAJANTES ESTRANGEIROS

Os depoimentos dos Viajantes Estrangeiros que visitaram a Cidade do Salvador, no período em exame, constituem uma das fontes mais preciosas para o conhecimento da mesma na época, seu desenvolvimento, hábitos e costumes, constituindo-se em valiosa notícia. Embora variem em função do grau de instrução do informante, de sua origem e de suas convicções, entretanto, possuem pontos comuns que valorizam as informações prestadas. Deve-se tão significativa contribuição ao ~~dato~~ historiador Afonso d'Escragnolle Taunay, publicada na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, tendo sido tiradas Separatas, de que nos servimos no presente trabalho.

Na "Advertência" com que apresenta e justifica o trabalho, datada de fevereiro de 1923, o ilustre Autor afirma:

"O prazer com que sempre li as relações de viagem, sobre tudo do Brasil, as de nacionais e estrangeiros, levou-me a percorrer numerosos livros esquecidos de navegadores de diversas nacionalidades, visitantes de nosso país na era colonial."

Como geralmente estas narrativas são hoje raras, algumas até raríssimas, ocorreu-me a idéia de as resumir e comentar despretenciosamente, para oferecer aos estudiosos das cousas nacionaes' mais alguns elementos informativos sobre os nossos antigos tempos, ' por vezes summamente valiosos e quasi sempre sobremodo pittorescos , como em geral succede aos depoimentos exóticos". (3) O alto propósito visado foi amplamente atingido, pois nos quase sessenta anos volvidos sobre a publicação do "Na Bahia Colonial - 1610 - 1764", todos os estudiosos sérios da Cidade do Salvador tiveram de utilizar os indispensáveis dados contidos na importante obra.

Seguindo os Mestres, nós também iremos buscar no citado precioso livro, as informações relativas aos nossos objetivos.

Faremos um resumo das observações dos diversos viajantes incluídos na relação apresentada por Taunay, segundo um critério ' cronológico, como é óbvio, a saber:

2.2.1.1 - Francisco Coréal - 1685

Afonso d'E. Taunay assim começa a parte de seu estudo ' dedicada às informações de Coreal:

"Um dos enigmas da Bibliographia franceza é o que se refere às Viagens de Francisco Coréal. Será realmente uma obra de auç

tor que existiu ou alguma contrafacção habilmente obtida por meio de cerzidura das relações de diferentes viajantes? É o que até hoje não se desvendou". (4)

Analisando as afirmações do "falso ou verídico Coréal" no que se refere à Bahia, encontramos:

"Falando da Bahia, encarece-lhe Coréal o extraordinário comércio, o papel de grande entreposto para as farinhas, vinhos e azeites, fazendas, objectos manufacturados e os escravos africanos. Enorme o seu movimento, onde avultava a exportação de ouro, assucar, fumo, pau brasil, couros, balsamo de copahiba e a "Hippecaquana"(sic). Impressionaram-no a topographia da cidade e a estreiteza da região litoranea; havia entre o porto e a parte alta da cidade uma especie de guindaste para o transporte das mercadorias. Tão ingremes as ladeiras, que por ellas se tornava impossivel o transito de vehiculos.

Bem fortificada, tinha contudo a mais desprezivel guarnição, soldadesca própria para todos os misteres, menos para o da guerra, indisciplinada e dissoluta.

Compunha-se, quasi exclusivamente, de "uns trastes sem coração, tão perigosos quanto covardes assassinos".

Nada menos lisonjeiro do que o retrato traçado dos Bahianos por Coréal. "Lubricos, futeis, arrogantes, basofios, covardes, ignorantes e carolas quanto possível".

Não é que se não mostrassem "polidos e cortezes de modos, mas tão susceptíveis em matéria de honra, tão ciumentos no capítulo das mulheres e tão ridículos acerca de sua grandeza, que se tornava muito difficil, sinão impossivel, te-los como amigos".

Ao grande libidinoso, a quem tanto preocupavam as mulheres, apenas a algum lugar chegava, indigna o claustramento das Bahianas.

"São menos visiveis ainda que no México, annota, mas nem por isto menos libertinas, pois para satisfazerem às paixões põem em jogo todos os estratagemas, mesmo embora arriscando honra e vida , pois, se acaso são apanhadas em flagrante, os maridos as apunham impunemente, ou os próprios paes ou irmãos as prostituem. Passam então a ser públicas cortezãs, à disposição de brancos e negros". (5)

2.2.1.2 - O Engenheiro Froger - 1696

O Engenheiro Froger, de nacionalidade francesa, fazia parte da tripulação do navio do comandante De Gennes, engenheiro naval de mérito, que chegou a Salvador em 20 de julho de 1696, demorando-se até 7 de agosto seguinte, quando zarpa para a França.

"Desta jornada naval existe curioso documento; o livro impresso em Paris em 1698 por Michel Brunet: "Relation d'un voyage ' fait en 1695, 1696 et 1697 aux Côtes d'Afrique, Détroit de Magellan ,

Brésil, Cayenne et Iles Antilles, par une escadre des Vaisseaux du Roy, commandée par monsieur De Gennes faite par le Sieur Froger Ingénieur Volantaire sur le vaisseau le "Faucon Anglais", enrichie de grand nombre de figures dessinées sur les lieux". (6)

Governava o Brasil na ocasião, D. João de Lencastre que, no dia imediato à chegada de De Gennes, portanto, a 21 de julho de 1696 foi visitado pelo Comandante francês e seu Estado Maior, quando tiveram oportunidade de assistir à procissão da Festa de Corpus Christi, que o Engenheiro Froger descreve da seguinte maneira:

"uma quantidade prodigiosa de cruces, relicários, andares, paramentos ricos, muita tropa formada, mesteres, confrarias e congregações". Surpreendera-o, porém, a presença de "bandos mascarados, músicos e dansarinos que com as posturas lubricas perturbavam inteiramente a ordem da sancta cerimônia". (7)

Assistiu a saída da frota do ano, composta de navios mercantes escoltados por uma divisão de naus de guerra portuguesas, surpreendendo-se com o grande volume de mercadorias exportadas da Bahia para Lisboa.

Referindo-se a Salvador, Froger faz, entre outras, as seguintes observações:

1 - Gabou os edifícios públicos, os estaleiros de cons -

trução naval, as fortalezas, as igrejas e os conventos;

2 - Achou os baianos asseados, cortezes e sérios, exceto a arraia muida, muito atrevida;

3 - "Comumente ricos, eram muito afeiçãoados ao comércio e geralmente de raça judia".

4 - "Prodigiosamente ardentes nada negam às mulheres , que, aliás, são dignas de lástima, pois nunca vêm a quem quer que seja. Apenas saem aos Domingos, de madrugada, para ir à igreja. São os baianos extraordinariamente ciumentos, e é um ponto de honra apunhalar um marido à mulher desde que se convença de sua infidelidade".

5 - "Como a cidade tem altos e baixos e por conseguinte os carros allí não podem prestar serviço, os escravos fazem as vezes ' de cavallos, transportando de um lado para outro as mercadorias mais pesadas. É também pela mesma razão que o emprego de palanquins está allí generalizado". |...|

"Constitui o tal veículo uma rede coberta por pequeno docel bordado, carregada por dous negros e suspensa de longa vara. A gente de distinção nelle se faz transportar à egreja, às vistas e ao campo".

6 - "Da altura e das construções das casas da Bahia faz Froger os maiores elogios, assim caso das igrejas, sua rica ornamentação, paramentos e alfaias".

7 - Ficou muito impressionado com os "grandes mosteiros, ricos e numerosos, sobretudo o dos Jesuitas, que abrigava 190 religiosos e em cuja egreja havia a mais rica, artística e monumental das sacristias!"

8 - "Passando a descrever o Recôncavo", Froger trata de "suas produções, legumes e fructos, da caça", da prodigiosa quantidade

de formigas, das ervas medicinais.

9 - Faz considerações "sobre a desgraçadíssima condição dos negros no Brasil e a crueldade com que os tratavam os brancos, mas, "assim mesmo" declara "os espanhóis e ingleses ainda são mais cruéis".

(8)

Partiu da Bahia em 7 de agosto de 1695.

Importante depoimento o do francês Froger, cujo testemunho se torna ainda mais significativo, por se tratar de um Engenheiro, apto, por conseguinte, a emitir um bom juízo sobre as construções, o que faz com elogios para as obras mais significativas então existentes.

2.2.1.3 - William Dampier - 1699

Menos de três anos decorridos da partida de Froger, chegou a Salvador, em 23 de março de 1699, William Dampier.

Dele, escreveu Taunay: "Apesar de amortecida pelos longos anos decorridos de 1710 para cá, ainda se conserva nos fastos da armada britânica a memória de William Dampier, ousado marítimo que, nascido em 1652, começou a navegar desde menino e foi verdadeira' celebritade em sua pátria nos princípios do século XVIII". (9)

Constitui o seu depoimento um dos mais importantes de quantos conhecemos, o que se devia esperar, dada a sua qualificação.

A respeito da cidade, assim a descreveu:

"A vila propriamente dita consiste em cerca de duas mil casas, a maior parte das quais não pode ser vista do porto, porém, as que aparecem, com grande mistura de árvores entre elas, e todas colocadas sobre elevações, formam uma perspectiva muito agradável. Aqui vive um arcebispo, que tem um belo palácio na cidade, e o palácio do governador é um bom edifício de pedra, e do mar causa boa impressão, embora por dentro o mobiliário não mostre requinte algum. Tanto espanhóis como portugueses, em suas colônias no exterior, como observei geralmente aqui, gostam de ter casas grandes, mas não se interessam pelo mobiliário, a não ser no gosto pelos quadros, que aparecem em alguns deles. As casas da vila têm dois ou três andares, com telhados cobertos de telhas curvas. E muitas delas têm sacadas. As ruas principais são grandes, e todas pavimentadas ou cobertas com pedregulho. Há também passeios públicos nos lugares mais notáveis da vila, e muitos jardins, tanto dentro como fora da cidade, e ali são cultivadas árvores frutíferas, plantas medicinais, verduras para saladas, e flores em grande variedade, mas arranjadas sem grande ordem ou arte". (10)

Considerou Salvador cidade de "notável comércio", pois, na ocasião "via-se na Bahia grande número de negociantes. Trinta navios estavam fundeados no seu porto, guardados por duas náos de guerra", excetuando-se "duas embarcações negreiras prontas para singrar para Angola". Havia, também, "uma grande quantidade de barcos pequenos, de cabotagem, constantemente a entrar e sair do porto".

Os mais importantes artigos importados eram:

- 1 - Fazendas Finas;
- 2 - Fazendas Grossas;
- 3 - Roupas feitas;
- 4 - Farinhas;
- 5 - Óleo;
- 6 - Vinhos;
- 7 - Queijos e Manteiga;
- 8 - Ferro;
- 9 - Objetos Manufaturados, sobretudo em Estanho;
- 10 - Carnes Salgadas.

E os de exportação:

- 1 - Açúcar;
- 2 - Fumo em rolo e em pó, e nunca em folha;
- 3 - Madeiras tintoriais, sobretudo pau-brasil;
- 4 - Couros Crus;
- 5 - Sebo;
- 6 - Azeite de Baleia, e outros.

Notou o navegador inglês "quanto era o açúcar do Brasil superior ao das colonias inglesas", onde a refinação deixava muito a desejar.

Os navios das frotas portuguesas chegavam, geralmente , em Fevereiro e Março e voltavam em fins de Maio ou princípios de Junho.

Os navios negreiros carregavam na Bahia açúcar, aguardente, fumo, panos grossos de algodão de Cabo Verde e bugigangas, e traziam da África ouro, marfim e escravos.

Assinalou como era ativa a cabotagem em Salvador, "entre posto geral de todo o Brasil, e os demais portos do paiz".

Pelo Natal, as tripulações desses barcos, - escravos negros - dedicavam-se à pesca da baleia, muito abundante na costa baiana, que até dentro dos portos e dos mangues penetravam, sendo aí mortas.

A construção naval era intensa, sobretudo de barcos de cabotagem, mas Dampier viu um navio de guerra de 50 canhões, "feito de madeira da terra, excelente para a construção naval", devendo durar mais tempo que os vasos da Europa. (11)

Aportando aqui em 23 de março de 1699, William Dampier permaneceu até 23 de abril seguinte, sendo ainda Governador D. João de Lencastre.

Durante sua estada entre nós, fez o navegador britânico outras interessantes observações, como, por exemplo:

1 - Que na cidade havia abundância, pois além dos negociantes e armadores, nela residiam diversas pessoas bem ricas e oficiais de todos os ofícios que, pelo trabalho e a indústria, passavam muito folgadoamente, sobretudo desde que tivessem meios de comprar escravos, um ou dois que fossem.

2 - Que entre os principais contavam-se artífices ferreiros, chapeleiros, sapateiros, curtidores, alfaiates, carpinteiros e tanoeiros.

3 - Verificou a grande utilidade dos escravos, porque então se fazia grande comércio marítimo e as cargas desembarcavam no sopé de uma montanha singularmente ingreme, de modo que os veículos não poderiam vencê-las. "Assim há absoluta necessidade do lombo dos escravos para o transporte das mercadorias para a cidade, coisa sobre modo útil à arraia muida".

4 - Como bom marinheiro, Dampier deu detalhada explicação sobre o funcionamento dos guindastes entre a Cidade Alta e Baixa, a saber:

"Dispunham os comerciantes "da commodidade de uma bôa talha em que havia polias e cordas, subindo uma ponta destas, à medida que a outra descia. A casa em que funciona esta talha está no cume da montanha, do lado do mar. Há táboas acima do precipício, que vão em deslize de alto a baixo, por ellas se alam ou escorregam as mercadorias, quando sobem ou descem".

5 - Avultava a população negra, muito maior. Todos os oficiais tinham artífices negros, a quem ensinavam os ofícios, de cujo trabalho auferiam grandes lucros". (12)

6 - Havia na cidade "doze grandes egrejas, muitas capelas, diversos conventos e um hospital "que" se destacavam do casario." Os dous templos mais importantes, a Sé e o Collegio, visíveis do porto, tinham optimo aspecto". Aponta também "as egrejas dos Franciscanos e

dos Dominicanos (provavelmente confundidos com os Benedictinos, pois a Ordem de S. Domingos jamais teve casa no Brasil colonial), as duas e-grejas parochiaes de Sancto Antonio e Sancta Barbara e os dous conventos de Carmelitas".

"Entre as capellas dignas de menção lembra o navegador' ingle~~s~~: a dos marinheiros, por estes visitada logo ao desembarque; a dos "pobretões" na rua ao longo da praia; e dos soldados, longe da cidade e do mar. Já extra-muros destacava-se um convento de freiras com 70 religiosos. Estava o Hospital no centro da cidade". (13)

O celebre navegador inglês enquanto esteve em Salvador' fez outras valiosas observações, que muito ilustram a respeito da cidade em 1699.

2.2.1.4 - Amadeu Francisco FREZIER, Engenheiro Militar-1714

Amadeu Francisco FREZIER foi um engenheiro francês que' possuía grande tirocínio profissional, com particular inclinação para as ciências e as línguas, desde a infância. Foi autor da obra " Teoria e prática do corte das pedras e madeiras", publicada em 1738, que causou sensação na época. (14)

Em 26 de abril de 1714 chegou Frezier a Salvador. Tendo o navio em que viajava necessidade de se reabastecer de víveres fres - cos e renovar o mastro de traquete e uma grande verga, quase inutiliza

dos, ele aproveitou a oportunidade para visitar detidamente a cidade e seus arrabaldes.

Desejou fazer um levantamento de Salvador, como em Santiago, Lima e Valparaiso, mas os portugueses não permitiram, por ser ' ele engenheiro militar. Todavia, fez o trabalho aproximadamente, daí' resultando a planta da capital brasileira que aparece no seu trabalho, acompanhada de um frontespício e de um corte transversal.

Sobre a cidade fez, entre outras, as seguintes observações:

- 1 - Achou que, dada a topografia da cidade, difícil, o seu arruamento fora traçado com critério;
- 2 - Considerou o tráfego de veículos entre as cidades ' alta e baixa impossível, dadas as terríveis condições das ladeiras. ' Causou-lhe constrangimento o espetáculo da passagem das redes "onde se faziam transportar os colonos ricos aos ombros dos escravos";
- 3 - Como engenheiro militar achou excelentes as condições estratégicas de Salvador que, com algumas obras, ficaria inexpugnável;
- 4 - Examinou alguns fortes e a Casa da Pólvora, criticando-lhes em alguns pontos;
- 5 - Encontrou as tropas da guarnição bem disciplinadas. "Tinham as tropas óptimo aspecto; bem armadas, [...] notavam-se entre ellas muitos soldados de belo porte".
- 6 - Quanto aos baianos, afirmou serem "gente correta, ' cortez, bem vestida, quasi à moda francesa";

7 - Confirmou que, "Tão ciumentos são os portugueses ' |...| que quando muito consentem às mulheres assistam à missa nos do - mingos e dias de festa. São, contudo, quasi todas libertinas, apesar de todas as precauções, achando meios de embaraçar a vigilância dos pais e maridos apesar de correrem os riscos de se avir com a crueldade destes últimos, que impunemente as matam quando lhes descobrem as aven turas";

8 - Noventa por cento da população se constitue de ne - gros;

9 - Afirmou ser "Grande o comércio da Bahia em 1714 , |...| "o tráfego de gêneros do paiz, que tornava seus habitantes abas - tados. Chegaram em março, 20 navios de Lisboa, carregados de panos de algodão e lã".

10 - Importava a Bahia muitos gêneros europeus, a saber:

Biscoitos; Farinha de Trigo; Vinho; Azeite; Manteiga; ' Queijos e, das Manufaturas Inglesas, Chapéus, Meias, Ferro, Cobre, Quin quilharias.

Exportava: Açúcar, Fumo, Pau-Brasil, Couros e outros; ' Bugingangas a serem impingidas aos negros da Costa d'Africa em troca de Marfim, pó de ouro e outros.

11 - Observou que "três Máquinas estavam sempre em servi - ço para o transporte de mercadorias da cidade baixa e cidade alta. Per - tenciam aos Jesuitas, Congregação que certamente não era inimiga do Co - mércio".|...| Mediante pagamento podia aliás o público utilizar-se del - las. Consistiam tais máquinas em duas grandes rodas de tambor, monta -

das num eixo commum, sôbre o qual passava um cabo amarrado a um trenó, ou carrinho, que transportava os fardos de mercadorias. O motor era humano e ethiope! "|...| "Corria o carrinho numa espécie de linha de trilhos de madeira, cujo comprimento era de cêrca de 140 braças, perto de 300 m".

12 - Destacou, das igrejas: a dos Jesuitas (sacristia ' muito bela, tanto pela elegância da obra dos arcazes e mobiliário em geral, feitos de madeiras preciosas com embutidos de marfim, como pela série de quadrinhos que os acompanhavam. Muito belas as pinturas do forro dessa sacristia (Froger) e Frezier discordava dessa opinião; a Sé, de cujo adro se descortinava agradável panorama e a Misericórdia .

13 - "Encontrou duas mil casas, geralmente bem construídas. Seus habitantes viviam bem alojados e fartos de bom mobiliário".

14 - Apresentava-se a população pelas ruas modestamente trajada em geral, em geral às leis sumptuárias que proibiam galões, pas samanes, dourados e prateados.

15 - Fez severas restrições ao passadio: farinhas, vinhos (ressentidos pela longa viagem), carne de vaca e outras.

A 7 de maio de 1714 partiu FREZIER, depois de 11 dias ' de permanência na Capital Brasileira. (15)

Pela qualificação do Engenheiro Frezier, o seu depoimento é igualmente valioso e concordante, no essencial, como o de William Dampier, dado 15 (quinze) anos antes.

2.2.1.5 - La Barbinais - 1717

Pouco tempo depois da estada de Frezier em Salvador, 3 (três) anos, aqui chegou Le Gentil de la Barbanais, a 15 de novembro de 1717, em cuja oportunidade governava o Brasil, na qualidade de Vice-Rei, Dom Pedro de Noronha, Conde de Vila e Marques de Angeja. Pouco se conhece a respeito de La Barbinais, mas as suas informações são muito curiosas.

Da visita que fez ao Vice-Rei, o nosso viajante diz que "jamais vira fidalgo mais afável nem tão amigo da nação francesa" como Marques de ANGEJA, cujo prazo de governo estava a findar-se.

De sua administração, La Barbinais faz grandes elogios: "homem rígido, mandava à força os assassinos e ladrões, "coisa inaudita nesta colônia, onde outrora se cometia impunemente toda a espécie de crimes". O Rei de Portugal, sabedor do andar das coisas no Brasil, o mandara com o título de VICE-REI," para ver se diminuíam os abusos e desordens".

"Homem prudente", o Vice-Rei "nada queria fazer sem audiência do Conselho, receioso de se tornar suspeito ao povo em geral que detestava o seu governo de severidade e integridade".

Encontrou na Bahia o engenheiro militar Massé, "protestante francês, que se exilara com a revogação do edito de Nantes, en-

trando para o exército inglês, na qualidade de coronel de infantaria". Emprestado ao Rei de Portugal, D. PEDRO II, foi "promovido a general ' do exército português, fôra encarregado da fortificação das praças bra sileiras". Na ocasião em que aqui esteve La Barbinais estava trabalhan do no Plano de Fortificação da Bahia. Para o visitante francês "era ' homem sábio, cheio de erudição e agradável convívio".

"Tudo neste país se faz com prodigiosa lentidão": |...|
"pela menor cousa é necessário um requerimento com todos os requisitos".

Eis algumas das observações mais interessantes do visi tante, dentro do nosso campo de interesse:

1 - Grande era o comércio e enorme o trânsito de merca dorias pela Baía de Todos os Santos. Na cidade baixa, "onde nada ha via de belo nem de curioso, reinava enorme animação pelas ruas e mesmo confusão, que tornavam a permanência allí incommoda e aborrecida".

2 - "No arsenal e estaleiros reais grande azafama se notava. O rei fazia construir navios em número avultado em todos os seus portos brasileiros, mas sobretudo do Rio e Bahia. Saíam muito mais baratos do que na Europa, sobretudo por causa das madeiras".

3 - Na cidade alta notou "que as casas eram grandes e commodas, mas tal o accidentado do solo que as ruas ficavam desagradá veis e perdiam o effeito ornamental. Como cada qual podia edificar ' como bem entendesse, daí surgia deplorável irregularidade".

4 - "A Praça Principal, quadrada, ocupava o meio da cida de. A Casa da Camara e a da Moeda formavam dous lados do quadrilátero,

defrontando o palácio do ^V ~~Rei~~ "Rei".

5 - "A parte edificada compreendida entre as portas urbanas não era das maiores, mas si se levasse em conta os arrabaldes , tinha-se uma área bastante considerável".

6 - Era o comércio do Brasil considerável, instigado sobretudo pelos hábitos de luxo dos brasileiros. "Nas frotas anuais vinham em abundância "as sedas de Genova, fazendas da Inglaterra e Holanda, os panos dourados e prateados de Pariz e de Lyão, vinho, azeite, carnes salgadas e farinha de trigo".

7 - Daqui, mediante a ação dos comissários dos negociantes de Portugal, embarcavam-se o açúcar, o fumo e o ouro, principalmente". "Estava tudo amontoado nos trapiches, e a demora dos navios era pouca".

8 - No momento da visita de La Barbinais, havia uma crise na indústria açucareira, cuja produção se reduzira a 50% da anterior, compensada, em parte pela receita do quinto do ouro.

9 - Diminuíra muito a exportação de generos, devido ao enorme afluxo de trabalhadores para as zonas de mineração, aqui e em Minas.

10 - Era enorme a importação de escravos, entrando por ano só na Bahia cerca de 25.000. Na cidade de Salvador habitavam mais de 15.000 cativos. (16)

Em 10 de março de 1718 partiram, mas tiveram de regressar, por defeito do navio, em cuja oportunidade La Barbinais esteve hospedado na casa do Brigadeiro Massé.

Deve ter sido nesta oportunidade, em que esteve morando

na residência do Arquiteto Militar responsável pelo Plano de Fortificação da cidade, que o navegante francês completou os seus conhecimentos sobre a defesa da Cabeça do Brasil, possibilitando-lhe transmitir-nos a sua avaliação da situação, assim resumida por Taunay:

"Era a Bahia em 1717, no dizer de La Barbanais, uma praça bastante forte. S. Antonio com quatro reductos e um fortim por baixo delle, com dez canhões de grosso calibre defendem-lhe a entrada da barra. O brigadeiro Macé acabara o forte de S. Pedro, e várias outras fortificações brevemente ia terminar. A fortaleza de Mar estava sendo concertada e ampliada, na época. O Arsenal e seus dous reductos dominavam o porto. Entre a cidade e a ponta de Monte Serrat estava construída uma verdadeira praça forte rodeada de largo e profundo fosso e dispondo de quatro reductos, barbeta, meia lua e contra escarpas. Na ponta de Monte Serrat um fortim dispunha de doze canhões. Dous outros havia ainda, um na fábrica de pólvora, entre a cidade e a ponta de S. Antonio, e outro no paiol da pólvora, por traz da cidade e dominando ' grande lago ou fosso cavado pelos Holandezes e servindo de ante-mural à cidade. Assim estava o Salvador resguardado de um lado pelo mar, de outro pelo lago. Boa guarnição alli se alojava: dous regimentos de infantaria, três de milícias, e um de negros forros.. Diariamente se rendiam guardas no palácio vice-real e cada guarda era de cem homens. Além da infantaria, ainda tinha o vice-rei a seu dispor alguma cavallaria para se oppor às incursões dos bandidos, que nas colonias do Brasil faziam muitas depredações". (17)

Expostas, ainda que sucintamente, as impressões que da Cidade do Salvador levaram os cinco viajantes estrangeiros que por aqui passaram, nos anos de 1681, 1695, 1699, 1714 e 1717-18 respectivamente, num intervalo de 35 (trinta e cinco) anos entre o primeiro, Francisco Córreal e o último Le Gentil de La Barbinais, verifica-se que há concordância nos pontos essenciais relativos à Cidade do Salvador e sua real importância no Mundo Português de então.

Como já afirmámos, o período em estudo caracterizou-se por um importante desenvolvimento urbano, devido à prosperidade geral da Colônia sobretudo no Nordeste, então a área mais importante do país. Com a extraordinária produção de açúcar, ao lado do fumo, no caso da Bahia, e a mineração, a renda per capita, do brasileiro de então, tendo-se em vista a pequena população do país, era, segundo Roberto Simonsen, superior a que se obteve em qualquer outro período de nossa história. A uma tal prosperidade, correspondeu, para a Cidade do Salvador, época de grande expansão urbana, surgindo novos bairros, melhorando-se o aspecto geral da cidade, construindo-se importantes Solares e disseminando-se igrejas, em quantidade e qualidade, não mais igualadas em nenhum outro período da vida da capital primeira do Brasil.

Do ponto de vista político-administrativo, é o momento em que se estabelece o Vice-Reinado no Brasil, com cuja providência procurou Portugal centralizar de fato e não de direito, como é até então, a administração do país. Nos quase 200 anos decorridos de Governo Geral, não houvera coordenação nem controle centralizados, vez que

os Governadores das Capitanias não se submetiam à autoridade do Governador Geral, dirigindo-se diretamente ao Reino, em matéria de competência do Chefe do Governo, sediado em Salvador. Procurava-se, então, reverter essa situação, com a criação do Vice-Reinado, pois o Vice-Rei tinha poderes mais amplos do que os Governadores, que, de um modo geral, eram mais Capitães Gerais do que administradores. Este é aliás, um outro ponto que diferencia a ação portuguesa da espanhola em suas colônias da América, pois enquanto os espanhóis designavam para o governo de suas colônias homens experimentados na parte administrativa, Portugal dava preferência àqueles que tivessem tirocínio militar. Somente a partir da criação do Vice-Reinado foi que Portugal começou a enviar para o Brasil homens mais aptos ao exercício da administração pública brasileira.

2.2.2 - A Planta de Salvador do Brigadeiro Jean (João) Massé

Com a restauração portuguesa, em 1640, e a expulsão dos holandeses de Pernambuco, em 1654, tem início a fase em que se processou uma completa modificação na política lusa no que concerne à preparação de recursos humanos na área militar.

Havia, na oportunidade, enorme falta de pessoal habilitado no setor de fortificações, motivando um esforço para superar tal deficiência, iniciando-se no governo de D. João IV um programa de formação de técnicos portugueses.

Para tal fim, criou-se em 1647, a primeira escola portuguesa para a formação de técnicos em arquitetura e engenharia militar, a celebre "Aula de Fortificação e Arquitetura Militar", da qual foi figura central o proficiente engenheiro Luiz Serrão Pimentel, autor do renomado "Método Luzitano de Desenhar Praças", publicado em 1680.

No fim do primeiro terço do século XVII, foram publicados, os dois volumes do "O Engenheiro Portuguez", de Manoel de Azevedo Fortes, o primeiro em 1728 e o segundo em 1729, obra da maior importância no desenvolvimento do assunto, em Portugal e suas Colônias.

No meio tempo entre esses dois importantes livros portugueses, apareceu o Projeto Brasil-Angola-Goa, destinado à preparação de recursos humanos, num exemplo de descentralização de maior valor, mediante a criação de escolas de Fortificação e Arquitetura Militar nas Colônias, entre as quais a de Salvador, de que trataremos mais adiante.

Foi, precisamente, nessa oportunidade, início do século XVIII, no momento em que a Aula Baiana dava os seus primeiros passos, que veio ao Brasil João Massé, ainda dentro da antiga diretriz - de contratar especialistas estrangeiros para os projetos e supervisão das obras necessárias à defesa do Brasil - uma vez que as Aulas em funcionamento na Metrópole há poucas décadas, não tinham alcançado um nível de preparação de pessoal quantitativamente capaz de arcar com

as árduas responsabilidades de proteção do imenso império colonial luso.

Quem era João Massé e como veio para o Brasil?

Era um Engenheiro Militar francês, que se exilara na Inglaterra após a revogação do Edito de Nantes, por ser Protestante. Da Inglaterra, passou a Portugal, acompanhando o seu famoso patrício e correligionário Marquês de Ruvigny, a quem Guilherme III, Rei inglês, lhe dera o título de Lord Galloway, em cuja oportunidade o Rei de Portugal, D. Pedro II pedira-o à sua prima da Inglaterra, que o cedeu. (18).

Aí, serviu no exército aliado que marchou de Portugal sobre Madrid, na qualidade de Capitão de Engenheiros, em defesa dos direitos e aspirações de Carlos III, em cuja oportunidade, tendo participado de sítio de Gibraltar, aparece em 1705 na rendição de Albuquerque. É interessante registrar que, na rendição de Albuquerque, representada no ante-resto, gravado em 1729 por Rochefort, para o Tomo Segundo da importante obra "Engenheiro Portuguez", do insigne Engenheiro Manoel de Azevedo Fortes, figuram na parte inferior da gravura mencionada, três generais a cavalo: P. Carlo, que dirigiu o assédio; o Conde das Galvêas e o Conde de Vila Verde ~~≠~~ ≠ futuros Vice-Reis do Brasil, sendo o último, Dom Pedro de Noronha, também Marquês de Angeja, o Governante em cujo período administrativo o Brigadeiro Jean Massé levantou a Planta de Salvador. (19)

Em 1712 foi o Engenheiro francês designado para servir no Brasil, por Carta Régia de 17 de junho, reinando D. João V, em que se declara a sua missão:

"Por ser conveniente a meo serviço o fortificarse o estado do Brazil em forma que fique com toda a defesa necessária, e na pessoa de João Massé concorrerem os requisitos que se requerem para darem boa conta d'esta incumbência Hei por bem que elle passe com o posto que tem de brigadeiro de infantaria ao Rio de Janeiro para examinar e reparar as fortificações daquella capitania e fazer as maes que forem necessarias para a defesa e conservação della; e feita esta deligencia

passará a fazer a mesma na Bahia e Pernambuco e enquanto estiver no Brazil vencerá noventa mil reis de soldo por mez, que he dobrado do que lhe compete com o dito posto de brigadeiro; porque assim o Hei por bem; e que lhe seja pago desde o dia em que partir deste Reino, até nella tornar a entrar pelos effeitos da fazenda real em que assistir". (20).

Queria D. João V fortificar o Estado do Brasil, por ser conveniente ao seu serviço, para o que designou João Massé por reconhecer que nele concorriam "os requisitos que se requerem para darem boa conta" da alta incumbência, com o mesmo posto de Brigadeiro de Infantaria que em Portugal, e com o soldo mensal de 90\$000 Rs. (noventa mil reis), o duplo do que ganhava em Portugal, a contar da data de sua partida de Lisboa.

Suas atribuições:

1) examinar e reparar as fortificações do Rio de Janeiro e construir as mais que fossem necessárias para a defesa e conservação da respectiva Capitania;

2) repetir as mesmas funções - examinar e reparar as fortificações existentes e construir novas que se fizessem necessárias para a defesa e segurança - na Bahia e em Pernambuco.

Pelos termos e condições expressas na Carta Régia de 17 de junho de 1712, compreende-se o alto apreço em que eram tidos a competência e tirocínio profissional de João Massé, a quem se encarregava de executar o Plano de Fortificação das três cidades mais importantes do Brasil na época, vale dizer, Salvador-Cabeca do Brasil, Recife e Rio de Janeiro, percebendo vencimentos dobrados em relação aos que vencia em Portugal, o que constitui nova indicação da importância da missão do Brigadeiro no Estado do Brasil.

Sabe-se que João Massé levou a efeito a incumbência recebida, pois conhecemos o seu trabalho no Rio de Janeiro e em Pernambuco como eficiente.

£ Quanto à sua atuação na Bahia temos a sua Planta da Cidade do Salvador, levantada para servir de base ao seu Plano de Fortificação da capital do Brasil, apresentado no mesmo Desenho, programa que foi executado parcialmente, como é sabido, inclusive no início com a sua participação direta, entre outras, das obras do Forte de São Pedro e do Forte de São Paulo da Gamboa.

Com quem contou João Massé - conceituado especialista da Arquitetura Militar mais moderna da ocasião, a Francêsa, simbolizada na obra de Vauban - enquanto trabalhou em Salvador?

É certo que o Brigadeiro francês não poderia levar a cabo suas importantes tarefas, sem contar com pessoal habilitado para o auxiliar.

São escassos ainda, no nosso meio, estudos relativos a estas questões, embora amplamente desenvolvidos em outras partes.

Todavia, segundo as pesquisas feitas, pôde-se, com segurança, afirmar que, pelo menos, os seguintes profissionais trabalharam com Massé na Soterópolis:

- 1 - Mestre de Campo Miguel Pereira da Costa;
 - 2 - Sargento Mor Engenheiro Gaspar de Abreu;
 - 3 - Gonçalo da Cunha Lima;
 - 4 - Antonio de Brito Gramacho;
- todos Engenheiros, além de assistentes menos qualificados.

O primeiro, Miguel Pereira da Costa, na qualidade de Mestre de Campo e oficial superior do corpo de Engenheiros Militares, então na "Cabeça do Brasil", foi, por sua própria condição funcional, quem mais de perto conheceu, acompanhou e colaborou com o especialista contratado para projetar as obras de defesa da cidade.

O segundo, Gaspar de Abreu, Sargento Mor e Lente da Aula Baiana, é citado por Vilhena (21), como tendo trabalhado com Massé.

Gonçalo da Cunha Lima, sabe-se, foi o seu auxiliar mais direto, seu Assistente - digamos assim - no desempenho de muitas das suas obrigações. Foi o melhor aluno da Aula Militar de Engenharia e Arquitetura

030

de Salvador e competente profissional, com atuação diversificada e capaz.

Antonio de Brito Gramacho, que foi discípulo de partido da Aula Baiana, também desempenhou funções junto ao Brigadeiro Massé.

Vê-se, por conseguinte, que João Massé, especialista em Fortificação, contratado pelo Governo de Portugal, para estudar e projetar os sistemas de defesa das três cidades mais importantes do Brasil na época, enquanto permaneceu na Cidade do Salvador - 1714 a 1718 soube cercar-se de auxiliares imediatos qualificados, não sendo de surpreender, por isso mesmo, os bons resultados alcançados.

O resumo do seu trabalho encontra-se na Planta da Cidade do Salvador ^(FOTO 06) que, ao tempo em que informa a respeito da extensão da parte então urbanizada - possibilitando, por isso mesmo, o Mapeamento respectivo, informa-nos, com clareza no que concerne ao Sistema por ele criado para a defesa da cidade, mediante a indicação, na mesma planta, das obras de fortificação, como examinaremos oportunamente.

Vilhena, nas suas Cartas Soteropolitanas, assim apresenta a Planta de Massé:

"Planta da Cidade da Bahia tal qual a elevou no tempo do Vice-Reinado do Marquez de Angeja D. Pedro de Noronha, o Brigadeiro Engenheiro João Massé, na qual se vê não só o âmbito que então ocupava, como a muralha, o Dique com ^{que} os Holandeses a haviam guarnecido pella parte da Campanha, o que tudo se acha hoje destruído. Acedem mais os projectos das obras que aquelle Engenheiro queria que se fortificasse a cidade e seu Porto.

Advirto que não juntei os muitos edefícios e acrescimo consideravel e mudanças que a Cidade hoje tem por não adulterar a planta de hum Engenheiro tão recomendavel, unicamente additei o declive das terras para o Dique para desvanecer a persuasão em que alguns estavam, de que elle coria a nível com a Cidade pello não verem indicado em alguma planta infiel que possa ter aparecido. Tudo para melhor clareza das Cartas em que descrevo topograficamente a cidade, e trato da sua

fortificação". (22)

A transcrição acima corresponde à legenda com que Luiz dos Santos Vilhena apresenta a Planta de Salvador, de autoria de Massé, com os pequenos acréscimos que ele indica.

Quanto à data de preparação da Planta, a propria legenda de Vilhena a limita ao período do governo do Vice-Rei Dom Pedro de Noronha, Conde de Vila Verde e Marquês de Angeja, compreendido entre junho de 1714 a agosto de 1718. Por conseguinte, na parte final da segunda década do século XVIII.

Gilberto Ferrez indica 1715 como sendo a data da Planta de Salvador, considerando ser de 1713 a do Rio de Janeiro, ambas do Engenheiro Militar Francês a serviço de Portugal. (23).

Na Legenda explicativa da Planta, encontramos preciosas indicações relativas à extensão da Salvador de então - segunda década do setecentos - sendo utilizadas as letras maiúsculas para a representação da parte urbanizada e seus principais edifícios, e os números, com a finalidade de informar a respeito do Plano de Fortificação apresentado pelo Brigadeiro João Massé.

Na parte concernente à urbanização, encontram-se:

- A- Praça do Palácio, residencia dos Governadores;
- B- Sé Catedral;
- C- Praça do Terreiro de Jesus;
- D- Convento de São Francisco e Terceiros de sua Ordem;
- E- Pantano que algum dia fortificava a Cidade e hoje - no tempo de Vilhena - a infesta, por ficar dentro;
- F- Bairro de Nossa Senhora da Saúde, muito povoado hoje;
- G- Mosteiro das Freiras de Santa Clara do Desterro;
- H- Convento do Carmo e Terceiros de sua Ordem;
- I- Bairro da Ladeira do Carmo, e Rua do Passo muito povoados;
- L- Bairro de Santo Antonio além do Carmo, e Cruz do Pascoal;

- M- Portas do Carmo e sequito da rua Direita para o Terreiro;
- N- Portas de São Bento e quitanda onde se acha o pelourinho;
- O- Convento de São Bento e bairro do mesmo nome;
- P- Freguezia e bairro de São Pedro Velho;
- Q- Piedade, d'onde segue a rua de João Pereira até o Forte São Pedro;
- R- Praia, ou Cidade Baixa, onde se fas todo o comércio;
- S- Colina sobranceira à Praia ou Cidade Baixa;
- T- Campo de Nazaré, onde já chega a povoação, vindo do Desterro;
- V- Sítio onde se acha o Cemitério prejudicialíssimo, à Cidade;
- X- Continuação do povoado novamente;
- Z- Bairros da Piedade, São Raimundo e Mercês, onde se acham muitas ruas.

Quanto às notícias concernentes ao Plano de Fortificação, compreendendo as Fortificações existentes e as propostas, o Mapa apresenta:

- 1- Forte de São Pedro, no passo Sêco do Sul;
- 2- Bateria de São Paulo;
- 3- Muralha avançada, e projetada para defesa do Porto. Nas duas primeiras trabalhou Massé, ficando a muralha em Projeto;
- 4- Indica a situação do Arsenal, Ribeira das Naus, pequena Caldeira e Bateria da Ribeira, importantes instalações militares, onde existia na ocasião o melhor estaleiro de construções navais do Brasil:

Em 5, o Projeto do Caes, que devia defender a Marinha, só parcialmente construído. A respeito desta parte do Plano de Massé, possuímos um depoimento valioso, prestado por José Antonio Caldas, em 19 de novembro de 1777. "Planta e Explicação", que, em resumo, assinala o seguinte: em 1715, o Brigadeiro João Massé, o Mestre de Campo Pereira da Costa e outros Engenheiros então em Salvador, apresentaram o Plano

de Fortificação da Cidade, que foi aprovado pela Provisão de 26 de marco de 1716. (24)

Desconhecemos o ano de sua volta a Portugal, mas sabemos que em 1727 já se encontrava em Lisboa, uma vez que por ordem ainda de D. João V exerce a função de Censor, no que concerne à Arquitetura, da importante obra "Engenheiro Portuguez", cujo juízo crítico de seu valor figura no mesmo livro, datado de 29 de abril. Sendo autor do notável livro o Engenheiro Manoel de Azevedo Fortes, na ocasião o mais renomado profissional português, de conceito firmado em toda a Europa, renovador que foi do ensino da Arquitetura Militar em Portugal na época em apreço, conclui-se que esta nova atribuição ao competente João Massé, constitui uma reafirmação do alto conceito em que era tido, já agora no seu regresso do Brasil, aval, por conseguinte, de seu bom desempenho aqui.

A sua Planta, como já afirmamos, foi de grande valia para a organização daquela da Cidade do Salvador, como se encontrava em 1730, ao final da I Fase - 1650-1730, do Segundo Período - do presente estudo, 1650 a 1800, depois de se proceder a acurada análise do Desenho no que concerne à comparação entre o Projetado, o Executado do Plano e o Tecido Urbano da cidade, tudo adequadamente confrontado com os dados obtidos das demais Fontes examinadas.

DESSENHO 06

2.2.3 - A PRECIOSA CONTRIBUIÇÃO DE SEBASTIÃO DA ROCHA PITA

Para completar a enumeração das principais Fontes de que nos utilizamos na elaboração da Planta da Cidade do Salvador em 1730, só nos resta apreciar a preciosa contribuição do ilustre historiador e homem de letras baiano, Sebastião da Rocha Pita, (1660-1738), na sua obra fundamental, a "História da América Portuguesa".

O valor do livro de Sebastião da Rocha Pita foi objeto das mais desencontradas opiniões. Recentemente, porém, iniciou-se um processo de reavaliação crítica do mesmo, destacando-se, no particular, a atuação de Wilson Martins, brilhante autor da monumental "História da Inteligência Brasileira", de cujo Vol. 1 (1550-1794) transcreveremos alguns trechos, a saber:

"Segundo acentuava o Pe. D. José Barbosa, encarregado de aprovar, como Ordinário, o volume de Rocha Pita, a História da América Portuguesa é o primeiro livro desse nome, referente à "nova terra descoberta". Com efeito, Gandavo e Simão de Vasconcelos, Duarte de Albuquerque Coelho ou Manoel Calado, foram, no espí

rito e na técnica, mais cronistas do que historiadores, nenhum deles se situado nas perspectivas historiográficas de Rocha Pita. Assim sendo, pode-se afirmar que a História da América Portuguesa inaugura, de seu lado, em nosso país, a tradição dos estudos históricos, assim como inaugura, juntamente com Botelho de Oliveira, a tradição das páginas ufanísticas. Esse livro desejou, e, em grande parte, conseguiu ser uma obra de história que fosse, ao mesmo tempo, dentro das concepções estilísticas da época, um grande texto literário. Frei Manuel Guilherme, qualificador do Santo Ofício, nele louvava "a frase verdadeiramente portuguesa, desafetada, pura, concisa e conceituosa". Esses adjetivos mostram, por um lado, que a língua de Rocha Pita, longe de parecer artificial e ridícula, era, para os bons leitores da época, modelo de criação literária, e, por outro lado, que a sua condição de conceituosa não contradizia, antes completava, a sua condição de pureza, concisão e simplicidade. Se os nossos padrões de julgamento são diversos, é impossível ignorar, entretanto, a vitalidade interior, o movimento e a harmonia desse texto; entre os sucessos do maneirismo em língua portuguesa, será injusto excluir esse grande prosador da companhia dos que criaram uma das suas mais típicas manifestações literárias" (25).

E qual a metodologia empregada por Rocha Pita, na elaboração do seu importante livro? Quem nos respondeu a essa indagação fundamental foi J. M. Pereira da Silva, como segue:

"Sebastião da Rocha Pita calculou todas as dificuldades de sua empresa; assentou de vencê-las. Para conseguí-lo, deixou seu descanso e seu repouso, e despediu-se das margens alegres e pitorescas do belo Paraguaçu. Gastou bastantes anos no exame de todos os documentos e manuscritos, que existiam nos arquivos dos conventos de S. Francisco, do Carmo e de S. Bento, que eram as três ordens, que no Brasil se fundaram, e nas livrarias dos colégios dos jesuítas da Bahia, do Rio de Janeiro e de S. Vicente; passou - se depois para Lisboa, e lá se entregou de todo o coração, aplicando toda a atividade do seu espírito, e despendendo não pequenas somas pecuniárias, à indagação conscienciosa de todos os papéis, que lhe pudessem ministrar elementos para escrever a sua história.

Não contente com as notícias que pôde obter dos documentos escritos na sua língua vernácula, e na castelhana, que perfeitamente sábia, deu-se ao estudo das línguas francesa, holandesa e italiana, para o fim de ler e conhecer os escritos nesses idiomas, dos quais pudesse colher elementos proveitosos à sua empresa.

Pouco menos da metade da sua vida foi empregada na grande e importante missão com que se inspirou, e que felizmente conseguiu finalizar, no ano de 1728". (26)

Feitas estas indispensáveis considerações a respeito do importante livro estudado passemos mediante, a análise dos trechos em que Rocha Pita versou sobre a Cidade do Salvador.

"6. A cidade com prolongada forma se estende em uma grande planície elevada ao mar, que lhe fica ao poente, e ao nascente a campanha. Está eminente à dilatada povoação da marinha e aos repetidos portos donde se lhe sobe com pequena fadiga por capacíssimas ruas. Tem duas portas, uma ao sul, e ao norte outra, em cujo espaço estão os famosos templos de Nossa Senhora da Ajuda, o da Misericórdia, que tem a si unido o magnífico recolhimento de mulheres, a majestosa igreja matriz, à qual está próximo o grande palácio arqui-episcopal, a igreja nova de S. Pedro da Irmandade dos Clérigos, o templo, o colégio e aulas escolásticas e doutas dos religiosos da Companhia de Jesus e o suntuoso templo e convento de São Francisco".

Este trecho, por sua clareza, dispensa comentários.

"7. Em seis bairros se divide a cidade: o das Portas de S. Bento, o de Nossa Senhora da Ajuda, o da Praça, o do Terreiro, o de S. Francisco e o das Portas do Carmo, além dos outros que ficam extra-muros, dos quais faremos menção. Duas praças lhe aumentam a formosura, a de Palácio, quadrada com cento e sessenta e dois pés geométricos por face e vinte e seis mil duzentos e quarenta e quatro de área. Na frente tem o magestoso paço onde residem os generais; na parte oposta a Casa da Moeda; ao lado direito as ^{da} Câmara e da Cadeia; ao esquerdo a da Relação, e por seis formosas ruas se comunica a todas as partes da cidade".

Já aqui, são necessárias considerações, não porque seja obscuro, mas pelo fato de possibilitar uma sistematização da ocupação

do casco urbano, na terceira década do setecentos baiano.

1 - Bairros Intra-Muros

Era seis, a saber:

- 1.1 - Portas de São Bento;
- 1.2 - Nossa Senhora da Ajuda;
- 1.3 - Da Praça;
- 1.4 - Do Terreiro;
- 1.5 - De São Francisco;
- 1.6 - Portas do Carmo.

Quanto aos Extra-Muros, seriam tratados mais adiante.

Cogita da Praça do Palácio, uma das duas que aumentavam a formosura da Mancha Matriz intra-muros, que logo descreve com precisão.

Era, na ocasião, um espaço urbano com "162 pés geométricos de face", de forma quadrada, e "26.244 de área".

Na frente - face sul - ostentava-se o "magentoso Paço", Palácio dos Vice-Reis, construído a partir da administração de Francisco Barreto, o vencedor de Guararapes.

Na face oposto - norte - a Casa da Mãeda.

No nascente, a Casa de Câmara e Cadeia, igualmente com a sua área construída total, ocupando todo o quarteirão.

A Praça do Palácio se comunicava, por seis ruas, com todas as partes da cidade, situação que se conservou por muito tempo .

Da Praça aberta dos tempos iniciais, tinha-se chegado a um espaço fechado em seus quatro lados, pouco restando de livre no poente, para o descortínio da majestosa paisagem da Baia de Todos os Santos. Estava o Centro Administrativo da Cabeça do Brasil plenamente desenvolvido e, com essa forma, permaneceria por um século e meio adiante.

"8. A segunda praça, chamada Terreiro de Jesus, se prolonga com trezentos e cinquenta pés de comprimento e duzentos e vinte e oito de largura, formando uma área de setenta e nove mil e oitocentos. Tem no princípio a igreja do referido colégio dos padres da Companhia, de que tomou o nome, e por todas as partes vai acompanhada e enobrecida de suntuosos edifícios, de que lhe resulta agradável perspectiva e contínua frequência; por sete ruas se franqueia a todos os bairros; continua-se-lhe a grandíssima rua de S. Francisco, que lhe dá o nome e tem o seu convento na parte em que ela termina, sendo o fim do Terreiro de Jesus a em que principia. Tem trezentos e dez pés de comprimento e sessenta e quatro de largura, com dezenove mil e oitocentos e quarenta de área. É cercada por ambos os lados de casas nobres, iguais em altura e fábrica, entre as quais, de uma e outra parte, se entrepõem algumas formosas ruas".

Essa segunda praça, o Terreiro de Jesus, com "350 pés de comprimento e 228 de largura", e uma superfície de "79,800" pés

quadrados.

No seu princípio, encontrava-se a Igreja do Colégio dos Jesuítas, atual Catedral Basílica de Salvador.

Lateralmente, a Praça estava composta de "suntuosos^{edifícios}, de que lhe resulta agradável perspectiva e contínua frequência", o que se compreende, por se tratar do Centro Religioso e Cultural da cidade.

Do Terreiro, havia comunicação com todos os Bairros, pelas sete ruas que aí se iniciaram, todas perfeitamente identificáveis.

Em continuação, vinha a "grandíssima rua de São Francisco" cujo nome devia-se ao fato de achar-se edificado na sua parte final o Convento de São Francisco: tinha ela "310 pés de comprimento e 64 de largura, com 19.840 de área".

De ambos os lados do atual Cruzeiro de São Francisco estavam edificadas "casas nobres, iguais em altura e fábrica, entre as quais, de uma e outra parte, se entrepõem algumas formosas ruas", tudo, portanto, quanto à forma urbana, tal qual se encontra hoje.

Prosseguindo em sua precisa descrição, o Autor esclarece sobre o grande desenvolvimento experimentado por Salvador, das Portas de São Bento para a banda do sul. Eis o texto respectivo:

"9. A grandeza da cidade se lhe considera menos pelo âmbito que o seu circuito compreende, que pela distância em que além

das suas portas se dilata, porque destas partes se forma o todo da sua extensão e formosura. Saindo pelas portas que tem ao sul, lhe fica o bairro de S. Bento, maior e mais aprazível que todos os outros; apelida-se do nome deste glorioso patriarca pelo suntuoso templo e convento que tem na entrada dele, fundados em um alto de pouca elevação e muita capacidade.

"10. Vai continuando o bairro a principal rua até à igreja de S. Pedro, sua paróquia, donde prossegue o dilatado trânsito ao formoso hospício dos padres Capuchinhos de Nossa Senhora da Piedade, e dali, com o mesmo povoado curso, até perto da fortaleza de S. Pedro. Por uma e outra parte deste grande distrito há muitas ruas, sendo célebre a que chamam rua de Baixo, todas enobrecidas de formosas casas com vistas dilatadíssimas para o mar e para a terra, repetidos portos e saídas admiravelmente aprazíveis, todas da jurisdição da freguesia de S. Pedro, em a qual tem também assento para a parte do mar o magnífico convento dos religiosos de Santa Tereza de Jesus, e para a de terra as novas igrejas de Nossa Senhora da Barroquinha e da Lapa".

Analisemos esse trecho, que é do maior interesse para o nosso estudo, vez que, aqui tem início a descrição da cidade fora de portas, indicando o seu desenvolvimento nos anos vinte do setecentos enquanto os parágrafos anteriores, embora muito valiosos, referem-se à urbis entre portas, mais estabilizada, sobretudo no que concerne ao traçado urbano e posição das principais estruturas aí estabelecidas, e que se conservaram durante todo o período Colonial e mesmo Imperial e

Republicano, os dois últimos já sendo o Brasil nação independente.

A cidade, na terceira década do setecentos soteropolitano, crescera bastante. Rocha Pita afirma que a sua "grandeza" devia ' ser considerada "menos pelo âmbito que o seu circuito compreende", do que pela distância abrangida "além das suas portas", porque daí é que se formava o "todo de sua extensão e formosura".

Ultrapassada a Porta de São Bento, na direção sul, encontrava-se o bairro de São Bento, "maior e mais aprazível de todos os outros", cujo nome se derivava do "suntuoso templo e convento que tem na entrada dele", localizado em "um alto de pouca elevação e muita capacidade", o que é verdadeiro, porque as condições do terreno são muito mais propícias ao desenvolvimento urbano do que no espaço entre portas, pouco profundo.

A rua principal do Bairro, que era a mais larga da cidade, na qual moravam figuras representativas da sociedade baiana, entre as quais estava o próprio Sebastião da Rocha Pita, deveu a sua importância, à proximidade da Igreja e Mosteiro de São Bento, e às facilidades do espaço para nobres edificações. O seu percurso ia da parte alta da atual ladeira de S. Bento à igreja de São Pedro, sua paróquia, cuja Matriz se encontrava em construção, na segunda década do século XVIII, terminada em 1738.

Daí, chegava-se ao "formoso hospício dos padres Capuchini

nhos de Nossa Senhora da Piedade", em cujo trecho "prossegue o dilatado transito".

Da Piedade continuava-se, "com o mesmo povoado curso", até perto do Forte de São Pedro, pela rua de João Pereira. Nessa ocasião, como se aprecia na Planta de Massé, que temos sob os olhos, enquanto acompanhamos a descrição de Rocha Pita -pela contemporaneidade dos dois excelentes informes, um gráfico e outro escrito, separados por poucos anos -, verifica-se que a expansão urbana já atingira Piedade, São Raimundo e Mercês, onde existiam diversas ruas. ^{Destacando-se o denominado} Rua de Baixo (atual Carlos Gomes), todas contendo belas casas com ampla vista para o mar e para a terra: vários portos e saídas aprazíveis, da jurisdição da freguesia de S. Pedro, na qual também localizava-se do lado do mar o convento de Santa Tereza de Jesus, e na parte de terra as recentes igrejas de Nossa Senhora da Barroquinha e da Lapa.

A Planta de Massé, permite a observação do indicado, verificando-se a existência de um tecido urbano muito mais amplo do que anteriormente, no setor das ruas de Baixo de São Bento, Sodré, Areal de Cima, Areal de Baixo e Ladeira de Santa Tereza, da banda do mar, às quais se beneficiam de uma visão ampla para o mar e a terra, seguindo-se acessos ao mar pelo Gabriel, Unhão, e "repetidos portos e saídas admiravelmente aprazíveis", e pelo Sodré à Prequiça.

Na parte de terra, a partir de São Bento, estavam situadas "as novas igrejas de Nossa Senhora da Barroquinha e da Lapa". 0

Bairro da Lapa figura na Planta do Brigadeiro, com casario no lado opo^{o seguir,}to ao em que se construiria, o Convento e Igreja de N. S. da Conceição da Lapa, no lugar onde havia as trincheiras a que se refere, anos mais tarde, lúcido Parecer aprovado, do renomado Engenheiro Nicolau de Abreu e Carvalho, considerando ser mais importante a construção do monumental conjunto arquitetônico, pois, a proteção divina daí resultante, seria de maior proveito para a defesa da Cidade do Salvador, do que simples trincheiras.

Quanto à Barroquinha, esboçam-se arruamentos, com casas, no trecho compreendido entre a Igreja e as hortas de São Bento, observando-se, em suas proximidades, a parte inicial do Dique dos Holandeses. Na Legenda que acompanha a Planta de Massé, se lê: "E - Pantano que algum dia fortificava a Cidade e hoje a infesta por ficar dentro", o que era correto, uma vez que a segunda linha de cumeada, ao ser ocupada, tornou o reservatório flamengo um dique interior, muito poluído na ocasião.

Sebastião da Rocha Pita avança, afirmando:

"11. Das portas da cidade, que lhe ficam ao norte, se sai à nova paróquia de Nossa Senhora do Rosário, donde por largas e seguidas ruas, compostas de muitas casarias, se sobe ao Monte Carmelo, de que se apelida este bairro, convento de Nossa Senhora do Carmo e de Santo Elias, e se continua o seu mesmo largo trânsito com a própria largura até a igreja paroquial de Santo Antonio, vigararia de grande distrito, em que está a fortaleza desta invocação, continuando a sua numerosa

povoação em casas e moradores até além do sítio chamado o Rosário, quartel dos soldados que vêm nas náus de comboio. A jurisdição desta paróquia, por partes menos povoadas, se estende a muitos espaços do país, compreendendo a nova igreja da Soledade, o noviciado dos padres da Companhia, as ermidas da Boa Viagem de frades de S. Francisco, e de Monserate de monges de S. Bento".

Analisando este ítem, que se reporta à extensão da Cidade do Salvador, das Portas do Carmo para o norte, aprende-se:

A - Que, em seguida às Portas do Carmo, começava a nova paróquia de Nossa Senhora do Rosário, cuja Matriz, aí situada, ficou conhecida como Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, pelas finalidades da Irmandade aí sediada;

B - Que daí, por "largas e seguidas ruas, compostas de muitas casarias", ascendia-se ao Monte Carmelo. O Desenho de Massé mostra o arruamento e casario já existente, em ambos os lados da Ladeira do Pelourinho, no Taboão, Ladeira do Carmo, Rua do Passo, Ladeira do Taboão e a Ladeira - ainda em parte caminho -, que seria denominada do Caminho Novo, comunicando-se com o Pilar, na Praia;

C - Continuando, na mesma direção, o Convento de Nossa Senhora do Carmo e de Santo Elias, prossequindo o seu "mesmo largo trânsito com a própria largura", até atingir-se, pela Rua Direita de Santo Antonio, a respectiva Igreja Paroquial e o Forte de Santo Antonio Além do Carmo.

D - Que, desse último ponto, continuava a numerosa povoação, composta de casas e moradores, além do sítio chamado o Rosário, quartel dos soldados vindos nas naus das frotas, que aí se alojavam, en

quanto permaneciam no porto. A Capela do Rosarinho era no local onde está agora a Igreja de SS. Trindade, em Água de meninos, assim como o quartel mencionado. Para esse trecho da Cidade do Salvador, Massé, no seu "Plano de Fortificação" previra: "6 - Fortificação, e muralhas projectadas para impedir o facil desembarque ao inimigo por agoa de meninos, o ingresso pela ladeira de S. Antonio", atual da Água Brusca, precaução resultante do conhecimento da história militar da cidade, projeto nunca executado;

E - Que, a "jurisdição desta paróquia", em seu prosseguimento sempre para o norte, e, já aqui, na Praia, estendia-se a muitos espaços, todos menos povoados, incluindo o Noviciado dos Padres da Companhia - atual São Joaquim - as ermidas da Boa Viagem, dos frades de São Francisco, e de Monsserrate, dos Benedictinos. Na Cidade Alta, atin-
gia a "nova igreja da Soledade", não assinalada na Planta de Massé, que para esse ponto projetara: "8 - Obra Coroa no Alto da Soledade para ve-
dar ali o alojamento ao Inimigo", igualmente não construída.

Retornemos a Rocha Pita:

"12. Para a parte do oriente lhe ficam os dois grandes e vistosos bairros da Palma e do Desterro, este enobrecido com igreja paroquial de largo distrito e com o mosteiro das religiosas de Santa Clara, aquele com o hospício de N. Senhora da Palma de frades de Santo Agostinho, e a capela de Nossa Senhora do Rosário de um dos terços do presídio, ambos ornados de boas casas e habitados de muitos moradores, fregueses do paroco do Desterro."

Informação importante, com que termina a descrição da parte alta da urbis setecentista, nos seus anos vinte, tratando dos novos, e "por importantes bairros da Palma e do Desterro, este com igreja paroquial e o Mosteiro das Religiosas de Santa Clara do Desterro. O da Palma, com o hospício de Nossa Senhora da Palma de frades de Santo Agostinho, e a capela de Nossa Senhora do Rosário, de um dos terços do presídio. Ambos os Bairros citados com boas construções e muitos moradores.

Não há, na descrição de Rocha Pita, uma menção expressa ao Bairro da Saúde, muito bem representado na Planta de Massé, cuja Legenda informa: "F. Bairro de N.S. da Saúde muito povoado hoje", estando representado por várias ruas ladeadas de casas, observando-se a Ladeira do Alvo - hoje rua Frei Caneca - , ao lado do Dique dos holandeses, nas proximidades da Baixa dos Sapateiros, esta no lado oposto. Figura também, no Desenho, o Dique do Tororó, número 12, com a enorme extensão que ostentava na época, indo desde as proximidades do Campo Grande até próximo ao Forte do Barbalho, resultou do represamento dos galhos superiores do rio Urucaia (Lucaia), formando novo dique, com a finalidade de "inundar e tornar infranqueável extenso vale que se prolongava pelo lado oriental, das imediações do Barbalho ao Forte de São Pedro".

O Dique do Tororó, tal qual se vê na Planta de Massé, contemporânea de sua construção, é inacreditável para quem o conhece hoje, pois o mesmo foi sendo aterrado, aos poucos, por particulares, e,

já no nosso tempo, pelo poder público, reduzindo-se atualmente, a uma insignificante porção do primitivo. Quanto ao dos holandeses, já considerado pelo Brigadeiro Jean Massé, no primeiro quartel do século XVIII, como pântano, que infestava a cidade, poluidor portanto, foi canalizado no século passado, quando da construção da rua da Vala - atual Dr. Seabra - no trecho compreendido entre a Barroquinha e o Primeiro Arco, mediante galeria subterrânea, e em canal aberto, a partir daí.

Contando, ainda uma vez, com a descrição de Rocha Pita,
~~EXA~~ EXA minemos agora, o Bairro da Praia:

"13. Para o ocaso tem a marinha, que, apelidando-se bairro da Praia, se divide em duas paróquias, a de Nossa Senhora da Conceição e a do Pilar, ambas povoadas de inumeráveis moradores e ornadas de grandes edifícios, que guarnecem de um e outro lado a povoação, desde o lugar chamado Preguiça até o referido sítio, quartel dos soldados do remo, incluindo a primeira no seu distrito as igrejas do Corpo Santo e Santa Bárbara, as suntuosas casas da Alfândega e da Ribeira, e as que foram da Junta. As dos particulares em ambas são magníficas e mui elevadas; umas se fabricaram sobre o mar e outras encostadas aos penhascos da terra, abrindo-se neles por muitas partes, com grande artifício e despesa, repetidos transitos, para subir com mais brevidade a todas as da cidade; nesta se contam seis mil fogos e vinte e oito mil vizinhos capazes dos Sacramentos, qualificada nobreza e luzido povo.

Aí, Rocha Pita aborda o Bairro da Praia, ou Cidade Baixa, no trecho da Preguiça até a Água de Meninos, dividido em duas paróquias,

a de Nossa Senhora da Conceição da Praia, a do Pilar, na ocasião com ' muitos moradores e grandes edifícios.

Na Conceição da Praia, encontravam-se as igrejas do Corpo Santo e Santa Bárbara, as "suntuosas casas da Alfândega e da Ribeira, e as que foram da Junta". As casas particulares, no conceito do douto Autor, em ambas as paróquias, eram "magnificas e mui elevadas", sendo que "umas se fabricaram sobre o mar e outras encostadas aos penhascos da terra, abrindo-se neles, por muitas partes, com grande artifício e despesa, repêtidos transitos, para subir com mais brevidade a todas as da cidade". O exame da Planta de Massé, confirma a exposição de Rocha Pita, evidenciando, porém, que o trecho entre a Preguiça e a Praça Cairú, aproximadamente, encontrava-se mais densamente edificado, com casas em ambos os lados da única rua existente, enquanto no setor, deste último ponto até Água de Meninos, paróquia do Pilar, as construções eram ' mais espaçadas, embora com ocupação contínua em todo o espaço indicado, permanecendo com uma única via pública.

Por conseguinte, no desenvolvimento da forma urbana na Cidade Baixa, continuava a existir o Eixo Direcional único, paralelo à escarpa e à marinha, contido na pouca profundidade desse espaço, logo, solução Linear, obrigatória, pelas condições de meio físico. No fim do primeiro quartel do setecentos baiano, indo da Preguiça a Água de Meninos, o Eixo básico da composição crescera bastante. O Bairro da Praia ' conservava a sua vocação inicial de Porto Armazem, concentrando as atividades relativas à importação e exportação de produtos externos e internos, respectivamente, na sua função por excelencia, de centro recep-

tor e distribuidor, de e para os outros continentes, notadamente Europa e África; de e para as outras partes do Brasil, mediante a navegação de cabotagem; de e para o Reconcavo e demais partes da Bahia, num intenso intercambio, vez que daí lhe chegava considerável parte dos produtos que contribuíam para a sua subsistência; e dos que constituíam importante parcela de sua pauta de exportação, seja os resultantes da atividade preponderante da agro-indústria açucareira, seja dos produtos primários de exportação, dos quais se sobressaía o fumo.

No Bairro da Praia estava a Ribeira, onde havia suntuosa casa e o importante estaleiro de construção naval, que tantos encomios recebeu do espacialista inglês William Dampier, quando aqui esteve em 1699, indústria esta muito desenvolvida em Salvador, sendo a mais qualificada do Brasil, no período Colonial.

Na Planta de Massé, lê-se: "4. Arcenal, Ribeira das Naos, pequena Caldeira e Bateria da Ribeira", esta última no lugar ocupado nos primórdios da cidade, pela fortificação da Laje. Outra construção importante, como vimos, era o edifício da Alfandega, na atual Praça Cairú, em posição diversa e defronte da de nosso tempo, obra posterior, em que agora se aloja o Mercado Modelo.

A referencia contida no texto em exame, a respeito das casas "magníficas e mui elevadas", umas fabricadas "sobre o mar e outras encostadas nos penhascos da terra", é confirmada pelo depoimento de quantos se referiram à Cidade do Salvador na ocasião e referendada pe-

las Gravuras que mostram o Frontispício de Salvador de então, havendo, por isso mesmo, concordância entre os dados obtidos de Fontes escritas e gráficas, o que confere confiança às observações feitas.

Na parte final do parágrafo em estudo, encontramos uma informação importante; na Cidade do Salvador, nos anos vinte do setecentos, contavam-se "seis mil fogos e vinte e oito mil vizinhos capazes de Sacramentos, qualificada nobreza e luzido povo". A Soterópolis experimentara um grande incremento populacional no período em análise, pois estimado em 10.000 o número de seus habitantes em 1650, após a época de perturbações já estudada, encontramos, em 1730, uma aglomeração de 30.000 pessoas e a existência de 6.000 fogos, com a média, por conseguinte, de 5 pessoas por fogo, indicadores de um período de apreciável desenvolvimento urbano e populacional, condizente com as informações colhidas das diversas fontes estudadas, que situavam a Cabeça do Brasil, no século XVIII, como a segunda cidade em importância do Império Português, só superada por Lisboa.

Em seguimento, nos parágrafos sucessivos, Sebastião da Rocha Pita apresenta um inventário - digamos assim - da Função Defender, enumerando o desenvolvimento a que atingira o processo iniciado há cerca de 150 (cento e cinquenta) anos antes, com os Planos de Turriano e Espananochi, continuados na primeira metade do seiscentos por Frias da Mesquita, finalmente, completados pelo Plano Geral de Fortificações de Jean Massé, então em plena execução. Eis os parágrafos respectivos:

"14. É defendida de muitas fortalezas; tem na entrada "

da barra a de Santo Antônio feita em forma de uma estrela irregular , com guaritas e um torreão no meio; a de Santa Maria, acrescentada para a parte da terra, em paralelogramo retângulo, com seus ângulos reentrantes em forma de estrela; a de S. Diogo, com um lanço de muralha em forma circular, que defende a praia e porto de Santa Maria. Dentro da barra, pela estendida ribeira da sua grande enseada, se vão continuando a de S. Filipe e Santiago, que consta de um baluarte e dois lanços de cortina, fechada pela parte da Ribeira em que se fabricam as naus; a de S. Francisco, que é um grande baluarte, fundado sobre firmes lages de pedra que ali tem o mar, e defende as naus que estão à carga; a de Monserrate com torreões, situada em uma ponta da terra que defende por uma parte, e por três o mar. No meio do seu dilatado golfo a de Nossa Senhora do Pópulo e S. Marcelo, que está como antemural de toda a marinha, hoje ampliada em maior circunferência de recinto, de terraplano e de torreão, sendo o Santelmo da Bahia.

"15. Para a parte da terra tem a majestosa fortaleza de S. Pedro, para impedir o trânsito ao inimigo que do Rio Vermelho, sem penetrar a barra, intentar por terra a invasão da cidade é feita em forma de um paralelogramo, com quatro baluartes, defende por duas partes a terra; e por uma baixa o mar. Esta força se tem acrescentado com muita despesa e arte, fazendo-se de novo as obras e defensas exteriores de casas, estradas torcidas e cobertas, ramais esplanadas e muralha de rapeito, que vão terminar eminentes ao mar, em cujas fábricas se apuraram as linhas de Euclides, as máquinas de Vitruvio e de Arquimedes. A fortaleza de Santo Antônio além do Carmo, do próprio feitio de um paralelogramo, com quatro baluartes, a qual defende as baixas e caminho da Água brusca, que vai buscando a praia e por um lanço esta a fronteira ao mar.

Pela clareza da exposição, esses parágrafos dispensam comentários, exceto na parte final e unicamente para assinalar o "caminho da Água Brusca", assim denominado no início do século XVIII.

Curiosas, reputamos, as referências às "linhas de Euclides, as máquinas de Vitrúvio e de Arquimedes", sobretudo a citação do ' grande Arquiteto romano Marco Vitrúvio, autor do único tratado sobre Arquitetura da Antiguidade Clássica, que chegou até nós. Teria Sebastião da Rocha Pita conhecimento dos "Dez Livros de Arquitetura" do Autor citado, então em grande voga na Europa, verdadeira Bíblia para os Arquitetos do tempo? Em caso afirmativo, conhecia a clássica obra daqui do Brasil ou da Europa no tempo em que lá permaneceu, se documentando e estudando para preparar a sua História da América Portuguesa? São perguntas sem resposta, no momento, mas cujo esclarecimento, caso venha a ocorrer algum dia, será de valor para a história da Arquitetura no Brasil, pois pouco se sabe a respeito das fontes então existentes e utilizadas, pelos nossos Arquitetos e Engenheiros, a exceção de Sebastião Sérlio, o *acadêmico setecentista aduz*.

"16. Na parte do sítio que hoje se denomina a Soledade (invocação de uma nova igreja de Nossa Senhora, célebre santuário de milagres, que frequentam com repetidos votos todos os moradores da Bahia) está o forte do Barbalho, apelido de um cabo que no tempo da invasão dos Holandeses levantara naquele lugar uma bateria ou reduto, agora posto em grandeza competente a defender o desembarque de qualquer inimigo, que por Tapagipe ou pela Praia Grande (onde saltaram em terra os Belgas na guerra da Bahia) e quiser invadir. Sobre as duas portas da cidade estão duas soberbas plataformas com dois baluartes cada uma."

Aprende-se, deste ítem, que, na expansão da cidade na direção Norte, havia uma nova igreja de Nossa Senhora da Soledade, "célebre santuário de milagres, que frequentam com repetidos votos todos os moradores da Bahia", cuja invocação deu nome ao Bairro que então se iniciava e cujo desenvolvimento urbano e populacional seria constante no porvir até chegar a se constituir a respectiva ladeira, que ^{se} tornou, no século XIX, uma das mais importantes e belas ruas de Salvador, pela beleza de seus prédios, que conferiam nobreza e caráter à ambiência, tão louvada e admirada até recentemente, quando foi, infeliz e inoportunamente desfigurada, de maneira brutal e insensível, por iniciativa do próprio poder público, que deve ser o maior responsável pela preservação de nossos bens culturais.

No Plano de Massé, lê-se: "8. Obra Coroa no alto da Soledade para vedar ali o alojamento, ao inimigo", nunca construída.

Voltando à "História da América Portuguesa" e ainda no capítulo das fortificações, transcrevemos:

"17. Na praça do Palácio uma bateria de grossa muralha para a parte do mar, outra da mesma qualidade em Nossa Senhora da Conceição na Ribeira das Naus. Em dois sítios pouco distantes da cidade se vêem duas magníficas e reais Casas de Pólvora; uma em que se fabrica, outra em que se guarda, e uma grande casa em que se recolhe o trem. Todas estas fortalezas, defensas e fábricas, estão com a maior regularidade aperfeiçoadas pelos preceitos e regras da fortificação moderna, e guarneçadas de abundante número de artilharia grossa em peças de bronze e ferro de grande calibre.

"18. Nos dilatados braços que vai estendendo o mar pelas povoações interiores do recôncavo, se acham muitos redutos em lugares próprios para as defender das invasões inimigas, que já experimentaram, sendo-lhes roubados e destruídos engenhos, fazendas e casas poderosas, com morte dos seus habitantes e danos consideráveis, por acharem aqueles lugares sem defesa. Outra fortaleza tem Itaparica, (ilha ao poente da cidade), hoje acrescentada no mesmo lugar em que a fundaram aqueles inimigos holandeses quando tomaram esta ilha.

"19. Dos últimos limites dela correndo e navegando a costa para o sul, está a importante fortaleza do Morro de S. Paulo, com baluartes e cortinas em forma regular, estância em que reside uma companhia paga, cujo capitão é o cabo que a governa. Serve de propugnáculo e defesa às vilas marítimas do Cairu, Camamu, Boipeba e à povoação do Rio das Contas, que são os celeiros da Bahia, como o Egito foi do povo romano e Sicília de toda a Europa, conduzindo-se das vilas a maior parte da farinha que se gasta na cidade e no seu recôncavo. Guarnecem a cidade dois veteranos e valorosos terços de infantaria paga, outro de artilheiros e granadeiros destros; quatro regimentos de luzida infantaria da ordenança, um da corte com todas as companhias dos privilegiados e os três dos arrabaldes, fazendo em muitas ocasiões as mesmas operações da milícia paga".

Este importante testemunho do ilustre baiano, conhecedor dos acontecimentos já relatados anteriormente neste estudo, expõe, com clareza, as providências tomadas para prevenir a repetição dos dolorosos eventos apontados, com o sucesso que todos conhecemos, referindo-se, também, com precisão, às "vilas marítimas do Cairú, Camamú, Boipeba e à povoação do Rio das Contas, que são celeiros da Bahia".

Menciona Rocha Pita, em continuação, o Dique do Tororó, considerando-o a "maior defesa que lhe pôs a natureza", na parte de terra:

"20. Por terra a maior defesa que lhe pôs a natureza, em que ainda não teve exercício a arte, é um dilatadíssimo dique, êmulo dos de Flandres, que cortando os campos vizinhos à cidade, se lhe têm represadas as correntes, por lhe reprimir as inundações, das quais a querer valer-se em apertos de guerra, bastarão para a defender dos maiores exercítos e dos inimigos mais porfiados e intrépidos."

Descreve, a seguir, no seu estilo característico, as áreas em volta da cidade, confirmando as informações dos cronistas e de Gabriel Soares, a saber:

"21. As campanhas do contorno da cidade se vêem fabricadas com maravilhosas casas de campo e quintas de rendimento e recreio, abundantes de copados e frutíferos arvoredos, cultivadas de várias hortaliças, ervas e flores, que regam inumeráveis correntes cristalinas, formando este pensil um formoso espetáculo aos olhos, e sendo emprego não só da vista, mas de todos os sentidos. A excessiva cópia de frutos e refrescos que delas se colhe, provê com prodigalidade a todos os moradores e a quantas embarcações vêm à cidade e saem do seu porto, que deste gênero (o mais suspirado e apetecido no mar) como de todos os outros, víveres, vão com grandeza providas para longas viagens".

IncurSIONa, em seguimento, no afamado Reconcavo baiano, fornecendo preciosas informações, a saber:

"22. O seu recôncavo é tão culto e povoado, que se lhe descreveramos as fábricas e lhe numeráramos os vizinhos, gastaríamos muitas páginas e não poucos algarismos; porém reduzindo a sua narração e breves cláusulas e letras, diremos somente que existem nele cento e cinquenta engenhos, uns de água, outros de cavalos, fazendo cada ano e um por outros, quinze e dezesseis mil caixas de açúcar de muitas arrobas cada uma, além de inumeráveis feixos e caras. Há várias fazendas de canas, algumas tão grandes na extensão, e pela bondade do terreno tão fecundas, que rendem dois mil e quinhentos pães, dos quais a metade fica aos senhores dos engenhos que as moem e beneficiam o açúcar. Muitas há inferiores, ou pelo tamanho, ou por ser menos legítima a terra de massapé em que as cultivam, e mais que tudo por lhes faltar o benefício e fábrica de escravos, porém não deixam de ser rendosas.

"23. Há muitas casas de cozer os moles para os açúcares batidos, outras para os reduzir a águas ardentes. Descobrem-se dilatados campos plantados de tabaco, vários sítios ocupados de mandioca, outros cultos com pomares e jardins. De todos os gêneros de artifices há mestres e oficiais, de que aqueles moradores se servem, sem os mandar buscar à cidade. O número das pessoas que habitam o recôncavo, onde reside a maior parte da nobreza, os trabalhadores, os escravos que andam no serviço dos engenhos, das canas, das outras lavouras, e os que servem nas casas, excede o cômputo de cem mil almas de confissão, além dos que não são capazes dos Sacramentos."

Nos dois parágrafos, 22 e 23, acima reproduzidos, o relato de Rocha Pita é muito valioso, porque ele foi conhecedor da região que descreve, inclusive como morador aí e senhor de engenho. Os dados

que apresenta são importantes, no que se refere à próspera situação da agro-indústria açucareira e seus sub-produtos; no que concerne aos "di-
latados campos plantados de tabaco", aos "vários sítios ocupados de
mandioca" e aos outros "com pomares e jardins", evidenciando a diversi-
ficada ocupação do solo, embora com a preponderância da área cultivada
com a finalidade de fornecer matéria prima - a cana - aos engenhos ,
em número de 150 (cento e cinquenta), então existentes, uma de água e
outros de cavalos.

Quando se refere aos recursos humanos disponíveis para
tanta labuta, diz: "De todos os gêneros de artífices há mestres e ofi-
ciais, de que aqueles moradores se servem, sem os mandar buscar à cida-
de", o que demonstra, de um lado, a independência do Recôncavo, no par-
ticular, em relação à Cabeça do Brasil, e de outro existência aí de
uma vera escola de formação de artífices - Mestres e Oficiais -, de
todos os generos, desenvolvida na região, por quase dois séculos de '
atividades, dentro dos padrões medievais de transmissão do conhecimen-
to, por via direta, ^{Disto} ~~desta~~ resultou a alta qualificação dos artífices,
de que podemos dar testemunho, no campo da Arquitetura e da Construção,
pelo conhecimento dos exemplares que até hoje estão de pé, nas mais '
importantes cidades do Recôncavo, alguns até anteriores ao tempo em que
Sebastião da Rocha Pita produziu a sua excelente "História", que levou
Pedro Calmon a escrever na Introdução da História da América Portuguesa: "O livro do Coronel Sebastião da Rocha Pita é
um elemento "barroco" da cultura nacional como qualquer dos monumentos
que a ilustram, conservando na sua velha fisionomia o selo precioso da
autenticidade. Tem um valor a mais: é o cabedal noticioso que o inclui
entre as escassas fontes impressas da história pátria.

Nalguns trechos é insubstituível o seu testemunho". ().

Conforme fez quando descreveu a Cidade do Salvador, ao tratar do Recôncavo, Rocha Pita procedeu ao cálculo da população da região, no fim do primeiro quartel dos setecentos baiano, considerando que o número de pessoas "que habitam o recôncavo, onde reside a maior parte da nobreza, os trabalhadores, os escravos que andam no serviço dos engenhos, das canas, das outras lavouras, e os que servem nas casas, excede o cômputo de cem mil almas de confissão, além dos que não são capazes dos Sacramentos", o que significava um incremento significativo, em relação às estimativas, como a de Gabriel Soares.

E, para completar o precioso depoimento de Rocha Pita, uma valiosa notícia:

"24. O comércio que lhe resulta dos seus preciosos gêneros e da frequência das embarcações dos portos do reino, das outras conquistas, e das mesmas províncias do Brasil, trocando umas por outras drogas, a faz uma feira de todas as mercadorias, um empório de todas as riquezas e o pudera ser de todas as grandezas do mundo, se os interesses de Estado e da monarquia lhe não impedira o tráfego e navegação com as nações estrangeiras, às quais se não falta com a hospitalidade, quando necessitadas de mantimentos, aguadas ou consertos, vêm as suas naus arribadas a este porto a pedir o necessário para prosseguirem as suas viagens, mas proibe-se aos moradores com penas gravíssimas e capitais o comprar-lhes os seus gêneros, ou vender-lhes os nossos; em tudo o mais pertencente ao apresto das suas embarcações, aguadas, refrescos e mata-lotagens, são cortês e amorosamente tratados e servidos." (27)

A situação descrita, já comentada parcialmente em outra parte do presente capítulo, permite-nos confirmar agora:

I. Que o porto de Salvador era muito movimentado, em vista do intenso comércio aqui realizado;

II. Que atividade tão intensa, fazia da Capital do Brasil "uma feira de todas as mercadorias, um empório de todas as riquezas";

III. Que esta excelente situação, poderia ser ainda muito melhorada, "se os interesses do Estado e da monarquia lhe não impedira o tráfego e navegação com as nações estrangeiras, o que é confirmado pelas narrações de alguns dos viajantes aqui aportados, de 1685 a 1718;

IV. Que, por isso mesmo, proibia-se "aos moradores, com penas gravíssimas e capitais o comprar-lhes os seus gêneros, ou vender-lhes os nossos";

V. Que, finalmente, no mais necessário ao "apresto de suas embarcações, aguadas, refrescos e matalotagens, são cortês e amorosamente tratados e servidos".

São reparos procedentes, cuja solução só seria alcançada cerca de cem anos mais tarde, em 1808, quando da abertura dos portos do Brasil ao comércio das nações amigas.

Tendo nascido a 3 de maio de 1660, em Salvador, faleceu Sebastião da Rocha Pita na mesma cidade a 3 de novembro de 1738, com a idade de setenta e oito anos e meio justamente. O seu livro, tão útil ao nosso trabalho, foi publicado em Lisboa em 1730, tendo por título completo o seguinte: "História da América Portuguesa desde o ano de 1500 do seu descobrimento até ao de 1724". Por conseguinte, o seu depoimento no que concerne à Cidade do Salvador chega ao primeiro quar -

tel do século XVIII, sendo, contemporâneo da Planta do Brigadeiro Engenheiro Jean Massé, o que permite como foi executado, a confrontação dos dados escritos com as informações gráficas, levando-se a concluir, pela enorme coincidência entre as duas fontes, por suas autenticidades.

2.2.4 A CIDADE DO SALVADOR EM 1730

Com as precedentes considerações, chegamos ao fim do exame das principais Fontes utilizadas para o conhecimento da Evolução Física de Salvador na 1ª. Fase do 2º Período do presente Projeto, possibilitando a preparação da Planta da Cidade em 1730, que acompanha o presente texto. (Des. 05).

Resumindo quanto foi dito, concluímos:

I. Que da análise do desenvolvimento de Salvador, entre 1650 e 1730, dividida em Bairro da Praia - Cidade Baixa - e Cidade Alta, encontramos:

2.2.4.1 - Bairro da Praia - Cidade Baixa

A ocupação da faixa à margem da Baía de Todos os Santos cresceu bastante, indo, em 1730, desde a Preguiça, na freguesia da Conceição da Praia, até Água de Meninos, na freguesia do Pilar. Esta conquista de um espaço urbanizado maior, processou-se mediante uma solução de tipo Linear, por intermédio de uma única rua, situada na estreita faixa entre a escarpa e a marinha. Da Preguiça às proximidades da atual Praça Conde dos Arcos, a via única tinha construções nos seus dois lados, edificações sólidas, de muitos andares, com presença de um setor

público - Alfândega, Arsenal, Estaleiro Naval e outras: um segundo setor, compreendendo os edifícios religiosos, disseminados pelo espaço urbanizado, destacando-se a Igreja e demais dependências da Conceição da Praia, em sua segunda versão, no exato momento em que se ultimavam as diligências para a construção do monumental conjunto atual; um terceiro, para o desempenho da Função Defender, constituído pelos fortes e demais obras de defesa, destinadas à proteção do Porto e do Bairro da Praia, todos sob a jurisdição do Poder Público e, finalmente, os Setores Comercial e Residencial, para o desempenho das importantes Funções Trabalhar e Habitar, constituídos dos Armazens, Trapiches, Casas Comerciais e Residenciais, disseminadas por todo o espaço ocupado, os dois primeiros da banda do mar, e os demais, por toda parte.

No que se refere à zona da freguesia do Pilar, de ocupação mais recente, era trecho também de uma rua só, menos densamente edificado, mas com construções semelhantes, para fins idênticos.

Na extensa faixa entre Água de Meninos e Jequitaia - Boa Viagem - Monsserrate, da paróquia de Nossa Senhora do Rosário, pouco povoada, incluindo-se aí e servindo como focos de povoamento e desenvolvimento urbano, Noviciado dos Padres da Companhia, na Jequitaia, recente, e as ermidas da Boa Viagem, dos Franciscanos, mais antiga e de Monsserrate, dos Benedictinos, erecta nos fins do século XVI.

2.2.4.2 - Mancha Matriz - Cidade Alta

Quanto ao trecho da "Mancha Matriz", atual Sub-Distrito da Sé, a composição de suas ruas e praças permanecia sem alteração de

monta; relativamente a 1650, e assim continuou, até as intervenções iniciadas no último quartel do oitocentos. O que ocorreu, no espaço de 80 (oitenta) anos, entre 1650 e 1730, foi consequência da situação de prosperidade alcançada, que possibilitou: 1. a construção de edifícios públicos notáveis, como, por exemplo, a Casa de Câmara e Cadeia, em seu pleno desenvolvimento, no que se refere à ampliação procedida, que resultou na ocupação de todo o quarteirão e na sensível melhoria de suas instalações; o Palácio dos Governadores, já então dos Vice-Reis; a Casa da Moeda e a Casa da Relação, todos situados na Praça do Palácio, já então sede dos Três Poderes, Executivo, Legislativo e Judiciário, vero Centro Administrativo, função que desempenhou desde a fundação da Cidade do Salvador até o século XIX, último quartel; 2. O adequado agenciamento da segunda praça da cidade, o Terreiro de Jesus e seu prolongamento pelo Cruzeiro de São Francisco, na época ocupada por construções religiosas da maior significação na cidade, como a Igreja - ainda em construção - e demais dependências da Companhia de Jesus, inclusive o Colégio; a Igreja e Convento de São Francisco em andamento - com a Capela e dependências da sua Ordem 3ª ao lado; e as construções civis de Arquitetura sóbria e nobre, alguns de cujos exemplares sobrevivem, constituindo o conjunto, até hoje, mesmo com as desastrosas intervenções em alguns pontos, uma das ambiências mais representativas do que de melhor existe na história da Arquitetura Brasileira; 3 - De permeio entre as duas praças, o conjunto da Santa Casa da Misericórdia e a Sé Catedral representavam valiosos exemplos da nossa Arquitetura tradicional, no seio do casario existente; 4 - No todo, das Portas do Carmo às de São Bento, pontos extremos Norte e Sul, respectivamente, da Mancha Matriz, permanecia o Eixo Direcional principal da composição urbana, paralelo à escarpa, que principiava na Rua das Portas do Carmo e prosseguia pelo Terreiro de Jesus, Rua Direita do Colégio até a esquina norte da fachada Este da Sé, comunicando-se daí com a Rua da Misericórdia.

dia, Praça do Palácio e Rua Direita - Chile -, terminando nas Portas de São Bento. Tanto na zona do atual Pelourinho, como na parte compreendida entre o Terreiro e a Praça Castro Alves de nossos dias, havia ruas paralelas ao eixo anterior e normais, ao lado de poucas esconsas, tudo conforme permitiam as condições do meio físico, nesse exíguo espaço de pouca profundidade. Era, no último trecho, e isolada entre a Rua da Ajuda e a do Tesouro de hoje, que permanecia a primeira Igreja erecta na Cidade Alta - Sé de Palha - desde o final do século XVI, sob a invocação de N.S. da Ajuda, com o seu Adro à frente, voltado para o Norte.

2.2.4.3 - Fóra das Portas, na direcção Sul

Franqueada a Porta de São Bento, prosseguia o Eixo Básico pela actual ladeira de São Bento, rua Direita de São Bento, a mais espaçosa da cidade, na qual, do lado de terra, situava-se a Igreja e Mosteiro de São Sebastião, da Ordem de S. Bento, nas vésperas da chegada a Salvador do eminente Arquiteto Frei Macário de São João, autor do monumental projeto do novo conjunto Mosteiro e Igreja Abacial, uma das mais importantes obras arquitetônicas do Brasil, em todos os tempos, infelizmente, só parcialmente executada. No lado oposto e no anterior, após o conjunto beneditino, residiam algumas das figuras mais significativas da sociedade baiana da época, inclusive, como já vimos, o Coronel Sebastião da Rocha Pita, terminando esta artéria no local em que se levantava, em fase bem adiantada, uma das Matrizes arquitetonicamente mais valiosas da Cidade, a Igreja de São Pedro, cujo frontispício se contava entre os melhores, monumento esse demolido na segunda década do século actual, em flagrante atentado contra a Memória Nacional. Prosseguindo, pelo trajeto aproximadamente igual ao da presente Avenida Sete

de Setembro - da Praça Barão do Rio Branco - Piedade - Rosário - Mercês, chegava-se à Fortaleza de São Pedro, ponto extremo da ocupação contínua nessa direção, passando-se, de permeio, pelas Igrejas do Rosário de João Pereira e do Convento das Mercês, em rua marginada por casas, em Bairro, cujo incremento populacional fora significativo entre 1650 e 1730.

Paraleleas ao Eixo Principal, da banda do mar, encontravam-se a Rua de Baixo de São Bento - Carlos Gomes - do Sodré - do Areal de Cima e do Areal de Baixo, ostentando-se na do Sodré, em sua parte baixa e defronte da ladeira que a ligava, nesse ponto, com a Rua de Baixo de São Bento, o Convento de Santa Tereza, com sua Capela, conjunto esse ainda por se concluir, prosseguindo essa artéria até a Cidade Baixa pelas Ladeiras da Preguiça e da Gameleira. Esse trecho estava habitado e construído.

Entre a Piedade e o Forte de São Pedro, da parte de terra, havia a rua Direita da Piedade, até a altura de São Raimundo. Começavam a levantar-se construções no início da atual Ladeira do Salete, com ligação à rua principal, pela Travessa do Rosário. No poente, estava presente a Rua Senador Costa Pinto de agora, com casas nos seus dois lados. Trechos arruados e edificados encontravam-se na Rua do Cabeça, por onde se chegava ao atual Largo 2 de Julho, então livre de casas, a não ser no lanço do Sodré ao Areal de Cima, deste ao de Baixo, e em um dos lados da atual Rua dos Democratas. O traçado desse trecho não era regular, tornando-se confuso, à medida que se caminhava para a encosta, rumo ao mar.

Da Piedade, começava um Eixo Secundário, irregular, de penetração, a partir do Principal, que, com o passar do tempo, iria se

constituir importante vetor de expansão da cidade nessa direção, ou seja, a Avenida Joana Angélica. Para esse Eixo Secundário, foram se aglutinando, mediante Eixos Terciários, Mouraria e Mangueira, que terminavam na Palma, e a Rua do Bangala. Na ocasião - 1730 -, contava este setor com a Igreja e Convento da Palma e a Capela de Santo Antônio da Mouraria como focos iniciais de ocupação e posterior desenvolvimento, começados - como observamos -, na época da invasão holandesa - 1624-25 - e continuados no século imediato. Da Palma, pela ladeira que lhe tomou o nome, atingia-se o Guadalupe e ascendia-se à Mancha Matriz. Do Bangala, chegava-se à Palma, mas ia-se também ao Gravatá e daí ao Desterro, que era outro Bairro em formação, nucleado no Convento das Religiosas do Desterro, o mais antigo de Freiras da Cidade, indo-se daí à São Miguel, subindo-se para o Pelourinho. Do Desterro, alcançava-se o Bairro da Saúde, cujo princípio de povoamento ocorrera na mesma época do da Palma.

Como sabemos, estes três pontos - Palma - Desterro e Saúde - pontos eminentes e fronteiros à Mancha Matriz -, tornaram-se locais importantes na campanha de sítio e retomada final da Cidade do Salvador, iniciando-se então, por isso mesmo, a conquista da segunda linha de cumeada. Do Bairro da Saúde alcançava-se pela Rua do Alvo, o vale do rio das Tripas, que era transporte aí, para a Baixa dos Sapateiros e Taboão, subindo-se ao Pelourinho, pelas Portas do Carmo, e ao Bairro do Carmo, pela ladeira do mesmo nome e descendo-se ao Bairro da Praia pelas rua e ladeira do Taboão.

Considerando-se a situação, em 1730 do Distrito da Sé, na malha urbana já consolidada, e as importantes funções aí desenvolvi

das, compreende-se que a expansão urbana dos novos bairros se tivesse verificado no sentido de possibilitar as comunicações com o centro das decisões políticas, administrativas, comerciais e outras, estabelecendo-se, por isso mesmo vias de ligação da Palma, Desterro e Saúde com a Mancha Matriz e o Bairro da Praia, ~~veros~~ ^{veros} centros da atividade urbana, na ocasião. Em verdade, foi pela Barroquinha, Porta de São e daí, diversificando-se em várias direções, a saber:

1. subindo, em direção Norte, para a Cidade Alta-Sé;
2. idem, no sentido oposto, para São Bento e Rua Nova de São Bento;
3. dirigindo-se para o Bairro da Praia, pelas ladeiras que tinham seus pontos terminais na Conceição e na Preguiça

e pela Guadalupe, São Miguel, Baixa da Saúde e Rua do Alvo, entre outros, que se deu a transposição do vale do rio das Tripas, para se ir ao Centro Administrativo ou Centro Religioso-Cultural da cidade, ou então ao Bairro da Praia, pelas ladeiras, já aumentadas em número, no trânsito dos moradores dos bairros novos, situados na segunda linha de cumeada, em busca dos locais onde preferentemente se exerciam as Funções Fundamentais Urbanas da Capital do Brasil: Administrar, Habitar, Trabalhar, Defender e Recrear.

do citado Eixo Secundário da composição urbana.

É fato urbano recente a plena expansão, que, com o envolver dos tempos, veio a se constituir em importante via pública, a atual Avenida Joana Angélica, conectando o Bairro de São Pedro - na Piedade - com amplo e desocupado Campo de Nazaré de 1730, em que, a par de sua Igreja Matriz, concluída no primeiro quartel do setecentos, pouca coisa havia. Na época, assistia-se ao seu tímido surgimento, alcançando o casario, na Planta de Massé, as imediações da presente rua da Mangueira,

resultando, por conseguinte, do crescimento do Bairro de São Pedro, nessa direção.

Na Planta do Brigadeiro, em que, ao par da indicação da área já urbanizada da cidade, figuram os pontos por ele destinados à construção de novas obras de Fortificação, das quais várias não foram feitas, reservava-se amplo espaço no bairro da Palma para a "Cidadela", nunca construída. Todavia, esse sítio, por sua vocação para instalações militares, desde 1624-25, foi ocupado por Quartéis e outros alojamentos militares, até o atual Quartel General - 1912 - e demais dependências aí sediadas, da VI Região Militar.

2.2.4.4 - Fora das Portas, na direção Norte

Ultrapassadas as Portas do Carmo, rumo ao Norte, estava-se no Bairro de Santo Antonio, que se prolongava, já estabilizado, do ponto de vista urbano, depois dos revezes sofridos nos tempos das lutas com os flamengos, atingindo o rumo do Eixo Direcional principal da composição urbana a atual Praça de Santo Antonio Além do Carmo, onde, finalmente, erecta de alvenaria ciclópica, encontrava-se a Fortaleza em que se transfiguraram as instalações eventuais que a precederam, nesse importante ponto estratégico da Cidade do Salvador. Bem próximo, estava o Forte do Barbalho, de igual tradição e evolução semelhante, até a sua forma final, cruzando-se os fogos das duas, numa eventualidade de ataque pelo Norte, como o tentara, sem sucesso, o Príncipe Maurício de Nassáu, em 1638.

De permeio, entre esses pontos extremos do avanço da Cidade do Salvador nessa direção, encontravam-se a Igreja e Convento

do Carmo, com a Capela e demais dependências de sua Ordem 3a., a primeira ainda presente na paisagem urbana de hoje, e, a segunda como era antes do pavoroso incêndio que a destruiria, em 1788 - ensejando rápida reconstrução da Capela incendiada - sem que, praça aos ceus, tivesse sofrido o preciosíssimo acervo que, então como agora, guarda o mais expressivo da monumental obra escultórica de Francisco das Chagas, o Caibra, um dos maiores nomes da Escultura brasileira, em todos os tempos.

À parte dessa rua principal, o Bairro crescera, seja no seu início, com a rua do Passo, seja no seu trecho final, onde ruas paralelas e normais àquela, encontravam-se edificadas nos seus dois lados, "compostas de muitas casarias", com "numerosa povoação", segundo Rocha Pita.

Do extremo Norte desse importante Bairro, ia-se à Quinta dos Padres, à Água de Meninos e, continuando na direção Norte, alcançava-se o Alto da Soledade, para o qual, como anotamos antes, Massé previra a sua "Obra Coroa", para impedir o acesso e alojamento de um possível inimigo por aí, vez que, começava nesse ponto, o caminho para o interior. Na oportunidade, segundo o testemunho do Autor da "História da América Portuguesa", havia "uma nova igreja de Nossa Senhora, que seria em futuro próximo, o fulcro da urbanização dessa zona da cidade.

Em resumo, a Colina da Sé encontrava-se inteiramente urbanizada; São Bento e Carmo em franco progresso, predominando aí, desde Santo Antônio Além do Carmo até o Forte de São Pedro, a tradicional rua principal, Eixo Básico da composição urbana, entrada e saída na direção Norte-Sul da Cidade do Salvador, em via primordial da vida urbana e ca-

minho para se atingir fora da área indicada, os núcleos de povoação, dentro e fora do seu Termo.

No segundo divisor de águas, acrescido à área primitiva na última centúria, os novos Bairros da Palma, Desterro e Saúde, intercomunicantes por vias situadas nas partes próximas ao vale do rio das Tripas, ligavam-se à Mancha Matriz, naqueles pontos em que o mesmo era transposto, em vista da natural atração exercida pelas estruturas localizadas na Colina da Sé.

A Cidade Baixa - Bairro da Praia - bastante estendida, estava ocupada desde a Conceição até o Pilar, com edificações sólidas e importantes edifícios públicos e religiosos.

Ao findar-se o primeiro terço do século XVIII, as principais igrejas e edifícios públicos estavam prontos ou em andamento, e, em torno daquelas, ia se agrupando a população, criando-se novos pontos de povoamento.

O abastecimento de água à cidade era resolvido por meio de grandes fontes públicas, cuja conservação era mantida pelo governo.

De todo o Recôncavo, conforme vimos, vinha para Salvador o necessário ao seu abastecimento, sendo Cairú, Camamú, Boipeba e a povoação do Rio das Contas, os celeiros da Bahia, quando ainda era por mar que se estabeleciam as principais comunicações da Cidade do Salvador com o Recôncavo, a Bahia, o Brasil e o Mundo. Nessa época, era a via aquática a preferida, inclusive para as ligações entre a Cidade e Itapagipe, Barra, Rio Vermelho e demais pontos da Baía de Todos os San-

tos e Orla Marítima.

Contando com uma população de cerca de 30.000 habitantes, "capazes dos Sacramentos", e existindo mais de "seis mil fogos", Salvador era a segunda cidade do Mundo Português em importância, só superada por Lisbôa.

No Recôncavo, na mesma ocasião, o número de seus habitantes excedia o "cômputo de cem mil almas de confissão, além dos que não são capazes dos Sacramentos".

Experimentara a Cidade do Salvador, "Cabeça do Brasil", expressivos índices de desenvolvimento urbano e populacional, resultantes da prosperidade alcançada pela região, da qual era o mais importante pólo de desenvolvimento, nos quase 200 (duzentos) anos volvidos, desde a sua fundação e construção inicial, sob a ponderada e segura administração de Tomé de Souza e o competente desempenho técnico do Mestre das Obras da Cidade, Luis Dias.

2.2.5 - A Criação da "Aula" Baiana: Seu Começo

Um dos principais eventos do período 1650-1730, no que concerne à formação de mão de obra competente, nos campos da Arquitetura, Engenharia e Construção, foi a criação das "Aulas" no Brasil, uma das quais, como é óbvio, sediada na Cabeça do Brasil.

No fim do século XVII, em vista de premente necessidade, Portugal se viu forçado a mudar a sua política, no que concerne à preparação de construtores, levando a efeito o que hoje denominariamos de re-

forma do ensino. Esta alteração, não se referiu unicamente à Metrópole lusitana, pois atingiu as colônias.

Em termos modernos, seria o Projeto Gôa-Angola-Brasil, cuja finalidade primordial era tentar resolver o grave problema da escassez de Arquitetos e Engenheiros Militares, como eram designados na época, para servir no vasto Império Colonial Português. Entre as razões de tal medida, deve-se considerar a frequência de pedidos oriundos do Brasil, África e Ásia, solicitando sempre, mais gente capaz, o que levou o Governo Lusitano a realizar a descentralização da formação profissional, ou seja, em lugar de trazer à Portugal todos os estudantes desejosos de aprender a arte de construir, optou-se, acertadamente, pela criação de Aulas ou Escolas no Brasil, África e Ásia, isto é, o Programa Gôa-Angola-Brasil.

Por isso mesmo, funda Portugal, no fim do século XVII e princípio de XVIII, 3 (três) "Aulas Militares", também denominadas, nos diversos documentos, como "Aula de Arquitetura", "Aula de Fortificações" e "Aula de Artilharia".

São essas, portanto, as primeiras Escolas Superiores de Arquitetura e Engenharia, fundadas e em funcionamento no Brasil, a saber:

I - a da Bahia, sediada em Salvador, criada pela Carta Régia de 11 de janeiro de 1699, do Rei D. Pedro II de Portugal, designada como "Escola de Artilharia e Arquitetura Militar";

II - a de Pernambuco, com sede em Recife, mais ou menos da mesma época, últimos anos do século XVII, chamada a "Aula de Pernambuco";

III - a do Rio de Janeiro, conhecida como "Aula de Fortificações e Arquitetura do Rio de Janeiro", criada para alguns, nos anos finais do século XVII, mas que Souza Viterbo, no seu renomado livro, diz estar funcionando em 1735.

Da leitura da Carta Régia, escrita em Lisbôa, a 15 de janeiro de 1699 e dirigida a Dom João de Lencastro, então Governador Geral do Brasil, fica-se sabendo o que se segue, a respeito do funcionamento da Aula Baiana:

1. Que uma das razões da criação da Aula era de ordem econômica e proveniente da necessidade de abreviar a descontinuidade da assistência aos trabalhos em curso, verificada quando da substituição de um profissional, sobretudo em caso de morte, uma vez que, pela lentidão das comunicações então existentes, muito tempo decorria até que chegasse o novo Arquiteto-Engenheiro Militar, ocasionando, por conseguinte, retardo no andamento das obras e serviços; a respeito, diz a Carta Régia: "para que assim", com o funcionamento da Aula, "possa haver nessa mesma conquista engenheiros e se evitem as despezas que se fazem com os que se vão deste Reyno, e as faltas que fazem ao meu serviço enquanto chegam os que se mandão depois dos outros serem mortos".
(Os gritos são nossos)

2. Que, por isso mesmo, considerando-se ser Portugal um país de pequena população e grande Império Colonial, a política de descentralização da formação profissional muito contribuiria para diminuir a exportação de mão de obra qualificada do Reino, ao tempo em que habilitaria os naturais das colônias, ao exercício de funções anteriormente reservadas aos Portuguêses.

3. Que, a principal finalidade da criação das Aulas, 'era a preparação de recursos humanos habilitados ao projeto e execução de obras de Arquitetura Militar, mórmente Fortificações, num instante' em que a Função Defender ainda era preponderante.

4. Todavia, esses profissionais, cuja formação era preferentemente de fundo militar, capacitavam-se também, ao exercício da Arquitetura Civil - projeto e construção - e a serviços outros, como 'pontes, chafarizes, edifícios públicos e particulares, Igrejas e Solares, estradas, além de exarcerem, com proficiência e zêlo, atividades relativas à cartografia, mediante a execução de levantamentos diversos, cujos desenhos executaram, sendo alguns cartógrafos distintos.

5. O número inicial de alunos era de 3 (três), "Discipulos de partido, os quaes serão pessoas que tenham a capacidade necessária para poderem aprender; e para se aceitarem terão ao menos dezoito 'anos de idade, os quais, sendo soldados, se lhes dará, além do seu soldo, meio tostão por dia, e não o sendo, vencerão só o dito meio tostão". Estabelecia-se, portanto, o número de estudantes, de "partido", isto é, os bolsistas de hoje; as condições de ingresso, "pessoas que tenham a 'capacidade necessária para poderem aprender"; a idade mínima, "ao menos dezoito anos de idade" e o "partido", ou bolsa; o sistema de verificação do rendimento escolar", e "todos serão examinados, para se ver se se adiantão nos estudos; e se tem genio para elles"; e as sanções, "porque quando não aproveitem pella incapacidade, serão logo excluidos" ou "quando seja pela pouca applicação se lhes assignará tempo para se ver o que se melhorarão", a recuperação, portanto, pois "quando se não aproveitem nelle serão também despídidos".

6. A Aula se limitava à preparação de bolsistas, soldados ou não, como vimos, mas estava aberta aos não bolsistas, pois "quando haja pessoas que voluntariamente queirão aprender sem partido serão admitidas e ensinadas, para que assim possa haver nessa mesma conquista engenheiros e se evitem as despesas que se fazem com os que se vão deste Reyno". (28).

Foi, destarte, uma medida acertada e que produziu ótimos resultados, a criação das Aulas Militares no Brasil.

2.2.5.1 Nomeação

Geralmente, os Professores da Aula ou Escola de Engenharia e Arquitetura Militar da Bahia, eram Engenheiros Militares (Arquitetos) que eram nomeados pelo Governo Português para o exercício de funções públicas, com atribuições relativas ao exercício de atividades profissionais de ordem militar - fortificações e defesa - e civil - construção de obras públicas, que, uma vez aqui na Bahia, tinham a obrigação de ensinar a ciência e arte de construir na respectiva Aula.

Como exemplo do afirmado, citamos:

• Antônio Rodrigues Ribeiro, ao ser nomeado para servir no Brasil, no princípio do século XVIII, veio com a função de Sergento Mór Engenheiro mas, no próprio Termo de Nomeação está perfeitamente clara a sua obrigação de ensinar na Aula. (29).

2.2.5.2 Atribuições

As atribuições dos Professores da Aula eram de dois tipos, a saber:

Primeiro - Engenheiros Militares (Arquitetos) exercendo funções próprias de funcionário público, para atuar, por exemplo, como um Secretário de Obras Públicas de hoje, ficando responsável por todas as obras oficiais, sendo sua primeira obrigação a edificação ou conservação dos imóveis do poder público, Governo Geral, e, por sua importância na época, os trabalhos de fortificações, porque, no Período Colonial, a função Defender era uma das tarefas mais importantes do poder público, justificando, assim, a ênfase dada a Arquitetura Militar.

Segundo - Professores de Arquitetura Militar e Civil, na Aula respectiva.

Terceiro - A lareira das funções específicas, explicitadas no ato de suas nomeações, estes Engenheiros Militares - Arquitetos exerceram ainda, ponderável papel no desenvolvimento da Arquitetura Civil, razão pela qual alguns eram aproveitados, justamente por possuírem grande inclinação para a arquitetura civil. Muitos deles tiveram destacada atuação na edificação de igrejas, solares, casas e outras edificações, sendo eficazes colaboradores na construção do Brasil.

2.2.5.3 Remuneração

Como ficou conhecido, de um modo geral, aqueles que ensinaram, eram ao mesmo tempo Engenheiros Militares, exercendo, portanto,

duas funções públicas, Professor e Engenheiro, acumulando um cargo de magistério com um técnico. Assim, pois, já naquele tempo, existia a figura da acumulação de cargos, não sendo, por isso mesmo, coisa nova entre nós. Um Engenheiro Militar recebia, geralmente, 25\$000 reis por mes e quando exercia a função de Professor ganhava dobrado, ou seja, 25\$000 reis pelo cargo técnico e 25\$000 reis como Professor da Aula Militar, e que equivale a dizer, em linguagem moderna, a "tempo integral com 100%".

2.2.5.4 Primeiros Professores

Segundo Pedro Calmon, "na Bahia parece que o primeiro lente (para três alunos) foi o engenheiro João Rodrigues Ribeiro. Deram-lhe pelo menos os livros necessários, em 1º de fevereiro de 1707. Substituiu-o (1709) Miguel Pereira da Costa, que viera com o colega, "Pedro Gomes Chaves" (30). Este último, em 1709, era Engenheiro Assistente com o encargo de ensinar na Aula Pública, a quem quizesse aprender.

Entre a criação da Aula, anunciada a Dom João de Lencastro em Carta Régia escrita em Lisboa a 15 de janeiro de 1699, e a vinda de João Rodrigues Ribeiro com os livros, em 1º de fevereiro de 1707, transcorreram 8 (oito) anos.

Gaspar de Abreu, veio em seguida, tendo sido aluno da Aula de Lisboa. Foi nomeado Capitão Engenheiro, para servir na praça da Bahia, em 15 de junho de 1711, tendo sido promovido a Major (Sargento Mór), por Carta Patente de 19 de dezembro de 1716. Recebeu de aju-

da de custo "por ser um soldado pobre e ter feito alguns empenhos para preparar sua viagem", o soldo correspondente ao posto de Capitão. Veio para ser, ao mesmo tempo, Professor de Fortificação Militar, ganhando 25\$000 reis por mês, acumulando, por conseguinte, os encargos de Professor e de Engenheiro, confirmando a existência da acumulação de um cargo de magistério com outro técnico, ao nascer o ensino superior técnico profissional entre nós. Gaspar de Abreu faleceu em 1718. (31).

Em 1715, sendo Professor Gaspar de Abreu, havia dois estudantes, a saber:

I - João Batista Barreto, que no mesmo ano foi nomeado Ajudante de Engenheiro, como recompensa pelo fato de "se haver aplicado com muita inteligência na Arquitetura Militar, de que se tem conhecido o seu préstimo"; (32)

II - Gonçalo da Cunha Lima, que também exerceu a função de Ajudante de Engenheiro, depois foi Engenheiro e Arquiteto do Senado da Câmara de 1718 a 1725, e regente da Aula com funções correspondentes, atualmente às de um Arquiteto ou Engenheiro da Prefeitura exercendo o Magistério.

Os dois são exemplos do acerto da criação da Aula baiana, pois, pouco depois do início de seu funcionamento - menos de dez anos - dois de seus alunos, enquanto estudantes, trabalhavam como Ajudante de Engenheiro, em vista do bom aproveitamento de ambos nos estudos, vindo a ser, depois de concluído o ciclo de estudos, eficientes profissionais. O desempenho de Gonçalo da Cunha Lima foi o melhor do seu tempo, razão pela qual foi promovido a Ajudante de Engenheiro, tendo sido designado

pará trabalhar na construção dos fortes de Santo Antonio Além do Carmo e do Barbalho e fazer desenhos das mesmas obras em andamento na época, o que equivale que, na qualidade de aluno, estava estagiando em obras ganhando dinheiro e executando desenhos. Foi também eficiente auxiliar de Massé. (33).

Antonio de Brito Gramacho, com exercício de Ajudante de Engenheiro em 1720, lecionou na Aula da Bahia, destacando-se na Arquitetura Militar.

Na terceira década do setecentos baiano, última de que cogita a fase em exame, chega à Cidade do Salvador, um dos profissionais mais importantes que exerceram a Arquitetura e a Engenharia no Brasil no século XVIII, Nicolau de Abreu Carvalho.

A sua nomeação para servir no Brasil já se reveste de certas referências que a distinguem da maioria das suas similares, como veremos a seguir:

Nomeado por Carta passada em Lisboa, aos 28 de abril de 1723, em que D. João V assinala inicialmente que "tendo consideração" ao que representou o V. Rey do estado do Brasil, Vasco Fernandes Cesar de Menezes, sobre a falta que há de engenheiros na praça da Bahia e ser conveniente acudir com o remedio prompto ao prejuizo que pode resultar a meu serviço, por ser digno de toda a atenção", (34) o que evidencia já ter na ocasião saído da Cidade do Salvador o Brigadeiro João Massé, daí o veemente pedido do Conde de Sabugosa, Vice-Rei do Estado do Brasil na ocasião.

Tendo-se em vista, a importante missão que teria de exercer aquele que fosse nomeado para tal função, D. João V solicitou a assessoria competente do Professor Manuel de Azevedo Fortes, Engenheiro-Mór de Portugal e um dos mais competentes profissionais da Europa, na ocasião, reformador do ensino da Arquitetura Militar em Portugal e, destarte, a pessoa mais responsável para o adequado aconselhamento ao Rei. A própria Carta de Nomeação indica: "e atendendo a boa informação que o engenheiro-mor Manoel de Azevedo Fortes me deu da capacidade, prestimo, sciencia e mais partes que concorrem na pessoa de Nicullao de Abreu Carvalho, porque além do emprego das fortificações podera pôr academia em que ensine a arte militar, por ser muito capaz para este ministerio, e por esperar d'elle que em tudo o de que for encarregado do meu serviço se houvera com satisfação, Hey por bem fazer-lhe merce do posto de capitão de infantaria com exercício de engenheiro na praça da Bahia, com o qual haverá o soldo de vinte e cinco mil reis por mes". (35). (os grifos são nossos).

Nicolau de Abreu Carvalho honrou integralmente a confiança que nele depositou o Engenheiro Mór do Reino de Portugal, Manoel de Azevedo Fortes, e justificou plenamente as esperanças com que D. João V o indicou, à face da solicitação do Vice-Rei do Estado do Brasil, Vasco Fernandes César de Menezeés, Conde de Sabugosa, eficiente administrador.

Ao chegar ao Brasil, em 1723, Nicolau de Abreu Carvalho tinha 32 anos, uma vez que nascera em 1691. Ia iniciar uma trajetória que o levaria ao mais alto posto da hierarquia militar da época, e durante cerca de 40 (quarenta) anos, exerceria de maneira exemplar as suas funções de competente Engenheiro Militar e de Douto e Provector Professor da Aula baiana.

Abreu e Carvalho veio com a patente de Capitão, e foi, sucessivamente, promovido a Sargento-mor, em 1732; a Tenente de Mestre de Campô Geral, em 1746 e, finalmente, a Tenente Coronel, em 17 de dezembro de 1757.

Entre as suas múltiplas atividades, citaremos:

I - Viajou muito, examinando e fazendo plantas das igrejas necessitadas de reparos;

II - Esteve, acompanhado de outro provector profissional, Manuel Cardoso de Saldanha - que o substituiria, no futuro - e do então estudante José Antonio Caldas, nos anos cinquenta, no Espírito Santo, vistoriando as fortificações ali existentes;

III - Executou diversas tarefas como profissional competente, como, por exemplo, na construção do Convento da Lapa, na qual teve destacada participação; ou ainda, compondo a grande Comissão dos mais conceituados Engenheiros e Mestres de Salvador, em maio de 1749, para realizar importante vistoria na "Ladeira da Misericórdia, defronte do muro da Sé", presentes o "Tenente General Nicolau de Abreu e Carvalho e os Mestres Pedreiros Eugenio da Mota, Antonio Rios Pimenta, Vicente Rios Pimenta, Antonio da Silva Santos, Manoel Gomes Ribeiro, Manoel Alves dos Santos e Felipe de Oliveira Mendes" com a finalidade de examinarem "se havia risco e perigo no caminho da Ladeira que passa junto do muro novo da Sé, se havia necessidade de reparo urgente, sem dano para as casas que ficam da parte de baixo;" (36).

IV - Em 1759, Manoel Cardoso de Saldanha prestou importante informação, declarando que, no citado ano, Nicolau "tomou parte em todas as inspeções e avaliações de fortalezas e de edifícios civis e guardou todos os registros", dado que demonstra estar o ilustre Engenheiro em plena atividade, transcorridas mais de 30 (trinta) anos de sua

chegada a Salvador, e ser um profissional zeloso e organizado, pois guardava toda a documentação relativa à sua atividade;

V - Pelos serviços prestados pelo ilustre Professor e Funcionário, foi-lhe concedida, em 1747, a Ordem Militar de Cristo - alta honraria - em reconhecimento aos seus serviços na inspeção de minas, igrejas e fortes, à sua atividade na defesa da costa do Espírito Santo e do Morro de São Paulo, e ao seu ensino;

VI - Relacionados com a sua profícua função docente, podemos enumerar os seguintes fatos:

. 1 - Nicolau de Abreu Carvalho, veio para o Brasil - Bahia - sob recomendação de Manuel de Azevedo Fortes, a D. João V;

. 2 - Manuel de Azevedo Fortes, autor dos principais textos portugueses de arquitetura militar, foi Engenheiro-mor de Portugal e Professor da Academia de Arquitetura Militar, da qual, tudo indica, era Diretor, quando da formação de Nicolau, em Lisboa, quando deve ter tido início o conhecimento das qualificações de seu aluno. Pela época em que Abreu e Carvalho veio para aqui, recomendado por Fortes, este concluía o seu famoso livro em dois volumes, o "Engenheiro Português", impresso em Lisboa, o primeiro em 1728 e o segundo no ano imediato. Esse magnífico livro de Azevedo Fortes foi usado durante muitos anos nas Aulas Militares, tendo sido escrito para substituir a dois outros então empregados, traduzidos pelo renomado Manuel da Maia - o "Governador das Praças", do Chevalier de Ville (1708) e "Fortificação Moderna" de Pfeffinger (1713);

. 3 - Deve-se admitir, com muita razão, que o "Engenheiro Português" foi introduzido na Aula Baiana por Nicolau de Abreu e Carvalho, sendo, por isso mesmo, devidamente conhecido aqui, o que podemos considerar certo, pois o que se sabe do Currículo da nossa escola, assemelha-se bastante com o conteúdo do livro de Fortes, e os Desenhos dos

alunos da Aula de Salvador, que conhecemos, confirmam a hipótese; '

.4 - Sobre a qualidade do ensino, ministrado aqui por Nicolau de Abreu e Carvalho, servir-nos-emos do testemunho do seu contemporâneo e sucessor na Aula, Manuel Cardoso de Saldanha, profissional, por seu turno, com longa e eficiente atuação no nosso meio, desde que aqui chegou em 1749, com a patente de Sargento-mor, até a sua morte, em 1767, já Tenente Coronel. Afirmou Saldanha: " ... por ter com sumo desvelo criado discipulos, que bem podem servir de Engenheiros, dictando-lhes 15 tratados, com as doutrinas mais modernas e especiais, ensinando-lhes a desenhar e configurar terrenos...", pelo que podemos considerar Nicolau de Abreu e Carvalho como uma das figuras exponenciais da Aula Baiana, no século XVIII.

VII - No ano de 1761, com a idade de 70 anos, o ilustre Professor e Engenheiro estava quase cego.

2.3 Segunda Fase - 1730 a 1800

O exame da Segunda Fase - 1730-1800 - relativa ao II Período - 1650-1800, será iniciada pela indicação das Fontes principais utilizadas para tal propósito.

2.3.1 - Fontes

A partir de 1730, momento inicial desta etapa do Projeto, dispomos, para o estudo da Evolução Física da Cidade do Salvador, de maior número de informações gráficas e escritas da Cabeça do Brasil, que nos permitem o estudo comparado dessas Fontes, acompanhar com mais segurança o desenvolvimento da cidade até 1800.

As fontes principais, de que nos utilizaremos, são as seguintes:

2.3.1.1 Iconográficas

I - Frontispício da Cidade do Salvador em 1758, de José Antonio Caldas, ^(FOTO 07) inserto na monumental obra de sua autoria "Notícia Geral de Toda esta Capitania da Bahia desde o seu Descobrimento até o Presente Ano de 1759". O valiosíssimo Desenho tem a seguinte Legenda: "Elevação e Faxada que mostra em Prospeto pela marinha a Cidade do Salvador Bahia de Todos os Santos, Metropole do Brazil aos 13 graus de latitude para a parte do Sul, e 345 grs, e 36 minutos de longitude.

Bahia e de Abril de 1758. Tirada por Joze Antonio Caldas.

No Rodapé, em ambos os lados da Legenda Principal Central, numeradas de 01 a 83, estão as necessárias indicações a respeito do que se contem na "Elevação e Faxada", permitindo, por conseguinte, clara e precisa comunicação entre o Autor e o Leitor, facilitando a este, volvidos 220 (duzentos e vinte) anos da feitura do Desenho, a sua perfeita leitura, e consequente compreensão da situação em que se encontrava a Cidade do Salvador, quando vista do mar, poucos anos antes da transferência da Cabeça do Brasil para a Cidade do Rio de Janeiro, fato ocorrido 5 (cinco) anos mais tarde, em 1763.

Este Frontispício foi executado sob a orientação do Engenheiro Manuel Cardoso de Saldanha, com o auxílio de seus discípulos da Aula Baiana, notadamente José Antonio Caldas, conforme se verifica

da seguinte informação do Professor Saldanha: "tirando com elles (discipulos) o prospecto desta Cidade, que conservo para offerecer a Elrey, meu Senhor, quando tiver a honra de beijarlhe os pé..." (37), o que nunca aconteceu, pois Saldanha faleceu aqui em 1767, sem ter jamais voltado a Portugal.

Constitui documento da maior importancia para o presente estudo.

II - Planta de Trecho da Cidade Baixa - do "Cais da farinha ao Trapixe do Julião" ^(DESENHO 06) - compreendendo, entre outros pontos, o "Cais Novo ou da Misericordia", "Cais da Cana" e "Cais do Sodré", a "Travessa da Fonte dos Padres"; os "Cuberto Grande" e "Pequenos Cubertos"; a "Travessa do Guindaste" dos Padres, indicando, ainda, a posição anterior do "Cais da Lenha" e do "Cais do Lixa". Este precioso Desenho, de um trecho da cidade, serviu de ilustração a um Parecer dado por José Antonio Caldas, em 19 de novembro de 1777, a respeito das interferências prejudiciais que, as invasões levadas a efeito aí, tinham no Plano de Fortificações de João Massé. Quem fez a cópia que conhecemos, sabe-se, por inscrição no canto inferior direito do Desenho, "João de Sza. de Castro, discipulo da Aula Militar compartilhado copiou". Esse João de Souza de Castro, bolsista da Aula Militar, devia ser aluno de José Antonio Caldas, então Mestre na Aula.

III - A Planta "Topográfica da Ba. de Todos os Stos. na ql. está cituada a Cide. de S. Salvador em altra. de 13º de latitude ao sul, e 345º, e 36' de longitude..." com minuciosa legenda. Sua autoria figura no fim da inscrição, esclarecendo que "Esta Topografia foi tirada pelo Sarto. Mor Engrº Jozé Antº Caldas e foi copiada e reduzida por"

Józé nesta Praça da Bahia aos 21 de setembro de 1771".

Verifica-se que, nessa importante Carta da Bahia de Todos os Santos e de parte da Orla Marítima da Cidade do Salvador e dos trechos iniciais dos vales do Paraguaçu e do Jaquaripe, "tirada pelo Sargento Mor Engenheiro José Antonio Caldas em 1771", ele já não denomina a Cidade do Salvador de Metropole do Brasil, conforme fizera no Dese nho da "Elevação e Faxada", feito 13 (treze) anos antes, em 1758.

Essa "Topografica da Bahia de Todos os Santos" constitui-se valiosa informação sobre a situação dessa importante área geográfica, no fim do terceiro quartel do setecentos baiano.

IV - A excelente Planta Topográfica de S. Salvador, Bahia de Todos os Santos, "Tirada por José Azevedo Galeão, Capitão Mor e Lente do Regimento de Artilharia, reduzida e riscada por Joaquim Segundo de Sá, Sargento do mesmo Regimento, no ano de 1785. (FOTO 09)

Possui, como o Frontispício de Caldas de 1758, minuciosa Legenda contendo 24 (vinte e quatro) indicações de situação e finalidade da construção, em letras de imprensa, de A a Z, exceto J, seguidas de 22 (vinte e duas) outras informações, em caracteres manuscritos maiúsculos, também de A a Z, faltando as letras J, K e V. Em continuação, encontram-se em Letras Maiscúlas, ainda em ordem alfabética, mais 21 (vinte e um) esclarecimentos. Finalmente, foram usados Algarismos Romanos, de I a XIII, para as últimas informações, totalizando 80 (oitenta) indicações, relativas a Edifícios Públicos, Religiosos, Fortes e Logradouros, possibilitando, deste modo, claro entendimento da extensão da Cidade do Salva-

dor, no último quartel do Século XVIII.

Da mesma maneira que os Desenhos anteriores, este, de 1785, é o resultado da atividade de Professores da Aula Militar.

V - Finalmente, quanto a Plantas da Soterópolis, temos a magnífica "Topografica da Cidade Capital de São Salvador Bahia de Todos os Santos, huma das mais famozas do Reyno de Portugal, situada aos 13º de Latitude Sul e 346º e 36' de Longitude" onde tão bem se vê o restante do grande Dique, que servia de fôssô aquático a "huma trincheira comq. antigamente foi defendida esta Cidade, pela parte interior deq, ainda se observão fragmentos, e este muito diminuído não só na sua maior extensão, que comprehendida toda a Cidade, mas também na menor, para o centro della, pela terem usurpado os muitos entulhos, e hortas que a circundam".

Este excepcional documento, sobre a situação da Cidade do Salvador, foi "Feita por Joaquim Vieira da Silva, Ajude, Engº, em 1797".

O exemplar utilizado neste Projeto resultou da Cópia da Planta original, feita no Real Jardim Botânico do Rio de Janeiro, por José Joaquim Freire, Segundo Tenente da Armada Real, em 1861. (FOTO 10)

Como nos Desenhos anteriores, de José Antonio Caldas - 1758 -, e de José Azevedo Galvão - 1785 -, este de Joaquim Vieira da Silva - 1798, transmite ao Leitor, no Rodapé, preciosas informações, subordinadas ao título significativo, a saber:

"Notas dos Seus Mais Nobres e Necessários Edifícios", seguindo-se as 68 indicações a respeito: 24 (vinte e quatro) em letras maiúsculas; 24 (vinte e quatro) em minúsculas, (número correspondente ao Alfabeto da Língua Portuguesa de então); e 20 (vinte) numeradas, em seguimento, de 1 (hum) a 20 (vinte). Existe, ainda, a seguinte nota: "NB. As Sondas do Dique são palmos", pois foi executado serviço de sondagem com fins batimétricos.

VI - Por último, temos o "Prospecto, que pella parte do mar faz a Cidade da Bahia situada na Costa do Brasil pella altura de 13 graos de Latitude Austral e 345 graos e 36 minutos de Longitude do Pólo. Colocada sobre a Colina que pello lado Oriental fica eminente a famosa Bahia de Todos os Santos. Anno de 1801". (FOTO 08)

Tal Frontispício da Cidade do Salvador figura na obra de Luis dos Santos Vilhena intitulada "Recopilação de Notícias Soteropolitanas e Brasíliaicas" contidas em XX Cartas, que da Cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, escreve a um outro amigo em Lisboa, debaixo de nomes alusivos, notificando-o do estado daquela Cidade, sua Capitania, e algumas outras do Brasil; feita e ordenada para servir, na parte que convier, de elementos para a história brasílica; ornada de plantas e estampas; DIVIDIDA EM TRÊS TOMOS que ao Soberano e Augustíssimo Principe Regente Nosso Senhor o mui Alto e Poderoso Senhor Dom João dedica e oferece o mais humilde dos seus vassallos Luis dos Santos Vilhena Professor Régio de Língua Grega na Cidade da Bahia. Ano de 1802".

Embora figurando o ano de 1801, no Prospecto, e o imediato, na dedicatória do trabalho ao futuro D. João VI, a verdade é que segundo Edison Carneiro, as "primeiras vinte Cartas foram redigidas na Ba-

hia, em 1798 e 1799", o que torna, tanto a descrição da Cidade do Salvador inclusa nas Cartas, como o Desenho do Prospecto, depoimentos concernentes à Soterópolis ao expirar o século XVIII, contemporâneos, por conseguinte, da vera Planta de Joaquim Vieira da Silva, datada de 1798.

Sempre no Rodapé, como nos demais Desenhos - Plantas e Vistas - aqui examinados, o "Prospecto" de Vilhena traz copiosa informação, constante de 81 (oitenta e um) dados, sobre a localização dos principais edifícios e trechos da Cidade do Salvador, em 1800.

2.3.1.2 - Escritas

As Fontes escritas, relativas à Cidade do Salvador na Fase em exame - 1730-1800 -, investigadas para a preparação desse texto, foram as seguintes:

I - O que se contém na "Notícia Geral de Toda Esta Capitania da Bahia Desde o seu Descobrimento Até o Presente Ano de 1759". Na referente à Cidade do Salvador, Caldas transcreve, parcialmente, trechos de Rocha Pita e remete o leitor ao texto da História da América Portuguesa, o que demonstra a **autenticidade** desta, tendo-se em conta a reconhecida idoneidade do Profecto Professor da Aula de Arquitetura e Fortificações da Bahia e o seu largo tirocínio profissional, em parte alcançado mediante tarefas executadas aqui mesmo;

II - Parecer de José Antonio Caldas, lavrado em 1777, contendo preciosas informações sobre transformações operadas em trecho do Bairro da Praia;

III - O que se inclui, sobretudo nas Cartas I, II, III, V e VI de Vilhena, em que o Professor Régio de Língua Grega trata da

situação na Cidade do Salvador, nos últimos anos do setecentos;

IV - Fontes publicadas e inéditas, existentes nos ricos Arquivos Estadual e Municipal, sediados : em Salvador, além da opulente Bibliografia, que trata do período considerado.

2.3.2 - Metodologia

No estudo da "Evolução Urbana de Salvador", fizemos inicialmente, como é óbvio em trabalhos dessa natureza, o "Mapa Básico", aquele que serve de elemento fundamental para todo o estudo. Admitimos como "Mapa Básico", para o presente Projeto, o resultante de levantamentos aero-fotogramétricos da Cidade do Salvador e áreas próximas, a partir dos quais foi elaborada uma Planta na escala de 1:5.000, cobrindo a área correspondente ao Centro da Cidade e trechos vizinhos, de sorte a abarcar toda a parte urbanizada de Salvador, de 1549 a 1800, Mapa Básico este que serviu, ainda, para todo o Mapeamento da parte central da cidade, de 1900 a 1970.

Com este procedimento, tornou-se possível, por conseguinte, o penoso trabalho de reproduzir, no "Mapa Básico", com as devidas precauções e necessárias reduções da área urbanizada, todas as plantas antigas que consideramos apropriadas e válidas para o estudo da Evolução da Cidade, de modo a alcançarmos um tipo de representação uniforme e na mesma escala.

Para as importantes Fontes Gráficas do Século XVIII, Plantas de Massé - 1710 - de José de Azevedo Galeão - 1785 - e de Joaquim Vieira da Silva - 1798 -, foram realizados trabalhos na seguinte sequência:

- I - Reprodução fotográfica, dos respectivos Desenhos;
- II - Preparação de detalhes, devidamente ampliados;
- III - Cópia Xerox de alguns Desenhos, para melhorar as condições de leitura e interpretação dos mesmos;
- IV - Restauração total das Plantas copiadas;
- V - Fotografia das Plantas restauradas, de modo que a distância entre o Forte de São Pedro e o Forte do Barbalho, estruturas existentes em todas as Plantas servisse de Base para a ampliação, no sentido de que a mesma ficasse na Escala de 1:5.000;
- VI - Com esses procedimentos, tornava-se fácil o trabalho subsequente de confecção das diversas plantas indicadas no Mapa Básico, sobretudo pela clareza das diversas legendas insertas nos vários Desenhos.

Por esse processo, obteve-se, por exemplo, para a Planta de 1798, de autoria de Joaquim Vieira da Silva, uma excelente reprodução, de precisão e clareza notáveis, como demonstra a Cópia (Foto 10), que apresentamos, facilitando enormemente, o preparo da Planta da Cidade do Salvador em 1.800.

Igual seguimento foi adotado no exame dos Frontispícios de Caldas - 1758 - (Foto 07) e o de Vilhena - 1801 - (Foto 08), tomando-se como Base, a ser reproduzida na Escala de 1:5.000, a distância entre dois monumentos ainda existentes.

Para estudar a evolução da cidade, costumamos fazer a Análise Comparada, entre documentos icnográficos (Plantas, frontispícios, desenhos, gravuras e outros), e os documentos escritos, e verificar se há uma concordância entre uns e outros.

No momento, como exemplificação do sistema adotado, faremos a respeito dos Frontispícios acima referidos, espaçados de cerca de 40 (quarenta) anos um do outro - 1758 e 1801 - algumas considerações a saber:

- 1 - Geralmente, considera-se que o Frontispício de Vilhena é reprodução do de Caldas, com pequenas alterações, o que de fato parece ocorrer, se se observam os dois desenhos globalmente. Mas, caso se faça, como fizemos, uma reprodução através fotos de detalhes, focando o mesmo trecho nos dois gráficos, verifica-se, ao examiná-los ampliados, que ocorreram mudanças apreciáveis, que se encaixam perfeitamente, se comparados com textos relativos à evolução da cidade nesse intervalo de 40 anos, entre o primeiro e o segundo ' desenhos.

Por exemplo:

- 1 - No trecho correspondente a São Joaquim, a diferença é muito grande, pois em 1801 aparece o cais, inexistente em 1758. Sabe-se que este cais foi levantado depois de 1760;
- 2 - Na parte que capta a visão da cidade aparecendo a Sé Catedral de então, vemos, em Caldas a sua frontaria de pedra, que não ressurgue no desenho de Vilhena, que a apresenta despida do seu revestimento petreo. Sabemos que foram sérios corrimen-

tos de terra na região que obrigaram a retirada do frontispício de pedra da Sé, entre 1758 e 1800, quando arquitetos e engenheiros, em vista ria muito conhecida, acharam conveniente tal desmancho, para aliviar o peso sobre a montanha, assim como recomendaram a execução imediata de adequado muro de arrimo; (FOTOS 07/08-1)

- 3 - O aspecto da encosta, no trecho citado em 2, apresenta-se completamente alterado, evidenciando-se no de Vilhena o desgaste consequente aos corrimentos graves ocorridos no intervalo entre os desenhos. A igreja de São Pedro dos Clérigos está visível em 1758 e não consta em 1800, visto ter sido seriamente danificada pelos desabamentos, sendo construída outra no Terreiro, onde se encontra até hoje;
- 4 - Diversas igrejas, como, entre outras, a do Boqueirão e do Rosário do Pelourinho, apresentam modificações importantes, nos dois desenhos, inclusive em suas massas e torres, que são confirmadas pelo conhecimento da história de suas construções; (FOTOS 07/08-3;5)
- 5 - Da análise apurada dos dois frontispícios, verifica-se que, tanto em 1758 como em 1800, na Cidade Baixa, existiam casas de muitos andares. Aliás, os muito viajantes estrangeiros, que por aqui

passaram, em suas crônicas sobre a cidade, apontaram este fato, afirmando ainda, que se impressionaram, com a riqueza das igrejas, a beleza e imponência de determinados edifícios públicos e solares e com certas ruas da cidade.

Passando à Análise Comparada de trechos dos dois Frontispícios, para esclarecer sobre a importância desse método, verificamos:

I - O que representa, por exemplo, o trecho indicado pela letra A, ~~NAS FOTOS~~ C-7 E 08 ?

Assinala um setor da maior importância na Cidade do Salvador, em 1758 data do frontispício de José Antonio Caldas, destacando-se a Sé-Catedral (1), Santa Casa de Misericórdia (2), o Rosário dos Pretos do Pelourinho (3), sem torres, além o Carmo (4) e mais adiante o Boqueirão (5), sem as torres. Vemos o Morgado de Santa Bárbara (6) , na posição hoje ocupada pela Rede Ferroviária Federal, na Praca da Inglaterra; verificamos que, nesse período, havia edifícios de vários andares na Cidade Baixa.

Comparemos, agora, o mesmo trecho com o apresentado por Vilhena, nas suas Cartas, (Foto 08). A qualidade do desenho apresentado nas edições das Cartas de Vilhena, não é a mesma do de Caldas , cujo ajudante é muito melhor desenhista, mas o importante, para nós, é cotejarmos os mesmos trechos, nos dois desenhos, para estudarmos as diferenças aí visíveis, para a adequada confrontação com as informações escritas do período entre 1758-1800, para controle final. O Desenho

original, anexo ao manuscrito do Professor Régio de Grego, existente na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (Manuscritos - 10, 2.26), divulgado por Gilberto Ferrez, em sua importante obra "As Cidades do Salvador e Rio de Janeiro no Século XVIII - Álbum Iconográfico Comemorativo do Bicentenário da Transferência da Sede do Governo do Brasil", demonstra conforme já alertara o Doutor Robert Smith, que, este é de fatura muito superior a da cópia feita para a 1.ª Edição das Cartas de Vilhena, de 1922, na Bahia.

No Frontispício de Caldas, (Foto 07), de 1758, a Sé-Catedral é vista com todo o seu revestimento de pedra da fachada; o Rosário dos Pretos do Pelourinho não tem as torres, e a encosta apresenta-se de um modo geral, mais ou menos natural. Entre 1758 e 1800, isto é, no intervalo entre os dois frontispícios, ocorreram terríveis corrimentos de terra e desabamentos de casas particulares, na encosta, que são perfeitamente visíveis no Frontispício feito por Vilhena, de 1800 -. Comparando-o com o anterior, observa-se a ausência da Cantaria da fachada da Sé, removida, como medida de prevenção contra possíveis desabamentos, de modo que há perfeita concordância entre Desenhos e Textos. A erosão, aliás, não era coisa nova na cidade, porque vinha desde a época de Tomé de Souza e Luis Dias, ~~quando os primeiros Pretos do Pelourinho~~ pois, na primeira invernada, ruiu a primitiva paliçada do decano dos arquitetos do Brasil. Portanto, esse fenômeno é tão velho quanto a própria Salvador. O período em exame, foi particularmente calamitoso, tendo sido seriamente atingido o Colégio dos Jesuítas (7) notadamente na parte das "Aulas onde estavam os Geraes, hoje destruídas". O confronto entre os Desenhos de Caldas e de Vilhena, é muito esclarecedor a respeito. O Colégio dos Jesuítas, na parte onde se ensinava, e das "Aulas Geraes" de que fala

Vilhena, (7), situava-se então e sempre, no local em que hoje está a Coelba, antiga sede da Circular, nunca tendo sido onde funcionou a Faculdade de Medicina.

Aproveitamos esta oportunidade, para esclarecer, à luz de levantamentos cadastrais idôneos, a respeito da real posição da parte destinada ao ensino, no monumental conjunto arquitetônico da Companhia de Jesus no Terreiro.

Dois são os documentos que elucidam a questão, ambos de autoria do renomado Professor da Aula Militar, Engenheiro José Antonio Caldas, a saber:

I - Quando da expulsão dos Jesuitas, veio ordem de Portugal, no sentido de se proceder ao levantamento minucioso de todas as propriedades da Companhia de Jesus em Salvador, para se estudar a nova utilização que deviam ter.

Foi encarregado de tão importante missão, o Sargento Mor de Engenharia e Professor da Aula Militar, José Antonio Caldas, por certo um dos mais competentes profissionais de seu tempo.

Tais Desenhos, encontram-se agora na coleção do Patrimônio do Exército. A referente ao Colégio, executada em 1782, com as dimensões de 640 x 470 mm, compõe-se de 4 (quatro) Desenhos, a seguir indicados:

A - Figura 1a. - "Ichnografica do subterraneo do Colégio de Jesus da B.^a", com a competente "Explicação", onde se lê:

T - Subterraneo da Caza da Aula Theologia e Escola;

B - Figura 2a. - "Ortografia e plano nobre da Igreja do Colégio q. foi dos Jesuitas edificado no Terreiro ' de JESUS da Cid.^{de} da Bahia, acompanhada da "Explicação" respectiva.

À esquerda da fachada da Igreja, para quem a olhasse do Terreiro, recuada em relação ao alinhamento do Templo, encontrava-se a parte reservada aos Estudos Geraes, com sua legenda, de a até q, indicadora do destino dos diversos comodos e demais dependências. Por exemplo:

- a - Entrada p.^a os Estudos Geraes
- b - Classe de Filosofia
- c - Classe da primeira
- d - Classe da quarta
- e -
- f - Classe de gramática
- g - Classe terceira de gramática
- h - Escola
- i -
- m - Aula em que se faziam os exames e
públicas
- n - Classe de Theologia
- p - Varanda corredor das classes
- q - Grande pátio por onde se comunicava luz às Classes.

O partido era um U, com a abertura voltada para o lado ' da Igreja, onde havia um corredor, comunicando-se com o Terreiro. Ai,

estava "a" - entrada para os Estudos Geraes, havendo amplo pátio central, seguido de um amplo Corredor de circulação, "p" - Varanda corredor das classes". O comodo maior, "m" - onde se faziam os exames e realizavam atos públicos e o "n", Classe de Teologia, eram voltados para a Baia de Todos os Santos. Os designados como "b", "c" e "d", davam para o amplo espaço recuado em relação ao Terreiro e os demais, no terceiro lado do U, "f" e "h", nos extremos, e "g", no centro.

C - Figura 3a. - "Ortografia do plano superior da Igr.^a do Colégio de JESUS da B.^a e indispensável "Explicação".

D - Figura 4a. - "Alzado q. daz o dito edificio visto pela parte do Terreiro de JESUS, com sua "Explicação".

II - O segundo Documento, de Autoria do mesmo Caldas e datado do ano anterior, encontra-se no mesmo local, tendo as dimensões de 325 x 490 mm, e o seguinte título:

" Planta, perfil e fachada dos Estudos Geraes em que se instruhia a mocidade da Cidade da Bahia.

Este importante Desenho, mostra o estado do prédio dos Estudos Geraes, em ruínas, em consequência dos recentes corrimentos de terra aí ocorridos. Consta de planta e elevação, em que aparecem, com a maior nitidez, os trincamentos que levariam à demolição da construção. Na Planta, que é do Pavimento Terreo, figuram as legendas, indicando o destino de cada comodo, anteriormente à expulsão dos Jesuitas, com os

espaços reservados às seguintes atividades:

Na Frente, "Classe de Filosofia"; "1a. Classe de Gramática"; "4a. Classe de Gramática" e,

No Fundo, para o mar, "Classe de Theologia"; "Aula em ' que se faziam os Actos Literários", com a indicação de grandes estragos no soalho e "Oratório da Virgem Maria";

Na Terceira Face do partido em U, da Frente para o Fundo, estão indicadas, na Planta, - "2a. Classe de Gramática"; a "3a. Classe de Gramática" e a "Escola", esta em comodo mais amplo que as demais, exceto aqueles dos "Exames" e "Actos Literários".

Diante desses testemunhos, oriundos de um contemporaneo do funcionamento dos Estudos Gerais, no âmbito do monumental conjunto arquitetônico da Companhia de Jesus, no Terreiro, em Salvador, um dos mais Proyectos cidadãos da sociedade da época, não existe mais nenhuma dúvida, a respeito do local em que se ministrava o ensino aí.

Após esta extensa, mas conveniente explanação, voltemos ao estudo comparado dos Frontispícios de Caldas e de "Vilhena."

No mesmo Desenho, (Foto nº12), vê-se em 8 a Igreja de São Pedro, que também desmoronou, determinando, em consequência, a necessidade de mudança do local da mesma, tendo sido a nova Igreja de São Pedro dos Clérigos construída no Terreiro. Em 3 está a Igreja do Rosário dos Pretos do Pelourinho, já agora, em 1800, com as torres ,

existindo aí maior densidade de construções, do que no desenho de 1750, pois, no interregno de quase meio século, ocorreu aí um sensível desenvolvimento urbano. Portanto, novamente, os documentos escritos e gráficos coincidem.

Examinando-se outro setor, D dos Desenhos, (Fotos 14 e 15), que compreende o trecho entre o Forte do Mar, a Conceição e Pre - guiça, verificamos que, entre 1758 e 1800, houve um considerável aumento de construções. Aí estão: Santa Tereza (9); S. Bento (10) e outros pontos.

Acreditamos ter demonstrado, mediante a apresentação dos exemplos estudados, que o processo da Análise Comparada entre Fontes Gráficas de diversas épocas - Plantas, Frontispícios, Vistas e outras - e Fontes Escritas - Livros, Crônicas e demais formas de Documentação Escrita - constitui método adequado para o estudo da Evolução Urbana, desde que tais análises se revistam das salvaguardas necessárias, para o devido juízo e interpretação das Fontes consultadas.

2.3.3 - O QUE CONTEM A NOTÍCIA GERAL DESTA CAPITANIA DA BAHIA SOBRE A CIDADE DO SALVADOR

A monumental obra de José Antonio Caldas foi publicada inicialmente na Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, nº57 - 1931 - sem as ilustrações.

Em 1948, a Câmara de Vereadores, pela Lei nº15, de 10 de setembro, resolveu editar, em fac-simile, o manuscrito de Caldas, "Notícia Geral de Toda esta Capitania da Bahia desde o seu Descobrimento até o Presente Ano de 1759".

Na Apresentação do livro, lê-se: "Assim procedendo, entendeu a Câmara de dar sentido altamente cultural à sua participação nas comemorações quadricentenárias, legando aos pósteros documento raro de indiscutível valor histórico", observação correta. (37)

Na edição fac-similar comemorativa do 40 Centenário da Fundação da Cidade do Salvador, juntaram-se "novas plantas e uma notícia biográfica de José Antonio Caldas", ao manuscrito de 1759, enriquecendo, por conseguinte, a já por si notável iniciativa cultural da Câmara de Vereadores da Ia. Capital do Brasil. No presente estudo, utilizaremos como Fonte esta mencionada edição.

A primeira referência sobre a Cidade do Salvador, encontra-se logo no início da "Notícia Geral" e informa:

"9. A Cidade se estende pela parte do Poente na marinha desde a Preguiça até a Giquitaya em huá rua continuada de soberba Cazas com mais de oito mil pés Portugueses de comprido: Esta se comunica para o alto da montanha buscando a Campanha para aparte do Nascente por dez ladeiras, em cujo sítio esta eminente adilatada Cidade com capacísimas ruas, grandes edificios, Templos, e Cazas publicas."

"10. Das Portas de S. Bento ate as do Carmo estão muitos edificios, e Conventos. Tem duas Prasas, a de Palaciõ com 26.244 pes quadrados, na qual está fronteiro o Palacio onde rezidem os Senhores Vi Rei, e na parte oposta, a Caza da Moeda; nolado direito a Caza da Camara, e Cadaya, ea o esquerdo a Caza da Relasão; esta Prasa se comunica atoda

a cidade por seis ruas; a Prasa do Terreiro, q' he hum retangulo com 79.300 pés quadrados tem no seu principio a Igreja do Colegio dos Padres da Companhia, e fronteira a ela a Capela dos Terceiros de S. Domingos . Toda esta Prasa he cercada de muitos edificios, e se comunica a todos os bairros por sete ruas."

"11. A grandeza da Cidade não consiste no Corpo dela, mas em seis famosos bairros que circundão o seu âmbito, a saber : o bairro de S. Bento, que entre todos he o maior, e mais aprazivel situado sobre huá planicie com largas ruas, Templos, caseyadas Casas; o de S. Antonio alem do Carmo; da Praya; da Palma; do Desterro; e da Saude.

"12. A Planta da Cidade que ofereço mostrará melhor a sua extensão e Capacidade; que sem embargo de que he copiada por huma antiga, que a muitoz anos setirou na qual mostra o desenho das fortificacoens , que se projetavão para defensa da mesma Cidade, e trincheiras, que cercavão o seu ambito, o que hoje nada existe, porque crescendo o negocio, e extendendo-se a Cidade, setem dilatado com muitos edificios e inteiras ruas de cazas tanto pela marinha para a parte do Poente, como a o Nascente pela parte da Campanha, contudo sempre dá bom conhecimento de cada huá das suas partes.

"13 . Quanto ao Prospecto que tambem ajunto mostra a fachada que faz a dita Cidade pela parte da marinha não muito desviado dela : este Prospecto he o mais moderno, e tirei em 24 de Junho de 1756, e antes deste me não tem vindo a noticia houvesse outro algum." (38)

Nos 5 (cinco) itens, de números 9 (nove) a 13 (treze), citados, José Antonio Caldas apresenta ao leitor uma breve descrição da cidade e dos Desenhos apresentados a respeito.

No item 9 (nove), refere-se ao desenvolvimento do Bairro da Praia, nos anos (50)cinquenta do setecentos, - portanto 40 (quarenta) depois da planta de Massé e 30 (trinta) mais tarde do que Rocha Pita -, da Preguiça à Jequitaia, com mais de 3.000 pés de comprimento ou seja 'cerca de 2.500 (dois mil e quinhentos) metros, rua esta composta de soberbas casas. Por conseguinte, a ocupação da cidade baixa, nesse 'intervalo, prosseguira rumo ao norte, tendo já alcançado a Jequitaia , onde está assinalado o Noviciado dos Jesuitas, como indicador do ponto final do desenvolvimento da rua principal da cidade baixa. Ensina, 'também, que a comunicação entre os dois níveis da cidade, baixo e alto, "damontanha buscando a Campanha para a parte do Nascente", era feita 'por 10 (dez) ladeiras. Na Cidade Alta, encontrava-se "a dilatada Cida de com capacíssimas ruas, grandes edificios, Templos e Cazas públicas," considerando como tal o espaço urbanizado compreendido entre as Portas de São Bento e do Carmo, como veremos a seguir.

No item 10 (dez) descreve o Professor da Aula Militar o Núcleo Matriz, a Freguesia da Sé, de uma maneira que recorda a usada 'por Rocha Pita, começando por afirmar que entre as duas portas da cidade, ainda existentes, estavam construídos muitos edifícios e Conventos, destacando-se as duas Praças: 1.^a, a do Palácio, com os mesmos 26.244 pés quadrados da História da América Portuguesa, ou 24.380m², contendo o Palácio de Residência dos Vice-Reis ao Sul, e na parte oposta a Casa da Moeda; no lado direito do palácio, a Casa de Camara e Cadeia e no

esquerdo a Casa da Relação, praça que se comunicava com toda a cidade por seis ruas, não tendo havido alteração nenhuma em relação as Descrição e Planta de Rocha Pita e João Massé, respectivamente;

2.^a, a Praça do Terreiro, um retângulo de 79.300 pés quadrados - $74.134m^2$ - onde se encontravam, logo no início de quem vinha da Praça do Palácio e Igreja e Colégio dos Padres da Companhia e, "fronteira a ele a Capala dos Terceiros de S. Domingos", sendo "cercada de muitos edifícios", podendo comunicar-se com todos os bairros por sete ruas.

Permaneciam essas duas Praças - do Palácio e do Terreiro - como Centros Administrativo e Cultural da Capital do Brasil, numa zona da cidade estabilizada do ponto de vista urbano, mais de 200 (duzentos) depois da fundação da Cidade do Salvador.

O item 11 (onze) reafirma conceito já expresso por Rocha Pita, vale dizer, que a "grandesa da Cidade" não consistia só no "Corpo dela", ou seja o anteriormente descrito, mas "em seis famosos bairros que circundam o seu âmbito", isto é, que se estendiam fora de Portas em volta do Núcleo Matriz, a saber:

10) O Bairro de São Bento, de todos o maior e mais apreciável, "sentado sobre hua planície com largas ruas, famosos Templos, e aseyadas Cazas", confirmando assim, trinta anos mais tarde, o conceito do douto historiador membro da Academia Brasileira dos Esquecidos. O importante Bairro havia se desenvolvido bastante, contando no seu âmbito a Igreja e Mosteiro de São Bento, a Igreja Matriz de São Pedro, concluí-la, a Igreja e Convento da Lapa, idem, da Piedade, das Mercês e de São

Raimundo - os famosos Templos - largas ruas, entre outras a de São Bento e a nova da Lapa, contendo com numerosas e asseadas casas;

29) O de Santo Antonio Alem do Carmo, também bastante a-
crescido de ruas, casas e edifícios religiosos importantes;

39) Da Praia, inicialmente tratado por Caldas, com as
judiciosas ponderações acerca de seu desenvolvimento, inclusive na qua-
lidade de suas construções religiosas - a definitiva Igreja da Conceição
da Praia em construção, a Matriz do Pilar, o Noviciado dos Jesuitas -
das edificações públicas - Alfandega nova, Intendencia, Arsenal, entre
outras, e da sua Arquitetura Civil, expressa nas residencias, armazens e
trapiches, sobretudo e, finalmente, em certas obras de utilidade públi-
ca, como diversos trechos de cais e calçamento de ruas, por exemplo;

49) Da Palma, com acentuada progressão da área ocupada e
a instalação de serviços públicos - quartéis - e de novas ruas;

59) Do Desterro, como o da Palma mais povoado e construí-
do, onde se estacavam entre os edifícios religiosos o Conjunto do Des-
terro e a recém construída Igreja do S.S. Sacramento e Santana, núcleos
de expansão urbana;

69) Da Saúde, que, tendo sido considerado por Massé, em
1715, como "muito povoado hoje", crescera bastante nas quatro décadas
seguintes, estando construída a sua importante Igreja Matriz e ornadas
de casas muito numerosas e bem construídas várias das ruas, antigas e
recentes, que constituíam importante bairro, na Salvador de então.

No item 12, José Antonio Caldas nos dá notícia de um importante elemento de sua monumental obra, infelizmente perdido até o momento, pelo menos não foi inserido na edição comemorativa da Camara de Vereadores de Salvador, a melhor editada até hoje, e saber:

"A Planta da Cidade que ofareso mostrará melhor a sua extensão e Capacidade; que sem embargo de que é copiada por uma antiga, que a muitos anos se tirou na qual mostra o dezenho das fortificações, que se projetavão para defesa da mesma Cidade e trincheiras, que cercavam o seu ambito, o que hoje nada existe".

Este trecho de Caldas, é rico de informações, a seguir indicadas:

1ª) Que, na sua "Noticia Geral", o renomado Engenheiro ofereceu uma Planta da Cidade, mediante a qual pretendia mostrar melhor a extensão e capacidade que a mesma ostentava, na sexta década do Século XVIII;

2ª) Que, a referida Planta, tinha sido copiada de uma anterior, feita há muitos anos, para mostrar o desenho das fortificações projetadas para a defesa da Cidade do Salvador, incluindo as trincheiras que cercavam o seu âmbito, "o que hoje nada existe". Esta Planta anterior, relativa ao Plano de Fortificações da Cidade do Salvador, pensamos ser a de outoria do Brigadeiro João Massé.

Prosseguindo, ainda no mesmo item 12, Caldas explica a razão da expansão da cidade: "porque crescendo o negocio, e extendendo-se a Cidade, se tem dilatado com muitos edificios, e inteiras ruas de

cazas tanto pela marinha para a parte do Poente, como as Nascente pela parte da Campanha". A Planta da Cidade, então apresentada, dava "bom conhecimento de cada hua das suas partes". (Os grifos são nossos),

Conhecendo-se a excelente qualidade dos trabalhos de José Antonio Caldas, pelos numerosos desenhos de sua autoria que sobre viveram até hoje, é de lamentar, profundamente, que um testemunho tão importante do estado em que se encontrava a Cidade do Salvador nos anos cinquenta do décimo oitavo século, tenha se perdido ou não foi encontrado até agora.

Quanto ao item 12, nos dá notícia de que o Prospecto que também foi anexado à obra, "mostra a fachada que fas a dita Cidade pela parte da marinha, não muito desviado dela". Trata-se do seu famoso Frontispício, ^(Foto 07) desenhado com muito cuidado e clareza, a que já nos reportamos muitas vezes, documento gráfico dos mais importantes no estudo da Evolução de Salvador. Como muito bem diz o seu Autor, foi tirado do mar, não muito distante da cidade, mas de um ponto afastado, além do Forte do Mar, que é visto no precioso Desenho. Caldas o considera "o mais moderno", ou seja, o mais atual, mais recente, tendo sido tirado - desenhado - no dia 24 de junho de 1756, dia de São João. O Desenho evidencia a grande maestria de seu Autor. Finaliza o item 13 com uma informação que assegura a originalidade do valioso documento gráfico, mas que encerra um engano de informação, plenamente justificável em 1754, quando os meios de informação ainda eram precários, quando escreve "antes deste me não tem vindo a noticia houvesse outro algum". ~~.....~~ Sabemos que, há mais de cem anos antes, na década de trinta do seiscentos, já se tinha desenhado o Frontispício de Salvador, a que nos referimos em trecho anterior deste estudo.

Observado em seu conjunto, a "Notícia Geral desta Capitania da Bahia" de autoria de José Antonio Caldas - Engenheiro, Arquitecto, Acadêmico, Escritor, Estatístico, Medidor das Obras da Cidade do Salvador e Provector Lente da Aula Militar - é obra da maior valia para o conhecimento da Capitania da Bahia, desde o seu descobrimento até o ano de 1759, em que foi concluída.

O ilustre baiano declarou, com a sinceridade que lhe era própria, quais os seus propósitos ao preparar o seu substancioso trabalho:

"Eu, Senhor, não he o meu intento escrever estas noticias com exagerações^{te} que posão de algum modo escurecer a verdade; nem também com aquele estilo sublime que se requer para a Historia, porq' além de me faltar ainda a capacidade para o fazer, também o tempo não he suficiente nem tem sido oportuno, razão porque omitindo tudo remeto as Relações e Mapas, que seguindo successivamente cada hum em seu lugar, se virá no conhecimento de tudo o que expressa cada hum deles". (39)

Realmente, a preciosa obra está cheia de Mapas, Plantas, Relações e Epitomes que de forma sucinta, clara e precisa, apresentam ao Leitor o Resumo das observações feitas e do contido no texto, com grande benefício para a comunicação entre Autor e Leitor, sendo, por conseguinte, em muitos aspectos, um livro precursor das técnicas hoje utilizadas. O exame da "Notícia Geral", com os comentários pertinentes, daria lugar a um livro do maior interesse, sobretudo no que concerne à Organização Política, Religiosa, Militar, Econômica e Social vigente em Salvador, na sexta década do século XVIII.

Para os fins restritos desse estudo, limitarnos-emos a aflorar alguns valiosos pontos a saber:

1) Ao tratar do Governo Eclesiástico, Caldas, informa sobre os Conventos então existentes, dizendo:

1 - De Religiosos:

- 1 - da Companhia de Jesus;
- 2 - do Carmo;
- 3 - de São Bento;
- 4 - de São Francisco;
- 5 - dos Terésios, atual Museu de Arte Sacra;
- 6 - da Piedade;
- 7 - da Palma;
- 8 - de S. Felipe Neri - Hospício - recém fundado, 1756;
- 9 - dos Religiosos Procuradores da Casa Santa de Jerusalém.

2 - De Religiosas:

- 1 - de Santa Clara do Desterro;
- 2 - de Nossa Senhora da Conceição da Lapa;
- 3 - de Nossa Senhora da Soledade;
- 4 - de Nossa Senhora das Mercês;
- 5 - do Senhor Dom Jesus dos Perdões;
- 6 - o Recolhimento da Misericórdia, "onde se recolhem Moças donzelas para dahi tomarem o estado de casa das".

3 - Ordens Terceiras:

- 1 - Nossa Senhora do Carmo com 200 Terceiros;
- 2 - de São Francisco, com 250;
- 3 - de São Domingos, com 150.

4 - Irmandades:

- 1 - de São Pedro dos Clérigos, que "se fas a mais lustroza por rica, e opulenta;
- 2 - da Misericórdia;
- 3 - dos Passos;
- 4 - do Santíssimo Sacramento "ha sete, todaz riquissimas", e outraz muitas inumeraveis".

2 - Ao cogitar da "Relação de Todas as Freguezias deste Arcebispado, com o número dos Fogos e Almas que cada uma dellas tem" , esclarece sobre a população da Cidade do Salvador, do Reconcavo e das demais Regiões da então Capitania da Bahia, como veremos em continuação:

1 - 9 Freguesias na Cidade

<u>Freguesias</u>	<u>Fogos</u>	<u>Almas</u>	<u>A/F</u>
1. São Salvador, na Sé	1.483	8.946	6.03
2. N.Senhora da Conceição da Praia	913	8.017	8.76
3. Santíssimo Sacramento do Pilar	416	4.119	9.90
4. Santo Antonio Além do Carmo	949	4.060	4.26
5. Nossa Senhora das Brotas	169	1.063	5.62

<u>Freguesias</u>	<u>Fogos</u>	<u>Almas</u>	<u>A/F</u>
6. Santissimo Sacramento e Santana	933	4.070	4.36
7. São Pedro	1.132	6.462	5.71
8. Santissimo Sacramento do Rosário	402	2.004	4.99
9. Nossa Senhora da Vitória	335	1.522	4.54
Somão os Fogos e Almas desta			
Cidade	<u>6.752</u>	<u>40.263</u>	<u>5.96</u>

A terceira Coluna relativa ao número de Almas por Fogo é de nossa autoria, não figurando na "Notícia Geral". (40)

Do exame dos dados acima, podemos concluir:

A - Que a população de Salvador, em 1759 era de 40.263 habitantes, que ocupavam 6.752 Fogos, com uma média por habitação de 5.96 pessoas, vale dizer, 6,0. Crescera bastante, nas três décadas decorridas das informações de Rocha Pita - 6.000 fogos e 28.000 vizinhos - não tanto no número de Fogos - 6.000 para 6.752 - 12,5% mais , quanto no número de Almas - 40.263 nos anos cinquenta contra 28.000 nos anos vinte - 12.263 ou, percentualmente, um incremento de 43,0% em 30 (trinta) anos:

B - Que dessa população de 40.263 pessoas, 37.678 moravam nas 7 (sete) Freguesias urbanas, representando 93.58%, enquanto 2.585, ou 6.42% residiam nas Freguesias de Brotas e da Vitória, que não foram considerados Bairros Urbanos, na descrição da Cidade.

C - Outra verificação importante, é a relativa à maior densidade populacional nas Freguesias de Conceição da Praia e do Pilar, com 8.78 e 9.90 Almas por Fogo, o que é compreensível, à vista de serem estes dois setores, da Prequiza ao Noviciado, notadamente da Prequiza ao Pilar, constituídos de edificações de muitos andares, capazes de abrigar maior número de pessoas por unidades. Nestas 2 (duas) Freguesias moravam 12.136 pessoas, vale dizer, 32,21% da população da Zona Urbana, contando com 1.329 Fogos, equivalentes a 21,3% dos 6.228 Fogos Urbanos. Esses números indicam que, Conceição da Praia e Pilar abrigavam, em 21,3% de Fogos, 32,2% de Almas. Era, por conseguinte, a Zona mais densamente povoada da Cidade do Salvador.

D - Comprova-se, pelo exame da Relação acima, que as Freguesias com maior número de Fogos, Sé e São Pedro, 1.403 e 1.132 respectivamente, contavam com 6.946 Almas a primeira, e 6.462 a segunda. Era a Sé, destarte, a Freguesia com maior número de casas, quase 1.500, e mais elevado contingente de pessoas, cerca de 9.000, isto em números absolutos, pois a sua densidade era de 6 (seis) Almas por Fogo. Já a de São Pedro, segunda em número de Fogos, 1.132, era a terceira em Almas, 6.462 com 5.71 pessoas por casa.

E - Sabe-se, por outro lado, que Conceição e Pilar eram zonas em que preponderavam as atividades comerciais - sobretudo de importação e exportação - e indústrias - estaleiros - abrigando maior número de pessoas, pois, naquela época, a relação Habitar-Trabalhar era resolvida com pequeno ou nenhum deslocamento entre os dois pontos.

Segundo Caldas, "o Governo Civil ou Secular consiste na administração da Justiça, arrecadação da Fazenda Real e Governo econômico do Povo".

A Freguesia da Sé era, o centro das atividades relacionados com o "Governo Civil ou Secular, os Tribunais Superiores e Inferiores" - a maioria deles -; das funções exercidas pela Casa de Camara e Cadeia, a "Domus Municipalis"; do "Governo Eclesiástico", incluindo-se aí, o principal equipamento de ensino - o Colégio da Companhia de Jesus e as Aulas ministradas em outros locais aí situados - São Francisco, por exemplo; a maior instituição de Assistência Médica e Social, a Santa Casa de Misericórdia, com o seu Hospital e o Recolhimento, obra monumental para a época.)

Attingira o Bairro da Sé, pleno desenvolvimento quanto à sua forma urbana, casario e população, o que se comprova com os dados seguintes, relativos ao número de prédios e habitantes em 1760 e 1950, a saber:

Ano	Prédios	Habitantes
1.760	1.483	8.946
1.950	1.295	8.959

Destarte, nos 200 (duzentos) anos sucessivos ao livro ' de Caldas, o Bairro da Sé, cuja estrutura urbana permanecera estabilizada no aspecto físico, mas com grandes mudanças no social, chegou a ver decrescer o número de seus prédios em cerca de 200 unidades - 138 - permanecendo constante a sua população - 8.946 em 1.760 e 8.959 em 1950.

A Freguesia de São Pedro, crescera não só na quantidade e qualidade de seus imóveis, como no montante de sua população. Nos últimos 100 (cem) anos afirmara, a sua vocação de Bairro Residencial por excelência, como se verifica, mediante o exame das descrições de

Sebastião da Rocha Pita, nos anos vinte, e de José Antonio Caldas, nos cinquenta do setecentos baianos.

3 - Ao abordar o Governo Militar, Caldas afirma que a sua atribuição é cuidar "na fortificação da Praça e guarnição dela", vale dizer, exercer a Função Defender, ainda de excepcional importância na época.

Tendo-se em vista a alta qualificação do José Antonio Caldas como Engenheiro Militar, ensinando a Arquitetura Militar na Aula Baiana, constitui depoimento de maior significação a sua "Relação do Estado das que guarnecem esta Capitania da Bahia pela Marinha e pela parte de Terra, sua Artilharia, Municões, Petrechos e Guarnição e com a Planta de cada huma delas", minucioso inventário das Fortificações, acompanhado de Plantas Cadastrais de cada uma delas, de sua Autoria, dando, por isso mesmo, pleno conhecimento do estado final atingido pelo Sistema de Fortificações da Cabeça do Brasil, 4 (quatro) anos antes da transferência da Capital para a Cidade do Rio de Janeiro.

A Relação das Fortalezas é a seguinte:

- 1 - Fortaleza de Santo Antonio da Barra;
- 2 - Forte de Santa Maria;
- 3 - Forte de São Diogo;
- 4 - Fortaleza de São Pedro;
- 5 - Bateria de São Paulo, da Gambôa;
- 6 - Forte da Ribeira, e sua Bateria Adjacente;
- 7 - Fortaleza do Mar;
- 8 - Forte de São Francisco;

- 9 - Fortaleza de Santo Antonio além do Carmo;
- 10 - Fortaleza do Barbalho;
- 11 - Fortaleza de N.S. de Mont Serrat;
- 12 - Forte de São Bartolomeu da Passagem de Itapagipe;
- 13 - Castelo das Portas de São Bento;
- 14 - Castelo das Portas do Carmo;
- 15 - Reduto do Rio Vermelho;
- 16 - Bateria em Palácio;
- 17 - Fortaleza de São Lourenço de Itaparica;
- 18 - Forte do Paraguagu;
- 19 - Morro de São Paulo.

Assim se apresentava o Sistema de Fortificações de Salvador e do Recôncavo, em sua forma final, constituindo, realmente, uma adequada proteção para a Capital do Brasil e sua região de influência mais direta, desde Cairú, Camamú e Boipeba até a Baía de Todos os Santos e parte inicial da Orla Marítima.

Referindo-se aos edifícios militares existentes na Cidade do Salvador, indica os seguintes:

1) Um Arsenal, ao qual "se ajuntam vários armazens: este está situado na margem da marinha dentro na ribeira das náos", em cujos armazens eram guardados os "petrechos de guerra e munições de boca". Entre os Armazens, havia um "especialmente contíguo" ao mesmo Arsenal, destinado à guarda dos viveres das naus" de guerra, e da India, que a esta Cidade vem todos os anos; e outro em que se guarda a farinha", que era distribuída por todos os Militares.

Este Arsenal, era fechado tanto por mar como por terra, em cujo recinto havia casas onde residiam o Provedor da Fazenda Real ; quartéis, onde moravam os Comissários das Fragatas Reais e no momento, 1759, residiam os Capitães de Mar e Guerra e Oficiais da Armada, vindos nas naus de guerra que escoltavam as Frotas, nas viagens da Corte de Lisboa para Salvador e vice-versa.

2) Em Água de Meninos, havia 2 (dois) quartéis, "junto a marinha para a parte do Norte", da cidade onde ficavam acomodados os Soldados e Oficiais da Armada e Junta que constituíam a guarnição dos navios da Frota.

3) O Armazem Geral do Contrato do Sal, "que pertence a S. Magestade" situava-se contíguo ao Arsenal, "que o fecha pela parte da preguiça".

4) Além dos Quartéis assinalados e desrinados aos Soldados da Frota, havia "oito coxias de quartéis no bairro de N. Sra. da Palma com 128 quartéis nos quaes se acomodam os Soldados de hum Regimento desta Praça com sua capela de N. Senhora do Rozario destinada para os exercícios Divinos". Localiza-se, como se observa nas Plantas da Cidade do Salvador, de 1785 e 1798, no mesmo ponto indicado na Planta de Massé para a construção da Cidadela.

5) O edifício junto à Capela de S. Antonio da Mouraria, Bairro da Palma, destinado à guarda de "muitos fogos de artifício, granadas e bombas carregadas pesas de Artilharia, e carretas tudo prompto para qualquer invasão repentina com outras muitas munisoens de guerra".

6) Nas Portas do Carmo, existia uma Casa "com lugar destinado" a exercícios de artilharia, "além de muitas propriedades que estão destinadas para quartéis de Capitaens de Infantaria".

Constituem essas informações importante subsídio para o conhecimento das estruturas então existentes, para o exercício da Função Defender, em Salvador.

7) Ao tratar do importantíssimo tópico relativo ao que chamou de Governo Econômico destes Povos, José Antonio Caldas aborda, com justeza, o assunto, precedendo as suas lúcidas considerações, pela apresentação de Tabelas (Mapas) relativas às Despesas que "faz S. Magestade" e dos Rendimentos de "todos os Contratos desta Capitania da Bahia em cada ano, devidamente explicados, seguindo-se as observações aludidas acima, a saber:

"Não deixarei em silencio a noticia geral de todos os generos em que negoceam os habitantes desta Capitania porq' comela não se servira somente de noticia, mas ainda de utilidades e resoluções, e determinações pertencentes ao govêrno econômico destes povos.

He sem duvida 'q o asucar, etabaco são os generos mais principaes desta Capitania, os quaes carregando as Frotas, que deste porto saem para o da Corte, e Cidade de Lisboa serve do Estado de utilencia ena'o pouco interece aos Comerciantes. Na Relação dos Engenhos 'qadiante vai, e no fim dela a recopilação das arrobas em Caxas, e flexos verá V.Exa. o numero delas, eo que annualmente costumão moer, e ainda 'q em huns anos seja mais, e em outros menos, comtudo sempre dá hu'a idea quaze ajustada do sobredito.

Com este genero, e com os tabacos que não dão menos utilidade já em rolos já em pipas, já em fardos como no Mapa a diante se verá se fornecem as Frotas q' a esta Capitania vem da Europa carregadas de fazendas seca, emolhada para o uzo egasto dos habitantes, os quaes dous generos que são os principaes desta Capitania não deixão pequenos intereces nos direitos, e Contrato que deles emanão para S. Magestade como utilidade aos Comerciantes tanto desta Prasa, como daquela Corte.

A sola, e os atanados que nas oficinas dos cortumes se preparão eos coiros crus, ou em cabelo são generos não de menos utilidade, e interese não so no consumo que se lhe da na terra mais ainda na sahida para a Europa, para onde se transportão em abundancia.

O pão Brazil, madeiras de lei para neos cousoeiras de jacaranda vinhatico, Sebastião d'Arruda, Piquiá são generos que tem muita estimasão da Europa pela sua solidas qualidade e cor, que tudo se expressa no fim da Relasão dos Engenhos antes do Mapa da Carga de hua frota, no qual se verá também os mais generos, e se dirá sobre o Comercio dos escravos para Guine e Angola, numero daz embarcacoens que frequentão estes commercios, e o mais.

Também serve de interece, e opulencia a esta Capital a continuasão, e frequencia de Mineiros (asim chamados os viandantes que negoceam para as Minas) que concorrem a esta Cidade a buscar fazendas, e escravos que levando para as Minas ou trocção por ouro, de cuja sahida resulta a S. Magestade a utilidade de dez mil reis de cada escravo como severá na Relasão do rendimento anual de todos os Contratos desta Capitania e da entrada do ouro que metem na Casa da Moeda para se fabricar em

dinheiro tira S. Mag.^e olucro que se colige do Rendimento anual da dita Caza em cada hu'ano.

Os generos expresados junto da India com as fazendas que da Azia se transportão nas Naos da India para esta Cidade, em que geralmente negoceam todos os seoz habitantes são os que avultão o negocio, edão grdes interesees ao Comercio, e utilidade não pequena a S. Magesta^de. Não faso porem distinsão dos generos menores, q' mutuamente se consomem nesta Cidade: bastara pois o dizer queo comercio he regular, e gira continuamente, por que a V. Exa. conheso que nada lhe hé oculto, e setem instruido detal forma nas negociasoens tanto geraez, como particulares que nos requerimentos das partes acerca das duvidas, e plei^{to}s, que semovem entre elas em qualq^r materia da solusoens tão genuinas q' parece não esta somente instruido e ciente nelas pela theorica, mas também pela pratica.

Concluindo pois digo a V. Exa. que a Relasão que se segue de todos os Engenhos desta Capitania com a sua explicasão no fim do Mapa Geral da Carga da Frota e Nao de Licença do anno proximo passado de 1757 com a Relasão do Lambiques desta Cidade e seo termo darão hua vastissima noticia do que tenho expresado." (...)

"Segue se a Relasan do rendimento do asucar que fizerão os Engenhos no ano de 1754 para o de 1755 pela Relasão do Contrato dos dizimos por onde se fes esta averiguasam."

Prossegue Caldas apresentando a Relação dos Engenhos de Açucar da Capitania e respectiva produção, bastante detalhada, dividida em Açucar Branco e Mascavado.

E continua: "Nesta relação se vê que há nesta Capitania da Bahia cento e setenta, e dous engenhos de asucar, exepcto alguns que de novo se fabricão, e outros muitos que pela decadencia do comercio se achão arruinados: Rendem estes engenhos em cada hum ano nas suas moagens trezentas e sincoenta e sete mil, trezuntas e desaseis arrobas, e muito mais de asucar branco e mascavado, as quaes reduzidas em caixas de vinte seis ate quarenta, ou quarenta e sinco arrobas carregão as Frotas, que anualmente sahem deste porto da Bahia nove e des mil caixas de asucar.

Também carregão as ditas Frotas dous e tres mil feixos de asucar de pezo de tres ate des, e quatorze arrobas, levando também em suas cargas outras tantas carras de asucar com pezo de meia, e huma arroba.

Também se fabricão nesta capitania muitos rolos de tabaco, e se vem entrar na Casa de arrecadação do tabaco, e Inspeção desta Cidade anualmente para sima de trinta mil rolos de tabaco com pezo de doze, e quatorze arrobas cada hum alem de muitos paos e mangotes que pesão do numero de mil, e novamente se fazem muitos fardos e manojas de tabaco em folha, que tudo carregão as ditas Frotas, e naos de licença alem de outros generos, como são solas, e atanados que se vem nesta Cidade, e sua Capitania muitas fabricas dele, e inumeraveis cortumes, em que se fabrica adita sola, servindo todos estes generos de grande utilidade aos Homens de negocio, porque carregando todas as Frotas os asucares sobre ditos, e mais de desoito mil rolos de tabaco alem de muitos fardos, barricas, e caixotes do mesmo, e para sima deoitenta e seis mil meios de sola, e mais de tres mil, e quinhentos atanados, e muito

mais de cinco mil coiros em cabelo com muitas duzias de couçoeras, taboado, vigas, toros de jacarandá e de Sebastião d'arruda, madeiras, para naoz, e outroz generos, como melhor se verá no Mapa que se segue da carga da Frota, enão de Licença q'partirão este ano de 1757 tirão deles grandes intereses; e não menos S. Mage nos direitos alem dos muitos se gastão em toda esta Capitania, e se transportão para os mais portos da America e Gine, porque saem deste porto todos os anos para a Costa da Mina para sima de vinte e quatro embarcacoens carregadas com mais de oitenta mil rolos compeso de duas etres arrobas cadaum, abundancia de ancoretas de agoa ardente que se fabrica na terra aconduzirem escravos de que se servem oz moradores de toda esta America decujo comercio redunda grande interesse aos homens de negocio e a S. Mage.

Tambem deste porto vão embarcaçoens carregadas de tabaco para a capitania do Rio de Janeiro, donde se tira não pequena utilidade, e também se transporta desta cidade o mesmo genero pa ailha de S. Thome na Costa de Giné. As embarcaçoens miudas negoçoão mutuamente deste porto para oz mais portoz desta America trocando Huns generos por outros.

Deste porto para o Reino de Angola sahem todos os anos para sima de doze embarcaçoens carregadas de fazendas da india, e Europa, agoas ardentes da terra e outroz generos abuscar escravos ecera para o serviço, e gasto desta America.

Não menos serve de opulencia a esta Capitania as muitas fabricas, e cazas delambiques das quaes so pude averiguar com certeza

asque existem nesta Cidade, e seo termo, eas que existem nos termoz das Vilas proximas aesta Cidade porque as que ha pelo Sertão e portoz de mar da sua Capitania são inumeraveis nas quaes se fabricão agoas ardentes de cana, da cabeça, e da terra generos que amaioz parte dele se da consumo na terra; enoz portos de Guiné.

Este genero rende para S. Magestade todos os anos para sima de oito mil cruzadoz, como melhor se verá na relação do rendimento anual de todos os Contratos desta Capitania da Bahia em cada hum ano.

Os mais generos que sahem desta America para a Corte de Lisboa são o páo Brazil tão estimado: daz nacoens estranhas, e não menos dos Portuguezes que por ele em lugar de America chamão Brazil aesta grande parte do mundo novo; he contrato real, e se prohibe aoz particulares.

Hé também o Sebastião d'Arruda madeira de muita estimação pela sua duração e cor vermelha engraçada, que carregão em abundancia, e juntamente a jacarandá, que quaze se asemelha ao evano, madeira Aziatica, estimada tambem pela sua duração, e cor azivichada.

Vão repletoz de muitas coucoeiras, duzias de taboado de vinhatíco, tapinhoão, masaradumba, e outras muitas qualidades, alem de muitas vigas, e paos de varaes de sege, varas de parreira, toros de piquiá, que entre todas as madeiras sefas digna de estimação pela sua solidés e cor amarela.

Completão as suas cargas com muitos barris de mel de engenho, e de farinha da terra, milheiroz de coquilho, axas de lenha, barris

de azeite de peixe, eoutras muitas miudezas com que as enchem fornecem, esatisfazem. (41)

Essas ponderações, sobre o "Governo Econômico", são da maior importância para a compreensão do estado de prosperidade, que gerou o pleno desenvolvimento da Cidade do Salvador no século XVIII .

Para concluir indicaremos, em seguimento, os dados extraídos do "Mapa do Orçamento" de todo o Rendimento e Despesa Anual da Capitania da Bahia, Capital da América, datado de 15 de julho de 1756.

1 - Receita Anual

1 - Rendimento de todos os contratos 226:921\$666

2 - Rendimento das Propinas dos ditos
Contratos 870\$000

3 - Rendimentos incertos, porém regula
dos 74:843\$136

Esta soma
os rendimen
tos da Casa
da Moeda que
se inclui
aqui

Soma Total..... 302:634\$802

2 - Despesa Anual

1 - Despesa com Folha Eclesi- ástica	25:070:760
2 - Despesa com a Folha Secu- lar	38:573\$947
3 - Despesa com a Folha Militar	86:539\$944
4 - Despesas incertas, porém reguladas	69:855\$000
	<hr/>
Soma Total.....	220:089\$651

3 - Resumo do Líquido

1 - Abatida do Rendimento anual a Despesa anual fica líquido para S. Magestade em cada ano.....	82:545\$151
---	-------------

Era, por conseguinte, para S. Magestade, um ótimo inves-
timento.

É o que se contem, na "Notícia Geral desta Capitania da
Bahia", de maior utilidade para o presente trabalho, indispensável
Fonte para o conhecimento geral da Bahia, o que confirma o alto con-
ceito do Autor, Engenheiro Militar membro da Academia Brasileira dos
Renascidos.

Na edição comemorativa do 4º Centenário da Fundação da
Cidade do Salvador, encontram-se, em Apêndice, duas importantes contri-

buições de José Antonio Caldas, a saber:

1ª) A Planta Topográfica da Baía de Todos os Santos, tirada pelo Sargento-Mór Engenheiro José Antonio Caldas, cuja cópia tem a data de 24 de setembro de 1771, posterior, portanto, à publicação da Notícia Geral, à qual já nos referimos.

2ª) Planta de um trecho urbano da Cidade Baixa, acompanhada de uma Folha manuscrita, do próprio punho de Caldas, denominada Explicação da Planta, datada e assinada em 19 de novembro de 1777.

Planta e Explicação foram publicadas fac-similarmente. Fizemos a competente reprodução da Planta mencionada, cujo original traz a assinatura de quem a copiou do Desenho de Caldas, "João de Souza de Castro discípulo da Aula Militar compartilhado copiou". Na edição da Câmara de Vereadores de Salvador, há o "Fac-simile por Isabel Sangareau da Fonseca Lisboa - 1949".

É Documento de grande valia, seja pelas informações gráficas contidas no Desenho, que apresenta um trecho urbano da Cidade Baixa em 1777; coisa rara entre nós, sobretudo sendo seu Autor um profissional da categoria de Caldas, seja pela Explicação da mesma, no que concerne à emissão de um Parecer técnico relativo a uma área valiosa da Soterópolis.

Em resumo, diz a Explicação da Planta: que, em 1715, quando o Brigadeiro Engenheiro João Massé, e o Mestre de Campo Engenheiro Miguel da Costa e os outros Engenheiros então nesta Praça, apresenta-

ran o Plano de Fortificação de Salvador, que foi aprovado pela Provisão de 26 de março de 1716, o Cais do Sodré era o que "mais se avançava ao mar", pelo que os citados Engenheiros "se valerem do seu lado E D para servir de flanco com que rasavão a marinha" que, naquela oportunidade, atingia o "pé dos Cobertos Grandes", seguindo pelos Pequenos Cobertos, Cais da Lenha - que foi - passando além do Cais da Lixa, feito logo ' depois do Desenho de 1715. Ver Desenho N.º 6.

Com o passar dos anos, esquecido o Desenho pelos responsáveis por sua plena execução, foram os "moradores da praia", - sem a devida atenção ao Plano aprovado em 1716 -, avançando para o mar, esquecidos da defesa da Praça, mas atentos ao "seu cômodo-particular" .

"Os Jesuitas então Senhores daquela porção de marinha se avançaram ultimamente para o mar a igualar com o Cais do Lixa que era o mais avançado e correram o Cais novo pela linha que decorre de G até F entulhada toda a porção que fica até o Cais da Lenha que foi, entraram a fabricar algumas moradas de Casas de Taipa terreas que mostram as porções Lavadas de preto e notadas com as letras B, B, B, a tempo em que já haviam outras mais antigas e que vão lavadas de carmin, e notadas A, A, A. Neste estado ficou o Cais quando se expulsaram no ano de 1760".

Trata-se, por conseguinte, de um caso típico de invasão de terrenos à beira mar - de marinha, na linguagem atual - feita inicialmente por moradores no local e, posteriormente, e em muito maior escala, pelos Jesuítas, nos pontos indicados na Planta, por onde se verifica a amplitude do avanço, comparando-se com os quarteirões e construções anteriores ao fato objeto do Parecer. Todavia, nos lugares notados com '

as letras C, C, amarelos na Planta, "ainda se via" [...] "Água do mar".

Posteriormente, a Santa Casa da Misericórdia arrematou, no Tribunal da Junta, todo esse trecho, "que fizeram entulhar e construir moradas de Casas, onde se vê lavada de amarelo".

Assim, no Parecer de Caldas, rompeu-se o Projeto de 1715, "não só aqui, mas em toda a parte da marinha, com Trapixes, Caizes e outras propriedades", pelo que se tornara inexecuível "aquele desenho" de Massé, Pereira da Costa e seus Auxiliares.

Então, o Relator da matéria expõe as suas idéias a respeito do novo agenciamento deste espaço, dentro de "novas linhas debaixo das Leis da Arte Munitória", lançando mão dos "edifícios capazes de defesa a fim de evitar grandes despesas".

Continua Caldas expondo os seus pontos de vista, sempre de acordo com a "Arte Munitória", procurando remediar os inconvenientes trazidos para a defesa desta parte da cidade pelos acontecimentos acima narrados: falta de cumprimento do Plano de 1715, pela invasão e arrematação de áreas necessárias à sua execução, sem qualquer intervenção das Autoridades responsáveis pela implantação do Plano.

Na sua exposição, eminentemente técnica, o Professor da Aula Militar, faz diversas referências a pontos conhecidos, a saber:

- 1) Cais Novo;
- 2) Cais da Cana;
- 3) Cais do Sodré;
- 4) Cais da Farinha;

- 5) Cais da Ribeira, que ficava a mais de 200 braças (440m) do ponto em que se encontravam o Cais Novo ou da Misericórdia com o Cais da Farinha;
- 6) Trapiche Barnabé, a 250 braças (550m) do mesmo ponto anteriormente citado; este trapiche avançava 30 ' braças (66m) ao mar;
- 7) Trapiche Julião, de onde a marinha tinha grande concavidade até o Trapiche Barnabé, na qual se encontravam o Fortinho de São Francisco e o Cais do Doirado.

Após a bem fundamentada apresentação de seu Projeto , facilmente compreensível à vista da Planta anexa ao mesmo, conclui, dizendo:

"Isto é o que entendo, salvo sempre o juízo dos melhores e mais hábeis Arquitetos Militares, aos quais me submeto: Bahia 19 de novembro de 1777. José Ant^{nio} Caldas".

Trata-se, de excelente e raro Documento, esclarecedor da evolução por que passou importante trecho da Cidade do Salvador, no seu Bairro da Praia, entre 1715 e 1777. É de se lamentar, entretanto, que sejam raríssimas Fontes como a examinada.

2.3.4. Último Quartel do Século XVIII

Para o estudo do último quartel do setecentos soteropolitano, contamos com as seguintes Fontes essenciais:

- a) Planta Topográfica de S. Salvador, Bahia de Todos os Santos, de José Azevedo Galeão, Capitão-Mor e Lente do Regimento de Artilharia, de 1785;
- b) Planta Topográfica da Cidade Capital de São Salvador Bahia de Todos os Santos, por José Joaquim Freire, Segundo Tenente da Armada Real, 1798;
- c) Frontispício que figura na obra de Vilhena;
- d) Recopilação de Notícias Soteropolitanas e Brasílicas, contidas em XX Cartas, de Luís dos Santos Vilhena;
- e) Fontes publicadas e inéditas, estas colhidas nos Arquivos Estadual da Bahia e Municipal de Salvador.

O estudo comparado das magníficas Plantas de Salvador, em 1785 e 1789, com o livro de Vilhena, que abarca o mesmo período dos desenhos e demais fontes consultadas, possibilitou um conhecimento adequado da situação da Cidade do Salvador, em 1800, fim do século XVIII.

2.3.4.1. Os Governadores

Nos derradeiros vinte e cinco anos do século XVIII, a Capitania da Bahia e a sua Capital, a Cidade do Salvador, foram administradas por alguns dos mais competentes Governadores de todo o período Colonial, a saber:

- I - Manuel da Cunha Menezes, de 18 de setembro de 1774 até 12 de novembro de 1779;
- II - D. Rodrigo José de Menezes, de 6 de janeiro de 1784 a 17 de abril de 1788;
- III - D. Fernando José de Portugal, de 18 de abril de 1788 até 1801.

O Governo de Manuel da Cunha Menezes foi profícuo, sobresaindo-se as providências adotadas no sentido de preparar a defesa de Salvador e do Recôncavo, ante a ameaça de uma invasão espanhola e o cuidadoso Recenseamento feito no seu governo, justamente considerado o mais minucioso até o advento do Brasil nação.

A Administração de D. Rodrigo José de Menezes tem sido justamente festejada, pelas oportunas medidas tomadas no seu quadriênio, das quais, para exemplo, citaremos aquelas mais diretamente ligadas aos objetivos deste trabalho:

I - A instituição de um Celeiro público, com a finalidade de facilitar ao povo a aquisição de generos, notadamente a farinha, por preço conveniente, combatendo o monopólio existente;

II - Construiu o esplêndido Lazareto, nos arrabaldes da cidade - Quinta dos Padres - "com todas as comodidades precisas em um tal edifício";

III - Construiu o "mais famoso Curral que tem tôda a América Portuguêsa, e pode ser que uma boa parte da Europa" (...) "onde se vêem aquelas comodidades que deixo referidas na descrição de alguns edifícios da Bahia.";

IV - Concluiu a Praça da Piedade, tida por Vilhena como a "mais espaçosa que tem a Bahia, e única onde as tropas pedem manobrar, desmontando um morro elevado de que tôda a praça ocupa a base";

V - Realizou importantes obras na Cidade Baixa "por onde era impraticável o transitarem seges, sem risco evidente, hoje porém sem êle se transita por quase tôdas livremente", o que se alcançou mediante a adoção de alinhamentos certos, coibindo o costume de se desrespeitar as Posturas vigentes, avançando-se com as construções pelo terreno público. Tal atividade foi levada a efeito, também, na Cidade Alta, "onde fêz rebaixar ruas inteiras e altear outras pela impossibilidade que havia de transitar por elas, ainda a pé, de forma

que o que antes eram funis, e despenhos, são hoje ruas espaçosas, com pouco declive, e transitáveis".

Era o início de providências, que se foram acentuando, no futuro, com o objetivo de melhorar os aspectos realmente desfavoráveis e inconvenientes da Cidade do Salvador.

VI - Projetou e deu início a uma nova ladeira entre as Cidades Alta e Baixa, mediante uma muralha com capacidade de "suster a montanha" a meia encosta da Misericórdia à Baixa do Taboão, numa distancia de mais de 300 (trezentas) braças - 660 (seiscentos e sessenta) metros -, a ser calçada, de sorte a permitir a subida e descida de seges da Praça do Palácio ao Comércio, nas proximidades da atual Praça do Conde dos Arcos, saindo, então, ao mar "com um nobre cais". Esta ladeira aparece no Frontispício da Cidade dessa época - como projeto - mas nunca foi concluída. Teria sido muito importante para as comunicações entre os dois níveis da cidade.

VII - Foi no governo de D. Rodrigo José de Menezes, que o Engenheiro e Professor da Aula, Manuel Rodrigues Teixeira, de longa atuação entre nós, pois o encontramos em exercício na segunda década do século XIX, preparou um Plano para a Cidade do Salvador, iniciando-se então, com a competente participação da vereação a pavimentação das ruas principais, exigindo-se o cumprimento das Posturas no que concerne ao respeito aos alinhamentos, mediante o recuo de muros e jardins, à retirada das rótulas, com a finalidade de melhorar o aspecto sombrio de várias ruas, nas quais nunca penetrava o sol;

VIII - A Comuna, tendo em vista o admirável exemplo dado por D. Rodrigo, que levava a efeito a instalação do Lazareto na Quinta dos Padres, em excelentes condições, construiu, por seu turno, um hospital em São Lázaro, para internamento dos atacados de moléstias contagiosas.

Enquanto governou a Bahia, D. Fernando José de Portugal teve oportunidade de realizar importantes trabalhos, entre os quais

indicaremos:

I - A restauração dos livros e documentos da administração pública, que se encontravam bastante estragados, salvando-os, por conseguinte, valioso subsídio para a conservação da Memória Nacional;

II - Deu prosseguimento às obras da muralha e ladeira da Misericórdia-Taboão, para segurança dos edifícios da Cidade Alta e melhor comunicação entre esta e o Bairro da Praia;

III - Reparo de todas as fortalezas e construção da do Rio Vermelho e do meio baluarte de S. Fernando, "na borda da praia e centro da Cidade Baixa", onde se acha agora a Associação Comercial, que, como vemos, era, para a época em que escreveu as suas Cartas de fato, o centro da cidade baixa;

IV - A construção de 3 (tres) fragatas, 2 (dois) bergantins e 1 (uma) nau de setenta peças, na Ribeira das Naus;

V - A instalação do Hospital das tropas, até então funcionando no da Misericórdia, nas dependências dos Jesuítas, no Terreiro;

VI - Levou a efeito uma reforma geral na Casa de Camara e Cadeia, tornando-a "compatível com os seus fins, sobretudo ampliadas as salas de audiências dos juizes e da de sessões da Câmara, com localização conveniente dos açougues públicos e do presídio das mulheres, sem contar a reconstrução de salas livres, de 12 segredos e de fortes enxovias, abaixo do nível da rua".

VII - Em 1799, por Carta Régia de 19 de maio, o Regente D. João VI afirmou: "Me proponho estabelecer o Imposto da Décima nas Cazas das cidades marítimas. (42)

A Cidade do Salvador, no último quartel do século XVIII desenvolveu-se do ponto de vista urbano, graças à ação de seus Governadores e à ação da sua Câmara.

2.3.4.2. Luís dos Santos Vilhena e suas "Cartas Soteropolitanas"

Um dos mais valiosos depoimentos que se conhece sobre a

Cidade do Salvador, no último quartel do setecentos, é, sem a menor dúvida, a obra de Luís dos Santos Vilhena, - Professor de Grêgo aqui - constante de ^{XX (VINTE)} Cartas escritas por êle sob pseudônimo de Amador Veríssimo de Aleteya, ao seu "caro amigo" Filôpono, dando-lhe "uma cabal noção da cidade do Salvador", ^{que} foram publicadas inicialmente em 1922, sob o título de "Recopilação de Notícias Soteropolitanas e Brasílicas."

NAO
contidas em XX Cartas, que da Cidade do Salvador, Bahia de Todos os Santos, escreve um a outro amigo em Lisboa, debaixo de nomes alusivos, notificando-o do estado daquela Cidade, sua Capitania, e algumas outras do Brasil; feita e ordenada para servir, na parte que convier, de elementos para a história brasílica; ornada de plantas geográficas e estampas; Dividida em Três Tomos que ao Soberano e Augustíssimo Príncipe Regente Nosso Senhor o muito Alto e muito Poderoso Senhor Dom João dedica e oferece o mais humilde dos seus vassallos Luís dos Santos Vilhena Professor Régio de Língua Grega na Cidade da Bahia. Ano de 1802".

A 1ª edição, de 1922, impressa na Cidade do Salvador, deveu-se ao insigne historiador baiano Eraz do Amaral, que enriqueceu a obra com oportunas Notas e Comentários, ao fim de cada Capítulo.

Uma nova edição das Cartas de Vilhena, foi publicada em 1969, pela Editora Itapoan, com uma Apresentação de Edison Carneiro. Utilizaremos esta última edição em nosso estudo.

Na sua Primeira Carta, que trata de vários assuntos - Antecedentes Históricos, Topografia, A Capitania da Bahia e outros - encontra-se uma descrição sumária da Cidade do Salvador, que transcreveremos a seguir:

"A Cidade do Salvador

Pouco menos de meia légua para dentro da barra, e pelo pé da montanha, que acompanha a marinha, correndo de Nordeste a Sul-Sudoeste, fica a cidade do Salvador, começando na praia no sítio da Preguiça até

a Jiquitaia, com uma rua tortuosa, mas continuada com propriedades de casas de três, e quatro andares, e outros grandes edifícios, tendo de oito para nove mil pés portuguezes de comprimento; e a esta povoação, que por tôda a sua extensão, deita diversos becos, que vão morrer na marinha, chamam a Praia, ou Cidade Baixa. Por sete calçadas, que sobem pela colina procurando a campanha para a parte do Nascente, se comunica esta com a Cidade Alta, que na mesma direção da montanha corre com uma semelhante rua, com tortuosidades não pequenas, desde o Forte de S. Pedro, até o convento da Soledade, com meia légua de comprimento com pouca diferença. Na sua maior largura procurando a campanha ao Nascente, poderá ter a cidade quatrocentas para quinhentas braças; bem entendido, que diferentes ruas acompanham aquela principal com direções diversas; os seus grandes edifícios, templos, e casas nobres, são de ordinário pelo gôsto, e risco antigos, em que se notam algumas, irregularidades, à exceção de poucos mais modernos.

Há nela muitos edifícios nobres, grandes conventos, e templos ricos, e asseados. Tem igualmente três praças, que são. A Nova da Piedade, onde de ordinário vão trabalhar em exercícios os regimentos da sua guarnição; desembocam nela sete ruas, e poderá para o futuro vir a ficar mais regular, quando se forem levantando alguns edifícios, que ornem o seu prospecto.

A Praça de Palácio, é um quadrado, a que um autor patricio dá 26.244 pés quadrados; e é ornada pelo lado do Sul com o Palácio da residência dos Governadores; no oposto fica a Casa da Moeda, e duas propriedades de particulares. Ao Nascente fica a grande Casa da Camara, e Cadeias, e no lado oposto estão os Paços de Relação, o Corpo da Guarda principal, e duas insignificantes propriedades. Seis ruas vêm sair a esta praça pelas quais se comunica a tôda a cidade.

É a terceira praça o Terreiro de Jesus; forma esta um retângulo a quem o mesmo autor dá 79.800 pés quadrados, e orna o seu lado

ocidental o famoso templo, e parte do Colégio, que foi dos Jesuítas, destinado hoje, depois de arruinadíssimo para Hospital Militar; e fronteira fica a igreja dos Terceiros de São Domingos, com sua casa de consistório nobre, e de gosto moderno; e outra grande propriedade ao lado da igreja. Pela parte do Norte fica o templo da Irmandade dos Clérigos de São Pedro, ainda por acabar; e tudo o mais naquele lado são casas pequenas, antigas, e irregulares; a face oposta é mais regular, e tem melhores edificios: comunica-se esta praça com os bairros da cidade tôda, por sete ruas, que nela vão sair.

Não é só no corpo da cidade, em que consiste a grandeza dela, mas em seis bairros, que a circulam; e são o bairro de São Bento, o maior entre todos, e o mais aprazível; todo êle fica ao Sul sôbre uma planície, com ruas espaçosas, asseados templos, e algumas propriedades nobres.

O bairro da Praia, opulento pela assistência, que nêle fazem os comerciantes da praça; fica êste ao Poente da cidade, ao correr da marinha, com não menores templos, fortalezas, e melhores edificios. O de Santo Antonio além do Carmo, pelo Norte da cidade, eminente à marinha, com edificios de menos suposição em número, e qualidade.

Os bairros da Palma, Destêrro, e Saúde, que ficam pela parte do Nascente, não são menos aprazíveis, pela amenidade das suas situações; todos êles com ares livres, e desembaraçados.

Esquecia-me dizer-te, meu Filopono, que o clima desta cidade, e seus contornos, é benévolo; os ares são puros; os astros claros; as fontes, que fecundam o país, bastante cristalinas." (43)

Vilhena, como vimos, considerava que, no Bairro da Praia, a Cidade do Salvador começava na Preguiça e ia até a Jequitaiá, com rua única, contínua embora tortuosa, com casas de 3 (tres) e 4 (quatro) andares e outros grandes edificios, tendo um comprimento de oito a nove mil pés - 2.400 a 2.700 metros).

Na Cidade Alta, alcançada por sete ladeiras vindas da praia, encontrava-se outra rua, na mesma direção da montanha, com tortuosidades não pequenas, do Forte de São Pedro até o Convento da Soledade. Na sua maior largura, correspondente à campanha no nascente, tinha Salvador de 800 a 1.100 metros.

Os grandes edifícios, templos e casas nobre eram em geral de gosto e risco antigos, à exceção de poucos mais modernos.

Havia na Soterópolis muitos edifícios nobres, grandes conventos, e templos ricos e asseados.

Três eram as praças, a saber:

1ª - A Praça do Palácio, que descreve nos mesmos moldes de Rocha Pita, como se pode observar comparando as duas descrições, o mesmo ocorrendo com a praça do Terceiro de Jesus, onde assinala as modificações ocorridas no intervalo entre as duas obras.

No Terreiro, esclarece ainda sobre as propriedades dos Jesuítas, arruinadíssimas e então destinadas ao Hospital Militar; o gosto moderno da Igreja dos Terceiros de São Domingos e do seu Consistório Nobre e o Templo da Irmandade dos Clérigos de São Pedro, ainda inacabada;

3ª - A Nova da Piedade, na qual desembocavam 7 (sete) ruas e que julgava ficaria melhor no futuro, quando fossem construídos novos edifícios ao seu redor.

Verifica-se que, mais de 70 (setenta) anos depois da notícia contida na História da América Portuguesa, o Professor Régio de Grêgo ~~afirma~~ ^{INFORMA} que o Bairro de São Bento continuava a ser o maior e mais aprazível de todos, sobre uma planície, com ruas espaçosas, asseados templos e algumas propriedades nobres.

Ressalta Vilhena, a importância do Bairro da Praia, opulento pelo grande movimento comercial aí existente, com não poucos templos, fortalezas e melhores edifícios.

Para o Autor, o de Santo Antonio além do Carmo, era possuidor de edifícios de menor suposição, quantitativa e qualitativamente.

Quanto aos Bairros da Palma, Destêrro e Saúde, mais novos, situados no Nascente, considerou-os aprazíveis, pela amenidade das suas situações, estando desembaraçados e com áreas ainda livres, sendo excelentes setores residenciais da Salvador de 1800.

No que tange ao clima da cidade, reputou-o benévolo, com ares puros, astros claros, possuindo fontes bastante cristalinas.

Como síntese, essa descrição satisfaz.

Na sua Segunda Carta, Vilhena aborda diversos aspectos interessantes da Salvador do fim do século XVIII, que trataremos parceladamente.

No que concerne às comunicações entre os Dois Andares da cidade, informa a Filopono, que eram 7 (sete) as calçadas de ligação entre as Cidades Baixa e Alta, enumerando-as e situando-as com precisão, do Sul para o Norte, na seguinte ordem:

1ª. da Preguiça, que subia até o meio da montanha e "ali se divide em dois ramos; parte um dêstes para o Sul, e a pouca distância lhe fica pelo Ocidente o convento de Santa Tereza" e daí para a rua do Sodré. "O segundo ramo corre ao Norte e vai sair no cimo da ladeira da Conceição no largo das Portas de São Bento". Este era o único caminho "por onde com bastante risco podem subir, e descer seges da cidade para a Praia". Essa função permanecia a mesma desde o início de Salvador, no século XVI;

3ª - A da Conceição, a partir do Largo da Conceição, ao "correr da montanha para o Sul", com terminação no mesmo largo das Portas de São Bento. Em "menos de meia altura da ladeira", começava "outro ramo na direção de Norte", denominado Ladeira do Palácio, porque terminava ao "lado da residência dos exmos. Governadores". Acrescentou Vilhena a que se segue: "por tôdas estas três partes da ladeira se

sobe, e desce com susto de escorregar, e rolar; apesar do que, é ela tãda acompanhada de propriedades, e ruos, que parecem estar pendurados, como ameaçando pronta ruina".

Interrompendo a sequênciã das ladeiras, o Professor Régio presta curiosa informaçã, a saber:

Que, indo-se da Conceiçã para o Norte, nas proximidades do Arsenal, mas do lado da Igreja, pela rua principal, com propriedades altíssimas, localizava-se o Trapiche do Azeite de Peixe e, logo em continuiçã "sobe pela montanha por entre casas altíssimas, uma escada com perto de duzentos degraus bastante arruinados, assim como estão as casas, que parecem sustentadas pela Providênciã, em um despenhadeiro quase a pino: vai esta escada sair em um arco debaixo das Casas da Relaçã na Praça do Palácio; motivo por que se chamam as escadinhas de Palácio", visíveis no Frontispício apresentado nas Cartas de Vilhena.

4ª - Da Misericórdia. Saindo "defronte do beco por onde se vai a um vaiz chamado da Cal", a Ladeira da Misericórdia, "tomando diversos rumos, e sendo tãda ela perigosa a quem por ali transita, vai desembocar na Praça do Palácio por entre a Casa da Moeda e a Relaçã, tendo destacado quase já no cimo da colina, um beco único que por debaixo de um passadiço vai sair na rua Direita, chamada ali da Misericórdia";

5ª - Do Taboão, "igualmente enfadonha, e perigosa de subir, pelas diversas direções que toma, formando ângulos até chegar à rua do Taboão, que já com menos tortuosidade vai sair na rua principal da Cidade Alta em uma paragem chamada a Baixa dos Sapateiros, onde a montanha quebra, ficando pelo Sul a ladeira do Rosário bastante extensa, por onde se vai dar ao Terreiro de Jesus, e para o Norte sobe a comprida Ladeira do Carmo até o convento desta Ordem".

Logo adiante, "sobe obliquamente pela montanha outro caminho chamado o novo", trata-se do Caminho Novo, como ficou conhecido, "que

por um beco vai sair na rua do Taboão; e êste é o sítio onde em 1795 rolaram não menos de treze moradas de casas".

Continuando para o Norte, "por detrás da igreja do Pilar fundada na falda da montanha sobe uma longa, e escabrosa calçada chamada da do Pilar, que vai sair na rua Direita superior, diante do convento do Carmo em um sítio chamado a Cruz do Pascoal.

6ª - Prosseguindo na mesma direção, chegava-se a um largo alegre e desafogado, "onde há uma fonte chamada Água de Meninos onde se fazem as aguadas para tôdas as embarcações da marinha, tanto real, como mercantil, ou do comércio". (...) "Por detrás desta fonte faz a montanha uma outra quebrada por onde sobe a calçada chamada de Água de Meninos ^{menos} elevada, mas comprida, e por esta podem mais livremente subir seges: vai esta sair ao caminho chamado d'Água Brusca, nome que deriva de um lagoacho imundo, e viveiro todo êle de milhares de cobras, sapos, e outra infinidade de sevandijas insuportáveis pelo alarido que fazem logo que anoutece, principalmente em tempo de chuva".

7ª - A última calçada, um pouco mais para o Norte, era "bastante comprida, que vai sair na rua da Soledade, pouco adiante da capela de S. José", é a actual Ladeira do Canto da Cruz.

"E estas são, meu Filopono, tôdas as comunicações que a Cida de Baixa tem com a Alta", termina Vilhena. É de se notar a clareza e precisão com que o Autor das Cartas descreve as diversas ladeiras quem em 1800, permitiam o transito entre as Cidade Alta e Baixa de Salvador, tôdas do nosso conhecimento, permitindo, por isso mesmo, o julgamento a respeito da veracidade de seu depoimento, o que, aliás, estende-se às demais descrições que faz da cidade na sua importante obra.(44)

Luís dos Santos Vilhena aqui chegou em 1787 - "em fins de 1787 vim para esta cidade", como informa na sua 1ª Carta - tendo 34 anos de idade, pois nasceu em 1744, na Vila de S. Tiago de Cassino, em Portugal, portanto, já adulto e experimentado. Tendo escrito as suas

20 (vinte) primeiras cartas nos anos de 1798 e 1799, tinha, na oportunidade mais de 10 (dez) anos de residência em Salvador. Considerando-se que o exercício da cátedra de Grêgo, na qualidade de Professor Régio e em vista do pequeno número de alunos, que minguava com o correr do tempo, reconhece-se em Vilhena, por sua instrução de melhor qualidade do que a maioria dos soteropolitanos de então e por seu espírito observador, plenas condições de dar, como deu, um depoimento de excelente qualidade sobre a cidade em que viveu por dilatado período, e na qual faleceu, em 29 de junho de 1814, aos 70 (setenta) anos de idade. (45)

Prosseguindo na análise do conteúdo das Cartas que interessam particularmente à Cidade do Salvador, cogitaremos agora do concernente ao Bairro da Fraia ou Cidade Baixa.

Naquele tempo, o Bairro da Fraia, no sentido do Sul para o Norte tinha início na Freguiça, "junto a um pequeno hospício" à beira-mar - S. Felipe Néri. Daí, começava a rua Direita da Freguiça - "a tempo que ela é bem torta e imunda" - até o Largo da Conceição, onde, do lado do mar estavam o Celeiro público, as tulhas - parte do Arsenal - e os armazens do mesmo. Encontrava-se nesse local a casa de residência do Intendente da Marinha, excelente edifício, com uma boa "galeria de dez ou mais janelas de grades, e todos os cômodos que se requerem em um quartel nobre".

Do Largo da Conceição à atual Praça Visconde de Cairí, já vimos atrás. Nesse último sítio, estava a Alfandega de então, a beira-mar, seguindo-se a igreja do Corpo Santo, o grande trapiche que serve d'Alfandega do Tabaco, onde funcionava, também, a Mesa de Inspeção, e o trapiche das Grades de Ferro, próximo. E acrescenta: "da Alfandega pois para diante, e para a parte do mar, começam becos medonhos por estreitos, imundos, e escuros em extremo".

Caminhando para o norte, "pela rua estreita, e fúnebre pela altura dos edifícios, e tecido de rótulas e telhadinhos, que de baixo

acima lhes cobrem as paredes tôdas, se vai sair a um pequeno largo, chamado de Guindaste dos Padres, hoje porem do Hospital, que há de ser Militar; no cimo da montanha fica o arruinadíssimo colégio, e templo que foi dos Jesuítas; e para a frente da marinha, por ser aqui mais largo o terreno" - pelas razões já estudadas no Parecer de José Antonio Caldas sobre este trecho da cidade -, "seguem diferentes ruas, um pouco mais largas que a principal, se bem que igualmente fúnebres pelas causas preditas, e na primeira que para o Norte corre paralela com a rua principal, estão debaixo de escuros arcos as lojas dos comerciantes", - refere-se aos Cobertos - "com bancas de quinquilharias nas bôcas dos arcos, e por todo êste sítio é que se faz a maior parte do comércio grande da Bahia, sendo esta a paragem onde existe indizível cabedal". Era ai, como se observa, que se exercia com maior intensidade a função comercial na Soterópolis.

O Taboão, cuja parte baixa já era objeto de cogitações para se tornar uma praça de comércio, - o que se positivaria na segunda década do oitocentos, com a construção do edifício da Bolsa de Comércio, atual séde da Associação Comercial -, local considerado por Vilhena como o centro da Cidade Baixa. A outra metade, ia - correspondente ao desenvolvimento da cidade no sentido Norte, - daí até o Noviciado dos Proscritos Jesuítas - Colégio dos Órfãos de São Joaquim de nossos dias -. No seu primeiro trecho, Taboão-Água de Meninos, continuava a rua principal junto à montanha, contendo na banda do mar, primeiro o trapiche Julião, seguido de perto pelo Forte de S. Francisco, indo-se então para o Norte por "um lanço de rua não pequeno, acompanhado de altas propriedades por um e outro lado", ou seja, o Cais Dourado. Logo depois e já no Bairro do Pilar propriamente dito, "estão as duas grandes propriedades ou soberbos trapiches, o da viúva de Manoel Pereira de Andrade e o chamado Barnabé; edifícios talvez que os mais espectáveis de todos os particulares da Bahia; e daí começa a

rua bastante la^rga, e alegre até o átrio da freguesia de N.S. do Pilar; templo ainda que pequeno muito asseado, e rico", localizando-se nas suas proximidades, pela parte do mar, "um insignificante, e desnecessário hospício de religiosos do Carmo".(46) Existe comprovação da excelência dos trapiches citados por Vilhena, nos desenhos do Álbum Iconográfico Comemorativo do Bicentenário da Transferência da Sede do Governo do Brasil, intitulado "As Cidades do Salvador e Rio de Janeiro no Século XVIII".

Gilberto Ferraz, comentando na página 58 os desenhos da imediata, afirma judiciosamente:

"Por elas aquilatamos a importância e esmero daquelas construções que são exemplares do maior valor da arquitetura luso-brasileira no século XVIII. A primeira, de 1757, tem uma fachada nobre e severa, com vergas retas típicas do período. A segunda mais para o fim do século, oferece o aspecto de um solar pombalino, apresentando novas modalidades (...) cunhais de pedra em forma de colunas sustentando a cimalha; às portas principais com verga curva e as de peitoril do primeiro andar decoradas com molduras. O todo tem uma grande nobreza e placidez. E dizer-se que era um trapiche!

A figura a mostrar a parte do edifício que olhava para o mar nos dá uma minúcia preciosa: os guindastes de roda da época, que ficavam protegidos dentro do trapiche e dali carregavam diretamente para as embarcações. Eram êles movidos por dois negros que dentro da roda grande, subiam pelas travessas ou degraus da mesma, como por uma escada.

José da Silva Lisboa, em carta de 18-10-1781 informava que "o commercio de exportação he muito importante. A Bahia fornece mais carga aos seus navios, do que nenhuma outra cidade do Brazil".(47)

Os dois Desenhos são:

Primeiro - Plantas, Fachadas e Profis do Trapiche de Barnabé Cardozo desta Cid.^e da B^a, assinadas e datadas por José Antonio

Caldas, em 16 de outubro de 1757;

Segundo - Prédio do Trapixe, constante de 2 (dois) "desenhos a nanquim aquarelados, sem assinaturas e sem data. Um traz a legenda: Este he o Prospecto de toda a galeria q. faz frente para a parte da Rua, q. tem de comprimento 236 pelnos (...) e o outro Frente da parte do Mar, que tem de comprimento 246 palmos". A Foto nº 16 reproduz a pg. 58 do Álbum.

Voltando a Vilhena, verificamos que do Pilar até a Água de Meninos, continuava a rua principal com algumas voltas, "segundo as que faz o pé da montanha, e depois de comprida distância acompanhada tôda de casas, e cortumes, desagradáveis pelo fétido, se chega a um largo alegre e desafogado", Água de Meninos.

Prosseguindo na direção Norte, já aqui no trecho final da Cidade Baixa, até o Noviciado da Encarnação, a rua continuava a "correr da marinha com casas por um, e outro lado até a capela de S. Francisco de Paula, aonde continuando, só fica pela parte do mar, o insignificante Forte de Santo Antonio, ou dos Franceses" (...) e dali até o Noviciado da Encarnação, que foi dos Jesuítas corre pela parte do mar um muro terraplenado com seu parapeito, com capacidade de montar artilharia, devido à atividade do Governador, e Capitão-General o exmo. Manuel da Cunha; pela parte da terra, e na falda da montanha escarpada, seguem casas até o Noviciado, e aí termina a Cidade Baixa".

Fora da área propriamente urbana, "começa a vargem e alagadiços de Itapagipe; continuando três diferentes caminhos; um pela praia chamado da Jequitaiá até a ponta de Monserrate; outro para o Bonfim, ou Itapagipe de Baixo; e o terceiro para Itapagipe de Cima, indo procurar a Praia do Papagaio, que fica pela parte posterior do Noviciado, de forma que o torrão a que chamar Itapagipe, é uma verdadeira península, e não tardando muito há de ficar perfeita ilha, visto que já em águas grandes, a maré se comunica de uma para outra parte, a pouca distância do Noviciado".(43)

A descrição de Vilhena da Cidade Baixa, precisa e concisa, pela sua clareza, deu lugar a que dois dos membros da Equipe Técnica desta Frejeto, que tiveram oportunidade de conhecer a Cidade do Salvador nos anos 20 (vinte) dessa centúria, reconhecessem facilmente a maior parte da área urbana descrita pelo Professor Régio de Grago, notadamente na 1 - Preguiça; 2 - Trecho da Praça Visconde de Cairú à Praça Conde dos Arcos, das ruas Portugal e Conselheiro Dantas para a Montanha; 3 - Pilar até o Noviciado, no que concerne à rua Principal de 1800, podendo, por conseguinte, avaliar a qualidade do trabalho do Autor das Cartas Soteropolitanas.

Verifiquemos, na Cidade Alta, alguns pontos abordados por Vilhena:

1 - Ao tratar da Ladeira da Preguiça e seu braço no sentido do Convento de Santa Tereza, assim continua o referido trecho: "convento de Santa Tereza, donde continuando no mesmo rumo do Sul, forma a rua chamada do Sodré que vai finalizar em outra rua, que correndo de Oeste para Leste, começa no cimo da colina junto ao Hospício de Jerusalém dos Leigos da Terra Santa, e vai finalizar por detrás da igreja de S. Pedro Velho; e paralelas àquela do Sodré correm as duas do Areal de Cima, e Areal de Baixo pelo Poente, quando pelo nascente lhe correm também paralelas a rua debaixo de S. Bento e a rua Larga de S. Pedro, a mais direita, larga e alegre que tem a cidade tôda".

Igualmente reconhecível na Cidade de hoje essa descrição, mesmo considerando-se as alterações verificadas a partir da segunda década do novecentos;

2 - Ao tratar da Ladeira do Taboão, Vilhena a descreve bem até a Baixa dos Sapateiros - onde quebrava a montanha, isto é, indicação de uma garganta - estabelecendo as suas ligações com o Pelourinho, o Carmo, a rua do Taboão, e aquela que indo para a "parte de terra, estreita e escura, que a pouca distância faz volta para o Oriente, e

aí começa uma calçada íngreme chamada a Ladeira do Álvaro" - do Alv'o na linguagem popular, como se conservou - "no cimo da qual começa o bairro de N. S. da Saúde, quase todo de casas térreas, e de pouca espectralção";

3 - Prosseguindo até Santo Antônio além do Carmo, cuja rua era para Vilhena, "um séquito da rua principal da Cidade Alta" até a Igreja de S. Antônio além do Carmo e fortaleza vizinha, acrescentando "e logo continua por uma ladeira calçada, a que chamam de S. Antonio, e chegando à Água Brusca sobre outra vez, e a pouca distância fica uma capela de S. José dos Agonizantes, onde começa outra vez a povoação por uma rua larga, ou ladeira acompanhada de casas, pela maior parte térreas, até o convento da Soledade, onde finaliza a Cidade Alta; daí para o Norte continua por entre roças e estrada principal que entra na Bahia, chamada vulgarmente das Boiadas", atual Estrada da Liberdade - "por entrarem por ela tôdas as que dos sertões descem para a Bahia."

É outra descrição facilmente compreensível sem necessidade de comentários.

Quanto à parte restante da Cidade Alta, excusou-se o Professor Régio de descrevê-la, pelos motivos seguintes: "Não me intrometo, meu amigo, em descrever-te a particular direção de cada uma das ruas do interior da Cidade Alta, por ser trabalho, que não merece a pena, atenta a desigualdade do terreno em que está situada, e por ser labirinto, de que me seria dificultoso sair, por ignorar a maior parte dos nomes, das que são menos públicas, tanto travessas, como becos; há na Cidade Alta sem fazer conta das descidas para a Fraia, de que acabei de falar, não menos de 38 subidas, tendo a certeza de que não são poucas as de que não me lembro."(49)

Assim conclui Vilhena a parte de suas Cartas dedicada à descrição geral da Cidade do Salvador, no fim do setecentos soteropolitano. Reconhecemos a grande dívida que têm os estudiosos da Cidade

para com Luís dos Santos Vilhena, pela segurança de suas descrições, sobretudo da Cidade Baixa e da rua principal da Cidade Alta e trechos próximos a ela, inclusive no que concerne à nomenclatura dos logradouros públicos. É, de fato, documento indispensável ao entendimento da Salvador de 1800.

Nas demais Cartas, Vilhena aborda aspectos importantes da vida baiana de sua época, a saber: na 3ª informa sobre a ordem política e o governo econômico da Cidade; na 4ª, cogita de assuntos ligados ao que chamaríamos hoje de Saúde Pública; na 5ª, da economia rural; a 6ª é ocupada pela minuciosa descrição relativa à Função Defender, no que concerne às Fortificações, e a 7ª, idem, agora sobre a guarnição; a 8ª dá uma breve noção dos estudos da Bahia; do Governo Civil da Bahia ocupa-se a 9ª e da Justiça e Fazenda a 10ª, estando na 11ª um catálogo de Governadores, Vice-Reis e Governos Gerais da Bahia; o Governo Eclesiástico é o assunto da 12ª. A partir da 13ª, Vilhena passa a tratar de assuntos fora da Cidade do Salvador.

Citemos, só para exemplificar, certos pontos importantes contidos nas Cartas referentes a Salvador, por onde se verificará a minudência de Vilhena:

I - Na Carta I, o tópico relativo às Paróquias é precioso, sobretudo por possibilitar comparação com o que escreveu Gabriel Soares, duzentos anos antes. No livro em exame, o Autor relaciona todas as Paróquias da Cidade, Freguezias, Matrizes, Igrejas, Conventos, Hospícios, Recolhimentos e Capelas, com as respectivas localizações, possibilitando o competente Mapeamento, seja no que se refere à área urbana, seja no concernente ao Térmo da Cidade. Apresentamos o Quadro Sinóptico I, que sintetiza o assunto. (50)

II - Na mesma Carta, ao tratar dos Edifícios Nobres, fornece valiosas notícias sobre os mesmos, detalhando a Sé Catedral com explicações sobre o seu estado na época, dizendo: "Era a sua frontaria

tôda de pedra do país, lavrada, e ornada de colunas retorcidas~~as~~, com duas esbeltas e elevadas tôrres, tôdas da mesma pedra, situada no cimo da montanha, com portas para o Ocidente/ (...) "Destas tôrres se arruinou a da parte do Sul, e algumas poucas pedras do frontispício, e isto por gener a sua base instável debaixo de tão enorme peso". Mais adiante, depois de informar sobre as medidas tomadas para proteger a Sé, sem resultado, pelo que "a Sé se arruinou, vindo a ser demolido todo o frontispício e tôrres" (...) "Quando nos fins de 1787 cheguei a esta cidade vi ainda tôda a grande Praça de Jesus", o Terreiro, "cheia de pedraria tirada daquela demolição, à exceção das colunas, bases, e capitéis que ficaram, e existem dentro no adro da Sé; notei porem com admiração, que dentro em dois anos desapareceu inteiramente tôda aquela pedra, ficando a praça limpa".

Em seguida, dá minuciosa descrição das Casas do Senado da Câmara, no seu entender, um dos mais notáveis edifícios públicos de Salvador e refere-se aos Currais do Conselho, "obra tal, que daquele gênero se duvida haja semelhante, não só nas vilas, e cidades da América Portuguesa, como nem ainda nas de Portugal, sem excetuar a capital"; ao Aquartelamento do 1º Regimento de Linha, e a Casa da Alfandega. (51)

Na 2ª Carta, Vilhena descreve o Palácio dos Vice-Reis, considerando-o "uma casa não muito decente para os exmos. Governadores, e muito principalmente se são casados, por não ter os cômodos precisos para as suas indispensáveis famílias de um, e outro sexo", seguindo-se completa e clara descrição de sua disposição das diversas peças que o constituíam. (52)

III - Aborda o problema das Fontes Públicas na mesma epistola segunda, considerando a de S. Pedro, perto do Forte de S. Pedro aquela "cuja água é de todas a melhor quanto à qualidade; tal que eu duvido sejam ai" - em Portugal - "melhores a do Espargal, e Pimenteira; desta bebem todos os que ficam mais próximos, e muitos ainda que

moram distantes, e têm escravos que lhe carretem; sendo esta preferível a tôdas as mais águas".(53)

IV - Na 4ª Carta, que versa sobre assuntos ligados à Saúde Pública, Vilhena presta detalhada informação sobre o Rio das Tripas, a saber: "um grande brejal, ou pântano, o qual pela parte do Leste, donde, como já te disse, são infalíveis as virações todos os dias, nasce no fundo da cêrca do mosteiro dos Beneditinos, corre acompanhando a cidade até além do convento do Carmo, e formando um riacho, a que chamam o rio das Tripas; é êste cheio de milhares de sevandijas, e répteis, como cobras, e sapos peçonhentíssimos, e imundicies a monte; além de que no verão ficam por muitas partes charcos profundos, cuja água apodrece com o calor, e todo êle avapora eflúvios, que infeccionam a cidade, motivando sezões, e febres mortais; além de outras enfermidades, em que a Bahia pouco cede hoje às povoações que temos em África."(54)

Na Carta VI, dedicada à Defesa, Vilhena inspira-se bastante em Caldas, apresentando um inventário das Fortificações, com as respectivas Plantas, copiadas das insertas na Notícia Geral, exceto das que foram levantadas posteriormente à publicação desta, como a do Reduto de São Fernando, "construido de faxina e terra a meia Ladeira do oiteiro contíguo a Capella de Santo Antonio da Barra, em posição a distancia dominante do dezerbarque que lhe fica em frente".(55)

A Carta XII dá "uma recopilada notícia do govêrno eclesiástico", até o fim do século XVIII, abarcando a Arquidiocese da Bahia, as Casas Religiosas e Recolhimentos existentes, seguidas de um catálogo cronológico de todos os Bispos e Arcebispos; de uma memória de tôdas as Freguesias, terminando com a despesa anual da Real Fazenda com a Fôlha Eclesiástica do Arcebispado. Aqui, Vilhena segue ainda a mesma linha de Caldas na Notícia Geral, atualizando-a.(56)

Fundamental, como observámos, é o depoimento de Luís dos Santos Vilhena, como Fonte muito importante para o conhecimento da

Cidade do Salvador, nos últimos anos do setecentos baiano.

Comparando-se as precisas informações do Professor Régio de Grêgo e as demais Fontes escritas compulsandas, com as excelentes Plantas de José Azevedo Galeão - 1785 - e de José Joaquim Freire - 1798 - foi possível o Mapeamento da Cidade do Salvador em 1800, com relativa segurança. (VER DESENHO OT).

O século XIX teria início com a Cidade do Salvador ostentando o delineamento urbano definido, a partir do núcleo inicial, seja na Cidade Alta - o Bairro da Sé - seja na Cidade Baixa - o Bairro da Praia. No primeiro caso a dominante artéria era ainda linear, na rua Direita de origem, que, já agora, ia do Forte de São Pedro, ao Sul, ao Forte de Santo Antonio Além do Carmo, ao Norte, com prolongamento linear até o Largo da Lapinha, prosseguindo daí, pela Estrada das Boiadas, para o interior. Todavia, do Núcleo Matriz irradiara para todos os lados da Campanha, ocupando as terras originariamente cobertas de matas e roças, aos poucos conquistadas pela expansão urbana da Cabeça do Brasil, a partir do século XVII, com a conquista da segunda linha de cumeeada, dando lugar a novas construções nos Bairros resultantes desse desenvolvimento centripeto.

Na Cidade Baixa, mais marcante era a dominante linear, imposta pelas próprias condições do meio físico, em vista da estreita faixa existente entre o mar e a falha geológica. Começava por uma ocupação difusa do Unhão à Preguiça, tornava-se contínua desse ponto até São Joaquim atual, onde estava o Noviciado dos Proscritos Jesuítas, segundo informa a legenda do pé de página da correta planta que contém os "Mais Nobres e Necessários Edifícios" da Salvador de então. Daí para o Norte a ocupação era também difusa.

Em profundidade, na Cidade Alta, indo na direção do Nascente a ocupação era variável, tênue em certos trechos e mais espessa em outros, numa forma aproximadamente triangular - São Joaquim - Forte de

São Pedro - Dique da Fonte Nova - com densidades populacional e urbanizada variáveis.

7. Além dos pontos mencionados, havia acesso e povoamento rarefeito ^{de} Vitória, Graça, Barra e Rio Vermelho ao Sul; Calçada, Monteserrate, Bonfim e Ribeira em Itapagipe, ao Norte e Brotas a Este, em cujos sítios predominava a grande propriedade, com plantações, inclusive frutífera.

QUADRO SINÓPTICO I

PARÓQUIAS E FREGUESIAS DO TERMO DA CIDADE DO
SALVADOR EM 1800, SEGUNDO VILHENA

PARÓQUIAS

Havia 7 (sete) Paróquias, a saber: Começando pelo Sul

I - Matriz de Nossa Senhora da Vitória

4 Igrejas Filiais: Capela de Santo Antonio da Barra; S. Gonçalo, S. Lazaro e a de Madre de Deus, além do

Convento de N. Senhora da Graça - Beneditinos
N. Senhora das Mercês - Convento das Ursulinas

II - Freguezia de São Pedro Velho, com duas Filiais

N. Senhora da Barroquinha
N. Senhora do Rosário dos Pretos na rua de João Pereira

Mosteiro de S. Bento
Mosteiro de Santa Teresa, de Carmelitas Descalços
Mosteiro de N. Senhora da Piedade, de Capuchos italianos

Convento de N. Senhora da Conceição da Lapa
Hospício dos Leigos da Terra Santa
Recolhimento de São Raimundo

III - O Curato da Sé Catedral, com três (3) Filiais

Igreja de N. Senhora da Ajuda, 1ª Catedral antes da Sé
Capela de S. Miguel

Igreja dos Terceiros de S. Domingos
Capela de N. Senhora da Guadalupe, que é dos pardos
Igreja do Colégio, que foi dos Jesuítas

Convento dos Franciscanos - grande
Capela de sua Orden Terceira - magnífica

Misericórdia com o seu Recolhimento

IV - Freguezia de Nossa Senhora da Conceição da Praia, com Filiais

Igreja do Corpo Santo
Capela do Morgado de Santa Barbara

Hospício de S. Felipe Néri - insignificante - no sítio da
Preguiça

V - Freguezia de Santa Ana do Sacramento, com Filiais

Capela de Santo Antonio da Mouraria
Capela do 2º Regimento de Linha desta praça
Capela de N. Senhora do Rosário do 1º Regimento
Capela de N. Senhora de Nazaré
Capela de N. Senhora da Saúde

Convento das religiosas de Santa Clara do Desterro - grande Hospício de N. Senhora da Palma de religiosos de Santo Agostinho da terceira ordem

VI - Freguezia de N. Senhora do Pilar na Praia, com Filiais
Capela da Santíssima Trindade no Rosário
Capela de S. Francisco de Paula
Hospício do Pilar, de religiosos do Carmo

VII - Freguezia de N. Senhora do Rosário do Sacramento, com uma única Igreja Filial, a de N. Senhora do Rosário dos Pretos na Baixa dos Sapateiros
Convento de N. Senhora do Monte do Carmo

VIII - Freguezia de Santo Antonio além do Carmo, com Filiais
Capela de N. Senhora da Conceição dos Pardos
Capela de S. José dos Agonizantes
Capela de N. Senhora da Lapa
Convento de N. Senhora da Soledade, religiosas Ursulinas
Recolhimento das Beatas do Senhor Jesus dos Perdões

FREGUEZIAS que há no TÉRMO desta cidade, segundo as notícias que tenho podido conseguir.

I - Freguezia de N. Senhora das Brotas, divide com a de S. Pedro Velho e com a de Santa Ana pela parte do Sul, no Dique que por ali circula a cidade; pela parte do Norte divide com a Freguesia de S. Antonio além do Carmo; pelo Leste com a de Santo Amaro do Ipitanga e por ali corre pela costa ocupando de Norte e Sul mais de 4 léguas e duas e meia de Leste a Oeste. Tem 3 (tres) Filiais:

Capela de N. Senhora da Luz
Capela de N. Senhora da Boa Vista
Capela de Santo Antonio

Os rios que por ela passam são:

Camorojipe, que na costa vai fazer barra com o Rio Vermelho; Santo Antonio das Pedras, que igualmente desagua na Costa Jaguaripe. Distam uns dos outros uma légua com pouca Diferença; nenhum porém é navegável.

II - Freguesia de Santo Amaro do Ipitanga, divide pelo Sul com a de Brotas; pelo Norte com o rio Subauma, que separa o termo da cidade com o rio Real, termo da vila de N. Senhora da Abadia, e ocupa de Norte a Sul 21 (vinte e uma) léguas, passam por ela o rio de Joanes, que dista uma légua da Matriz e

faz barra na costa do mar largo, admitindo por pouca distância a simples navegação de canoas e jangadas, e tem o seu nascimento no termo da vila de S. Francisco.

Hospício dos padres, que foram da Companhia, a que chamam Aldeia do Espírito Santo.

O rio Jacuipe dista 5 (cinco) léguas do Joanes; é, igualmente, de pouca navegação para as mesmas embarcações; faz barra na costa, e traz a sua origem do termo da vila de Santo Amaro da Purificação.

Três (3) léguas para o Norte faz barra o rio Pojuca, com igual navegação de canoas, e pequenos saveiros, e duas léguas antes de chegar a ele fica a

Capela de São Bento, em uma aldeia chamada Monte Gordo, quando junto à sua barra fica a Casa da Torre de Garcia d'Ávila, com a Capela de N. Senhora da Conceição e pequena povoação; e aí se vê ainda uma insignificante plataforma de trincheira de terra, com algumas peças de ferro, carcomidas, a qual flanqueia o mar; traz o rio Pojuca a sua origem do termo da vila de Cachoeira.

Poucas léguas ao Norte faz barra na costa o rio Sauipe, que admite semelhante navegação por curta distância; junto às suas margens assistem diversos moradores em pequenas povoações; vivendo todos das suas lavouras, e todos muito pobres; tem a sua nascença junto do Outeiro Redondo, na borda da mata, termo da vila de S. João da Água Fria.

Algumas léguas diante deságua na costa o rio Sabaúma, que tem a sua origem no termo da mesma vila. A sua barra da entrada por maior distancia para o continente a lanchas, que vão carregar de farinhas e outros mantimentos, em que os moradores das suas margens comerciais. Antes de chegar à barra dêste rio, está uma missão dos padres de Missão dos Padres de Santa Teresa, e dentro mais das terras fica Capela de Santo Antonio de Capoame. Neste rio divide por aqui o termo da cidade da Bahia com aquele da vila de N. Senhora da Abadia.

III - A Freguesia de N. Senhora da Penha de Itapagipe, divide pelo Sul com a de Santo Antonio além do Carmo; pelo Este com a de N. Senhora das Brotas; e pelo Norte com a de S. Bartolomeu de Pirajá. Tem por Filiais:

Igreja do Senhor do Bonfim, hoje de muita devoção

Capela de N. Senhora dos Mares

Capela de São Caetano

Capela de N. Senhora da Conceição

Convento de N. Senhora da Boa Viagem, de Franciscanos, povoado sempre por um ou dois religiosos, e algum negro;

Convento de S. Senhora de Monserrate, na ponta que dêle toma o nome, Benedictino, habitado sempre por um único religioso e um negro.

- IV - A Freguesia de S. Bartolomeu de Pirajá, divide pela parte do Sul com a de N. Senhora da Penha, e pelo Norte com a de N. Senhora do Ó; tem 3 (três) Capelas Filiais, e terá légua e meia de extensão.
- V - A Freguesia de N. Senhora do Ó de Paripe divide pelo Sul com a precedente, e pelo norte com a de S. Miguel de Cotegipe, ocupa 3 (três) léguas de distância de Norte a Sul; tem 3(três) Capelas Filiais, sendo uma delas a de Capela de São Tomé
- VI - A Freguesia de S. Miguel de Cotegipe, divide pelo Sul com a de N. Senhora do Ó de Paripe; pelo Norte com a de N. Senhora da Piedade de Matoim; ocupa de Norte a Sul duas (2) léguas de distância, e tem por Filiais as Capelas dos diferentes Engenhos, que nela se compreendem.
- VII - A Freguesia de N. Senhora da Piedade de Matoim, divide pelo Sul com a precedente, e pelo Norte com a de N. Senhora da Encarnação de Pacé, quando pelo Leste com a de Santo Amaro do Ipitanga; tem igualmente suas Capelas Filiais, e ocupa de Norte a Sul 2(duas) léguas de extensão.
- VIII - A Freguesia de N. Senhora da Encarnação de Pacé, confina pelo Sul com aquela de Matoim, e pelo Norte com o termo da Vila de S. Francisco na Freguesia de N. Senhora da Madre de Deus; assim como confina com a Freguesia de Senhor do Bonfim junto a de Mata de S. João, contém igualmente suas Capelas Filiais.
- IX - A Freguesia do Senhor do Bonfim junto à Mata, é a última do Termo da cidade para esta parte, confina com a precedente com o Termo da vila de S. João da Água Fria, e com o da vila de N. Senhora da Abadia; tem por Filiais Capela dos Engenhos da Mata de S. João e da Pojuca, e não sei se alguma outra.

Tôdas as 5 (cinco) Freguesias precedentes a esta têm a frente para o mar dentro da baía, correndo a sua marinha de Norte para Leste; nelas se acham situados diferentes engenhos, e fazendas, cujos portos são frequentados de muitas embarcações, e além destes há outros muitos portos dentro nos mangues que dão serventia a alguns engenhos retirados das praias, mas em lugares onde sobem as marés.

Compreende também o Termo da cidade a ilha de Itaparica, que fica defronte.

Na sua ponta do Norte '...' se acha a fortaleza de S. Lourenço '...' e uma grade povoação de bastante comércio no tempo da pescaria das baleias, por ser naquele sítio a fábrica, onde se faz o azeite destes monstros marinhos. Contém a ilha 2 (duas) Freguesias

- 1 - a de Santa Vera Cruz
- 2 - a de Santo Amaro, cada uma das quais tem suas Capelas Filiais.

N O T A S2º PERIODO

- 01 - BOXER, Charles R. A Idade de Ouro do Brasil, São Paulo, Companhia Editôra Nacional, 1963. Cap. VI, p. 124
- 02 - I D E M, Cap. VI, p. 124
- 03 - TAUNAY, Affonso d'Escragndle. Na Bahia Colonial 1610 - 1764. Separata da Revista do Instituto Histórico, p. 16
- 04.- I D E M, p. 267
- 05 - I D E M, p. 270 - 271
- 06 - I D E M, p. 289
- 07 - I D E M, p. 290
- 08 - I D E M, pp. 291 - 293
- 09 - I D E M, p. 297
- 10 - BOXER, Charles R. op. cit., Cap. VI, p. 125
- 11 - TAUNAY, Affonso d'Escragndle. pp. 300 - 305
- 12 - I D E M, pp. 311 - 313
- 13 - I D E M, p. 300
- 14 - I D E M, p. 334
- 15 - I D E M, p. 342 - 348
- 16 - I D E M, p. 356 - 364
- 17 - I D E M, p. 368 - 369
- 18 - TAUNAY, Affonso d'Escragndle. op. cit., p. 359
- 19 - FORTES, Manoel de Azevedo. O Engenheiro Portuguez: Dividido em Dous Tratados. Lisboa Occidental, na officina de Manoel Fernandes da Costa, Impressor do Santo Officio, MDCCXXIX. Tomo Segundo, Ante Rosto.
- VITERBO, Souza. Diccionario Historico e Monumental dos Architectos Engenheiros e Construtores Portuguezes ou a Serviço de Portugal. Póstumo Publicado pela Accademia das Sciencias de Lisboa. Lisboa, Imprensa Nacional, 1922. Vol. II, p. 154.

- 20 - VITERBO, Souza. op. cit., Vol.II, p. 154
- 21 - VILHENA, Luís dos Santos. A Bahia no Século XVIII. Bahia, Editora Itapua, 1969. Vol II, p. 406.
- 22 - VILHENA, Luís dos Santos. op. cit., Vol. I, entre pp. 12 - 13
- 23 - FERREZ, Gilberto. As Cidades do Salvador e Rio de Janeiro no Século XVIII, Album Iconográfico comemorativo do Bicentenário da Transferência da Sede do Governo do Brasil. Rio de Janeiro, Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1963. p. 6.
24. CALDAS, José Antonio. Notícia Geral de toda esta Capitania da Bahia., Explicassam da Planta, Apêndice. Salvador, Tipografia Beneditina Ltda., 1951.(Edição Fac. Similar)
- 25.- MARTINS, Wilson. Historia da Inteligência Brasileira. São Paulo, Cultrix - Editora da Universidade de São Paulo, 1976. Vol.I, p. 309
- 26 - SILVA, J. M. Pereira da. In: MARTINS, Wilson. op. cit., Vol.I, p. 310.
- ~~27 - SILVA, J. M. Pereira da.~~
27 - PITA, Sebastião da Rocha. Historia da América Portuguesa, Belo Horizonte, Editora Itatiaia; São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1976. pp. 46 - 50
- 28 - Carta Régia de 15 de janeiro de 1699, dirigida a Dom João de Lencastro. In: AMARAL, Braz do. Memorias Históricas e Políticas da Província da Bahia do Coronel Ignácio Accioli, Bahia, Imprensa Official do Estado, 1925. Vol. II, Nota 27, p. 291
- 29 - SMITH, Robert. Arquitetura Jesuítica no Brasil. São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1962. p. 41.
- 30 - CALMON, Pedro. Historia do Brasil. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1959. Vol. IV, p. 1271
Será João Rodrigues Ribeiro, o mesmo Antonio Rodrigues Ribeiro, citado por Robert Smith? (ver nota 029)
- 31 = VITERBO, Souza. op. cit., Vol. I, p. 2

- 32 - I D E M, Vol. I, p. 89
- 33 - I D E M, Vol. I, pp. 264 - 265
- 34 - I D E M, Vol. I, p. 167
- 35 - I D E M, Vol. I, pp. 167 - 168
- 36 - Vistoria na Ladeira da Misericórdia. Alinhamentos e Vistorias.
Arquivo Publico Municipal, Arm. 61, Livro nº 17, pp. ¹⁰⁰⁻101-102
- 37 - CALDAS, José Antonio. Notícia Geral de Toda Esta Capitania da
Bahia Desde o Seu Descobrimto Até o Presente Ano de 1759,
Edição Fac - Similar, *op. cit.*, S/N: _____ Itua.,

- 38 - I D E M, pp. 4 - 6
- 39 - I D E M, p. 428
- 40 - I D E M, p. 65
- 41 - I D E M, pp. 391 - 442
- 42 - RUY, Affonso. Historia Política e Administrativa da Cidade do
Salvador. Publicação da Prefeitura Municipal do Salvador come-
morativa do IV Centenário da Cidade, Coleção Evolução Histori-
ca da Cidade. Bahia, Tipografia Beneditina Ltda., 1949. Vol. I,
pp. 318 - 324.
- 43 - VILHENA, Luis dos Santos. A Bahia no Século XVIII. Bahia, Editora
Itapuã, 1969. Vol. I, Carta I, pp. 44 - 46
- 44 - I D E M, Vol. I, Carta II, pp. 93 - 100
- 45 - CARNEIRO, Edison. In: VILHENA, Luis dos Santos. *op. cit.*, Apresen-
tação, S/N.
- 46 - VILHENA, Luis dos Santos. *op. cit.*, pp. 94 - 99
- 47 - FERREZ, Gilberto. *op. cit.*, pp. 58 - 59
- 48 - VILHENA, Luis dos Santos. *op. cit.*, p. 101
- 49 - I D E M, pp. 94 - 102
- 50 - I D E M, pp. 46 - 50
- 51 - I D E M, pp. 67 - 70

52 - I D E M, pp. 65 - 96

53 - I D E M, p. 103

54 - I D E M, pp. 62 - 63

55 - I D E M, p. 215

56 - I D E M, pp. 439 - 464